

ELISIANE PASINI

**“CORPOS EM EVIDÊNCIA”, pontos em ruas, mundos
em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas
sob a orientação da Prof^a. Dr.^a Maria Suely Kofes

Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em
__/__/__.

BANCA

Prof^a. Dr.^a Maria Suely Kofes
Prof^a. Dr.^a Mariza Corrêa
Prof^a. Dr.^a Adriana Piscitelli

Maria Suely Kofes
Mariza Corrêa
Adriana Piscitelli

MAIO/2000

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	T/UNICAMP
	P 263 c
V.	Ex.
TOMBO BC/	41938
PROC.	278/00
C ☐	D ☒
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	30-08-00
N.º CPD	

CM-00142846-0

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

Pasini, Elisiane
P 263 c “Corpos em Evidência”, pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo / Elisiane Pasini. - - Campinas, SP : [s.n.], 2000.

Orientador: Suely Kofes.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Prostituição. 2. Corpo. 3. Relações sexuais. 4. Mulheres.
I. Kofes, Suely. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Dedico minha dissertação ao meu pai Lordinilo Pasini e a minha mãe Malvina J. C. Pasini. Sem vocês nada disso faria sentido!

Também dedico minha dissertação a memória de Carol que permanecerá eternamente viva em meus escritos.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

AGRADECIMENTOS

À minha família, por sempre estar presente em minha vida. Mesmo sem saber quais eram e apesar da saudade e das preocupações, apoiaram os caminhos que escolhi. Meu pai Lordinilo, minha mãe Malvina, meus irmãos Vera, Eliete e Elton, meus cunhados Sérgio e Paula, obrigado por estarem ao meu lado. Em especial a minha irmã Ele, por me dar a segurança necessária para sonhar e também a minha sobrinha Rinália, espero que um dia ela consiga entender porque tive que morar tão longe.

A Claudia Fonseca, que ensinou Antropologia e o quanto é preciso desconfiar de um único “olhar”. O começo de tudo está com ela.

A Mariza Corrêa, que desde o começo fez da UNICAMP um espaço de aprendizagem e de afetos. Jamais esquecerei teu carinho, tua “proteção” e teu entusiasmo. Tua disponibilidade de ensinar sempre será um bom exemplo.

A Suely Kofes, com quem aprendi Antropologia, aprendi a ser antropóloga, aprendi a aprender. Obrigada pelo respeito e pelo diálogo. Ao teu lado fiz do período da escrita um momento de aprendizagem, de reflexão, de descoberta e de felicidade.

À Banca Examinadora da Qualificação, Mariza Corrêa e Adriana Piscitelli, pelas brilhantes sugestões e pelo eterno apoio.

A Alinne Bonetti, minha irmã de coração, que sempre esteve ao meu lado disposta a escutar, a pensar, a chorar, a criar, a ensinar e a viver. Teu amor e tua generosidade são fundamentais em minha vida.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

A Heloísa H. S. Paim, por se fazer presente mesmo estando distante. Muitas vezes teu brilhantismo foi inspiração para a continuação do meu trabalho. Certamente teu amor, cuidado e respeito são constituidores da minha vida.

A Marko Monteiro, que, à sua maneira, sempre esteve presente. Certamente que minha vida em Campinas ao teu lado é mais prazerosa. Tenho certeza de que juntos aprendemos muito sobre Antropologia e também sobre a vida.

A Paula C. de Almeida, que sempre apoiou e acreditou nos meus sonhos.

A Marcos Benedetti, que sempre foi uma fonte de sentimentos e de ensinamentos.

A José Cláudio Vidal, que nunca desistiu de mostrar o quanto a escrita é uma importante aliada. Certamente ninguém conhece meus escritos tanto quanto tu. Obrigada também pelo eterno carinho, pelo respeito e pela paciência.

A Benedito Medrado, pelo amor, pela generosidade e pelas dúvidas colocadas sobre minhas certezas. Jamais esquecerei de tua paciência e dedicação em ouvir minhas histórias quando retornava do trabalho de campo. A Carlos Passareli, que mesmo sem me conhecer “liberou” sua casa e tornou-se um interlocutor.

A Sandra Unbenhaum, por ter acreditado no meu trabalho e por estar constantemente pensando comigo. Tuas sugestões também são formadoras deste trabalho.

A Maria Clara Mocellin, pela disponibilidade em apoiar e fortalecer meus desejos sem nunca desconfiar deles.

Aos amigos Cabeto, Ju, Giba, Grethio, Pitô, Caí e Marina, que me ajudaram a gostar de estar em Campinas e, dessa forma, alegraram meus dias de escrita. Nossas diferenças foram estímulos do cotidiano. Em especial ao Marcelo por acreditar e fortificar minhas escolhas. Também ao Rafa que, nos últimos tempos, esteve intensamente presente.

A organização não governamental Núcleo de Estudos da Prostituição (Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul), representada por Tina Taborda, por todo o apoio e respeito pela pesquisa. E, também, a Associação Piracema (São Paulo, Estado de São Paulo), representada por Leandro Feitosa Andrade pelo “impulso” inicial da pesquisa.

A Cristiane, Luciana e Késsia, pelas inúmeras horas de conversas e aprendizagem e, principalmente, por me receberem na rua e se dedicaram intensamente a ajudar na pesquisa. Certamente com vocês conheci mais do que prostituição, conheci a vida.

A todos os amigos que estiveram ao meu lado.

Aos componentes do GESMAP (Grupo de Estudos de Masculinidade e Paternidade) e do Grupo de Estudos sobre Relações de Gênero na UNICAMP, pelos diversos momentos de aprendizagem em conjunto.

À Fundação Carlos Chagas, pela seriedade, pelo respeito e pela oportunidade de realizar uma pesquisa.

Ao CNPq, pelo incentivo à pesquisa.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

RESUMO

Este é um estudo antropológico sobre a prostituição feminina em ruas localizadas na região da Rua Augusta na cidade de São Paulo (estado de São Paulo). O trabalho trata de compreender como suas práticas corporais expressam uma “performance” enquanto garota de programa e, ao mesmo tempo, uma divisão entre a vida na prostituição e a vida fora da prostituição – no âmbito familiar, doméstico. Para tanto, a pesquisa apresenta elementos sobre o cotidiano dessas garotas nas ruas de prostituição e sobre o que dizem a respeito de suas vivências extra profissionais. O enfoque principal da dissertação está em seus relacionamentos comerciais e afetivos.

ABSTRACT

This is an anthropological study of female prostitution in the streets around Augusta Street, city of Sao Paulo (Sao Paulo State). The research seeks to understand how their bodily practices express a performance of themselves as prostitutes, while at the same time constituting a distinction between life in prostitution and out of it - in their domestic and intimate life. The research thus brings elements of those women's daily lives and their discourse about their nonprofessional activities. The main focus of this dissertation is in their commercial and affectionate relationships.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
-------------------	-----------

CAPÍTULO 1. O CAMPO DE DISCUSSÕES SOBRE A PROSTITUIÇÃO NO BRASIL: UMA PROPOSTA DE DIÁLOGO	06
--	-----------

CAPÍTULO 2. A PESQUISA DE CAMPO

2.1. UMA FORMA DE FAZER – O MÉTODO ETNOGRÁFICO	25
2. 2. CONHECENDO AS GAROTAS DE PROGRAMA	30
2.3. LUGARES DE PROSTITUIÇÃO	35
2. 3. 1. PONTOS DE PROSTITUIÇÃO	43

CAPÍTULO 3. COTIDIANO DAS GAROTAS DE PROGRAMA

3.1. O CENÁRIO DA PROSTITUIÇÃO	
3. 1. 1. O COTIDIANO NAS RUAS DE PROSTITUIÇÃO	70
3. 1. 2. A SEDUÇÃO COMO NEGÓCIO – O NEGÓCIO COMO SEDUÇÃO	79
3. 1. 3. A RELAÇÃO ENTRE GAROTA DE PROGRAMA E CLIENTE	88
3. 1. 4. PROGRAMA: O LOCUS DA RELAÇÃO CLIENTE E GAROTA DE PROGRAMA	95

CAPÍTULO 4. A GAROTA DE PROGRAMA FORA DA PROSTITUIÇÃO

4.1. A CASA PELA RUA	104
4.2. OS RELACIONAMENTOS AFETIVOS DAS GAROTAS DE PROGRAMA	107
4.2.1. RELACIONAMENTOS HOMOSSEXUAIS	108
4.2.2. RELACIONAMENTOS HETEROSSEXUAIS	119

CAPÍTULO 5. CORPOS: OS DIVISORES DE MUNDOS

5.1. CORPOS NOS PONTOS	123
5.2. O CORPO EM RELAÇÕES	
5.2.1. O Corpo: Higiene - Saúde - Doença	130
5.2.2. O Corpo e as Diferenças entre as Relações Afetivas e Relações Comerciais	138
5.2.3. O Corpo delimitando a Vida Particular e a Vida Profissional	146

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	153
-----------------------------------	------------

LISTA DE FIGURAS

<i>FIGURA 1 - Visualização Parcial da cidade de São Paulo</i>	<i>37</i>
<i>FIGURA 2 - Visualização da região da Rua Augusta</i>	<i>42</i>
<i>FIGURA 3 - Visualização dos pontos de prostituição pesquisados</i>	<i>47</i>
<i>FIGURA 4 - Circulação de garotas de programa entre os pontos pesquisados</i>	<i>57</i>

INTRODUÇÃO

Esta dissertação consiste em um estudo antropológico sobre algumas questões referentes à prostituição feminina de rua, na região da Rua Augusta, na cidade de São Paulo (capital do Estado de São Paulo). O trabalho enfoca a prostituição feminina entendida como uma atividade praticada por mulheres que estabelecem relações sexuais com diferentes homens¹ em troca de dinheiro, o que não exclui outras formas de pagamentos como, por exemplo, jantares e/ou presentes. Esta definição ampla sobre o entendimento da prostituição, entretanto, precisa também considerar as particularidades dessa atividade conforme o local em que é realizada: em boates, em casas de espetáculos, em saunas, em apartamentos fechados, em zonas específicas, através de anúncios de jornais e da Internet. O foco desta dissertação é a prostituição realizada na rua. O recorte quanto à especificidade da prostituição analisada não significa que as mulheres não transitem em outros locais de prostituição.

A prostituição aqui analisada é constituída por uma relação entre a *garota de programa*² e o *cliente*. Entendo que esses *clientes* são aqueles homens com os quais elas mantêm relações sexuais no contexto da prostituição, caracterizadas, principalmente, pelo contato sexual e pelo dinheiro. É importante esclarecer que, mesmo que o enfoque principal esteja nas mulheres, na medida do possível estarei atenta para os diferentes agentes que constituem esse universo da prostituição. Apesar do pouco contato foi possível observar

¹A prostituição analisada nesta dissertação é de mulheres que têm como *clientes* homens.

²As palavras êmicas estarão grafadas em itálico.

que esse contexto³ de prostituição é composto por diversos agentes, os quais também compõem esse cenário, principalmente os donos, os porteiros e os seguranças dos hotéis e dos bares dessa região, os policiais, os *clientes*, os vendedores ambulantes, os moradores da região. No entanto, nesta dissertação apenas apontarei alguns elementos a respeito dessas figuras, os quais se farão presentes na continuidade em pesquisas referentes à temática da prostituição.⁴

Primeiramente pesquisei mulheres que realizavam prostituição nas ruas centrais da cidade de Porto Alegre (capital do Rio Grande do Sul). Naquele universo, ao me referir a elas usava o termo prostituta. No entanto, em São Paulo as informantes ofendiam-se quando chamadas por esse termo e ressaltavam que eram *garotas de programa*. Minha atenção para a questão foi enfatizada ao perceber que outros autores ao escrever sobre o assunto também referiam-se a essas mulheres de formas variadas, os termos mais usados são: prostitutas, prostitutas de luxo, garotas de programa, meretrizes, profissionais do sexo e trabalhadoras do sexo. Mas essa diferenciação não expressa apenas uma mudança terminológica. Aqui está contida a visão de mundo e o entendimento que essas mulheres têm sobre si e sobre a prostituição que desempenham. Por exemplo, para as mulheres da região da Rua Augusta, o termo prostituta é pejorativo e indica uma forma de ser e fazer prostituição diferente daquelas que elas acreditam realizar. Elas, enquanto *garotas de programa*, entendem-se como mais sérias, corretas e profissionais do que aquelas que elas intitulam de prostitutas, as que se localizam em lugares onde a prostituição custa menos e, desta forma, tem outro tipo de "performance". No decorrer do texto estarei referindo-me a elas através dos termos

³Certamente outra modalidade de prostituição poderia somar outros agentes na constituição desse cenário, tais como: os cântens/cafetinas, gigolôs, músicos, entre outros.

⁴A continuidade dos estudos referentes ao campo sobre a prostituição está sendo realizada no Doutorado em Ciências Sociais na UNICAMP com um projeto de estudos sobre os *clientes*, os homens na prostituição feminina.

garotas de programa, garotas, mulheres, ou seja, termos que as definem enquanto sujeitos sociais.

O principal objetivo deste estudo é compreender como as práticas corporais comunicam experiências de vida, visões de mundo, enfim, valores constituintes desse grupo. Mais especificamente, compreender como essas práticas corporais expressam tanto a “performance” enquanto *garota de programa* como uma divisão entre a vida na prostituição e a vida fora da prostituição – no âmbito familiar, doméstico. Essas diferenças estarão sendo enfocadas na constituição das relações sociais que essas garotas estabelecem, principalmente com os *clientes* e com os não clientes. Para tanto, é necessário uma reflexão sobre o significado social do corpo, entendido como impregnado de significados e que comunicam simbolicamente sobre o universo pesquisado.

A dissertação está dividida em cinco capítulos. No primeiro, elejo alguns temas que foram discutidos por autores brasileiros referentes ao campo da prostituição: o entendimento desses autores sobre os sujeitos que realizam prostituição e as diferenças entre a vida na prostituição e a vida fora da prostituição. A escolha por esses autores aconteceu por acreditar que, apesar da diversidade, são representativos do campo de estudos sobre prostituição realizada no Brasil, na área de Ciências Sociais nos últimos anos. Ao mesmo tempo, ressalto que as temáticas escolhidas estarão compondo a discussão realizada na dissertação. Dessa forma, nesse primeiro capítulo também mostrarei o percurso teórico ao longo do qual este trabalho foi organizado.

No segundo capítulo, apresento uma discussão a respeito do método utilizado no trabalho de campo: o método etnográfico. O importante é compreender como o método etnográfico pode ser aplicado nesse universo específico, pois cada contexto se constitui por suas especificidades e, para um melhor entendimento, foi preciso realizar alguns rearranjos,

os quais trouxeram dados ainda mais particulares sobre o universo estudado. Ainda nesse capítulo proponho uma reflexão sobre a importância do *ponto* na constituição da “performance” de uma *garota de programa* na sua atividade de prostituição. O *ponto* é o local onde a garota encontra e negocia o programa com seus prováveis *clientes*. Mas também é nesse local que as mulheres compartilham suas vidas na prostituição e fora dela, pois nesses *pontos* elas se relacionam entre si e ainda com outros agentes constituidores do contexto da prostituição aqui analisada. Através de representações dos sujeitos, situarei, na medida do possível, alguns dos vários agentes, principalmente os clientes, os policiais, os vendedores ambulantes e os moradores da região.

O terceiro capítulo está centrado em algumas práticas cotidianas das mulheres nas ruas de prostituição pesquisadas. Especificamente, refiro-me a diferentes ações e trocas que são estabelecidas nesses momentos e nesse contexto específico. Enfoco, principalmente, o momento de espera pelo *cliente*, as práticas de sedução aos *clientes*, as relações estabelecidas com esses homens e o programa.

O quarto capítulo trata sobre a vida cotidiana dessas mulheres que realizam prostituição. Através de conversas na rua, também busquei dados sobre práticas fora da vida na prostituição. O pressuposto do qual parto é de que um estudo sobre *garotas de programa* precisa analisar contextos extra-profissionais de vivência, localizar e compreender valores (visão de mundo, experiências) os quais orientam seu entendimento sobre as práticas na prostituição. Dessa forma, minha análise incorpora elementos sobre a vida fora da rua – as famílias das garotas, suas casas, seus relacionamentos.

No quinto capítulo, além de realizar uma discussão específica sobre a corporalidade, também estarei concluindo a dissertação. Ou seja, mesmo com a exposição de novos elementos e novas análises, no capítulo 5 retomarei os principais argumentos apresentados

no texto, os quais apontam algumas conclusões. Assim, através da análise da corporalidade, ressalto que é possível compreender a visão de mundo e o entendimento que as garotas têm de suas vidas sócio-culturais. Dessa forma, o corpo será entendido como central na relação *garota de programa – cliente* e na relação *garota de programa – não cliente*. Ou seja, compartilho o pressuposto de que o corpo é pleno de relações sociais e que nele estão marcados significados específicos dessas diferentes relações. Ao mesmo tempo, nele estão marcados e expressam-se diferentes "performances" de ser mulher.

1. O CAMPO DE DISCUSSÕES SOBRE A PROSTITUIÇÃO NO BRASIL: PROPOSTA DE UM DIÁLOGO

O campo de estudos sobre a prostituição no Brasil se constituiu a partir de histórias e de análises em que o tema era apresentado a partir de valores morais, preconceituosos, enfocando a pobreza, as doenças, os arrependimentos, a vitimização.⁵ Os escritos sobre prostituição no final do século XIX (a partir dos anos 1840) e no começo do século XX (até 1930) tinham como argumentos os conhecimentos dos médicos e da polícia, que se auto-intitulavam “defensores da moralidade” (Soares 1986, Engel, 1989, Rago 1991). Esses profissionais argumentavam que era preciso acabar com a prostituição feminina, pois ela seria uma doença que não se restringia ao corpo da mulher, mas se estenderia a uma dimensão moral e social das pessoas. Para eles o corpo aparecia como o limite entre a pessoa sadia e a pessoa doente. Assim, era preciso separar a sexualidade sadia expressa pelo casamento – esposa, mãe, e a sexualidade pervertida expressa pela prostituição. A prostituição, uma vez caracterizada como um mal social, deveria ser combatida. Como as autoridades não tiveram vitórias em relação ao fim da prostituição começaram a defendê-la como “um mal necessário”. Mesmo com o desenvolvimento de estudos específicos sobre relações de gênero e sexualidade feminina, ainda hoje persiste nas políticas públicas esse

⁵ Ver sobre a prostituição estudada no Brasil: Lagenest (1960), Fonseca (1982), Pires (1983), Espinheira (1984). Outros autores que estudaram a prostituição do final do século XVIII e começo do século XIX em diferentes países, também apresentam esses argumentos, ver, por exemplo: Henderson (1997), Hodges (1997), Findlay (1997).

“incômodo”⁶ em relação à prostituição. No entanto, os estudos recentes contribuíram para delinear outras facetas da prostituição.

Neste capítulo, proponho uma reflexão sobre alguns dos temas que estão presentes nesta dissertação e, ao mesmo tempo, estão presentes em alguns trabalhos realizados no Brasil no campo de estudos das Ciências Sociais. Assim, não estarei dialogando com toda a bibliografia sobre prostituição, que é vastíssima, e abrange outros campos de estudos como o da Medicina, da Psicologia, de missionários religiosos, de juristas, entre outros. A escolha por esses livros ocorreu porque, principalmente, neles estão contidos estudos sobre diferentes lugares (contextos geográficos) e sobre uma diversidade das modalidades de prostituição e, ao mesmo tempo, porque focalizam questões que eu própria privilegio nesta dissertação.⁷

⁶ Em 1951, o Brasil (como todos os países católicos) assinou o tratado da “Convenção Abolicionista Internacional da ONU”. As políticas públicas no Brasil, ainda hoje, entendem a prostituição como um “mal necessário” em que o confinamento das mulheres é a principal meta. Ao observar diferentes projetos de leis que transitam no Congresso Nacional sobre esse tema é possível perceber que, apesar das diversidades, a linha mantenedora permanece sendo o entendimento da prostituição como “mal necessário”. Por exemplo, um projeto de lei de um deputado federal (1997) propunha, o livre exercício da prostituição (proibindo a profissão aos menores de 18 anos), uma inscrição desses profissionais na Previdência Social, na qualidade de autônomos. Mas foi o 3º artigo que gerou maior debate entre as entidades ligadas à temática da prostituição, pois o deputado propôs a obrigatoriedade de um cadastramento dos profissionais do sexo em unidades de saúde em que o resultado de exames mensais para a prevenção de DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis) - Aids estariam grafados em um cartão de saúde. Ainda o artigo 4º ressalta que seria condenado o incentivo ou a exploração da prostituição (ter uma casa de prostituição permanecerá sendo entendido como crime). A justificativa que este político utilizou para a aprovação do projeto esteve centrada em dois pontos: o primeiro punindo claramente os chamados “exploradores” da prostituição e o segundo na busca da higienização, através do controle e da obrigatoriedade de exames de DST/Aids para os profissionais do sexo.

⁷ Os livros com que dialogarei neste capítulo são: Mazzariol (1976) que realizou sua pesquisa em casas de prostituição em um bairro na cidade de Campinas (estado de São Paulo); Bacelar (1982) que realizou sua pesquisa no bairro Maciel na cidade de Salvador (estado da Bahia); Gaspar (1984) que pesquisou boates e apartamentos onde aconteciam programas na cidade do Rio de Janeiro (estado do Rio de Janeiro); Freitas (1985) que estudou a prostituição em ruas e bordéis na cidade de Belo Horizonte (estado de Minas Gerais); Perlonguer (1987) que pesquisou a prostituição em ruas na cidade de São Paulo (estado de São Paulo); Arienti (1989) que também estudou a prostituição na cidade de São Paulo (estado de São Paulo), mas seu universo foram ruas e delegacias de outra região; Moraes (1995) que pesquisou uma vila específica de prostituição feminina na cidade do Rio de Janeiro (estado do Rio de Janeiro); Fonseca (1996) que realizou sua pesquisa em uma praça e em ruas na cidade de Porto Alegre (estado do Rio Grande do Sul); e Sousa (1998) que estudou a prostituição de “bordéis” ou “prostíbulos” na cidade de Fortaleza (estado do Ceará).

Grande parte da literatura específica sobre prostituição no Brasil foi escrita com o intuito de “descobrir” quem eram as prostitutas, enfatizando assim suas identidades, seus gostos, sua personalidade, suas famílias. Mesmo que atualmente, principalmente, na área das Ciências Sociais, os trabalhos ainda tenham como objetivo “conhecer” as mulheres que realizam prostituição, a preocupação agora não está mais em categorizar ou valorar essas pessoas, mas sim investigar o universo de maneira mais abrangente, em que se coloca a possibilidade do conhecimento dessas pessoas situadas em seus contextos sociais.

Poucas obras que tratam sobre prostituição analisam o tema privilegiando outros “olhares” a respeito das mulheres que fazem prostituição. Ou seja, na maioria das vezes, o foco da análise está no local onde a prostituição é realizada e, ao mesmo tempo, o entendimento sobre essas mulheres está na sua “performance” de prostituta. Mesmo que alguns dos autores se mostrem preocupados em mostrar que as mulheres desempenham diferentes papéis,⁸ o comum é uma análise em que elas aparecem como pertencendo a um único contexto, o da prostituição. Mas alguns dos autores apreciados nesse texto perceberam que, para um melhor entendimento desse universo, era preciso privilegiar outras vivências dessas mulheres, entendendo-as como constituintes de sua construção social, concepções e experiências de vida além daquelas elaboradas no contexto da prostituição. Mais especificamente, das nove obras aqui comentadas, em cinco delas os autores apresentam a prostituta como vivenciando diferentes contextos. Certamente o valor de cada um dos trabalhos está, principalmente, no fato de que os autores apresentaram o

⁸ A maioria dos autores utiliza o conceito de papéis sociais. Goffman (1988) explica que os papéis sociais estão ligados à representação, em que um ator social deve se comportar de acordo com padrões socialmente aceitos. Mas, para que o público que esteja contracenando com o ator também entenda a mensagem, e principalmente o aceite enquanto membro da sociedade, é necessário haver uma dominação de códigos.

cenário da prostituição de forma extremamente detalhada, enfocando as relações que essas pessoas estabelecem nos locais de prostituição.

Mazzariol (1976), que pesquisou a retirada e o confinamento de prostitutas em um bairro afastado, em Campinas, estado de São Paulo, apresentou tanto uma etnografia detalhada como uma pesquisa histórica sobre o caso. Interessava para a autora “a constatação do fenômeno como forma de comportamento e os limites impostos pela sociedade para a continuidade de sua existência” (Mazzariol, 1976, p. 3). A prostituta viveria uma dualidade de comportamentos de acordo com o cenário em que se encontrava pois, para elas, haveria uma separação do desempenho de seus papéis. Mazzariol acrescenta que nesse bairro de prostituição não era necessário enfatizar a delimitação desse papel de prostituta, pois o lugar já estava caracterizado enquanto tal. Ou seja, o contexto (lugar geográfico) indicava o papel que a mulher deveria desempenhar.

Perlonguer (1987) pesquisou o centro da cidade de São Paulo em um território específico de prostituição viril de rua. A pesquisa tem como objetivo principal analisar as relações entre os michês e seus clientes masculinos. Dessa forma, o autor restringiu o trabalho em locais onde a atividade da prostituição era realizada, especificamente, Perlonguer percorreu diversos pontos de prostituição por onde seus informantes costumavam “perambular”.

Sousa (1998), que pesquisou prostitutas e clientes na cidade de Fortaleza, assim como Perlonguer, focalizou sua pesquisa na experiência das mulheres na prostituição. Mesmo que Sousa tenha analisado os clientes que freqüentavam os prostíbulos enquanto formadores da prostituição, a autora permaneceu destacando sua compreensão com dados específicos desse mundo da prostituição.

Freitas (1985), que realizou sua pesquisa com a perspectiva de compreender a prostituição como uma negociação da ordem social através de uma interação rotineira, definiu que suas informantes como pessoas carentes, sozinhas, isoladas. Para estudar a negociação de rotinas e da identidade das prostitutas, centrou sua análise em locais onde a prostituição era praticada, ruas e bordéis, da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. O autor visitou esses locais e entrevistou pessoas que participavam do cenário desse tipo de prostituição. Com o objetivo de apresentar um mapeamento da prostituição, o autor concentrou sua pesquisa para detectar “padrões de interação” entre as prostitutas e alguns personagens do mundo da prostituição. Dessa forma, o autor apresenta com detalhes preciosos alguns momentos da prostituição, sob a perspectiva de “conhecer” a identidade daqueles que compõem o “mundo” da prostituição.

Diferentemente dos autores anteriores, Bacelar (1982), que pesquisou o bairro Maciel na cidade de Salvador (estado da Bahia) com o objetivo de compreender as famílias das prostitutas, visitou diversas casas do bairro onde as mulheres moravam e, ao mesmo tempo, faziam programas. Ao final da pesquisa, o autor concluiu que essas mulheres eram tristes, pobres e estavam na prostituição por uma questão de sobrevivência. Para embasar seu argumento, o autor conviveu com essas mulheres tanto em momentos em que elas se colocavam na atividade da prostituição como em momentos familiares. Uma das suas principais conclusões é que nenhum indivíduo é desviante completamente e, apesar de haver uma ruptura social no modelo de família admitido pela sociedade abrangente, a família da prostituta mantém características fundamentais de uma família comum, tais como a proibição do incesto e a exogamia (Bacelar, 1982). O autor ainda apresenta o quanto essas famílias são formadas por valores tradicionais da sociedade. Bacelar conclui que apesar das vidas miseráveis e "patológicas" que essas mulheres têm, elas conseguem

estabelecer laços de parentesco e de amizade. Essa análise retrata um contexto econômico pobre em que essas mulheres encontraram na prostituição uma estratégia de sobrevivência.

Gaspar (1984), em um estudo sobre algumas *garotas de programa*⁹ que ficavam em um bairro de classe média da cidade do Rio de Janeiro, buscou entender tanto a organização social como o sistema de representação desse tipo de prostituição. Para tanto, a autora centrou sua observação em algumas boates e apartamentos, locais de encontro entre as garotas de programa e os clientes. Em diferentes momentos a autora explicita as dificuldades que teve para realizar sua pesquisa. O fato de suas informantes transitarem por diferentes boates constitui um limite para uma relação mais aprofundada entre elas (pesquisadora e pesquisadas), outra dificuldade estava contida nos códigos do universo, ou seja, para que a pesquisadora permanecesse em alguns lugares onde suas informantes estavam, ela não poderia fazer perguntas. Desta forma, Gaspar utilizou-se principalmente da observação participante, o que a privou de obter dados mais substanciais sobre a trajetória de vida de suas informantes, mas, por outro lado, permitiu-lhe participar de encontros que trouxeram dados referentes ao cotidiano dessas mulheres enquanto estavam na atividade da prostituição. Gaspar afirmou que, apesar de a prostituição totalizar a identidade das mulheres, foi possível observar que elas ainda mantêm “um espaço razoável para a elaboração pessoal sobre este papel e todos os outros desempenhados”. (Gaspar, 1984, p. 87).

⁹ Assim como nesta dissertação, a autora utilizou a terminologia *garotas de programa* para referir-se a suas informantes. Apesar da mesma terminologia ser utilizada em dois contextos diferentes acredito que seja por motivos diferenciados. Gaspar pesquisou mulheres oriundas de camadas médias e afirma que esse é o termo que geralmente as designa. No contexto que pesquisei, das treze mulheres entrevistadas apenas uma, antes de “entrar” na prostituição, era de classe média. Todas as outras contam de infâncias e adolescências miseráveis, inclusive o motivo da vinda do interior e de outros Estados para a capital paulistana era a busca do melhoramento econômico.

Ariente (1989), que pesquisou prostitutas de diferentes ruas na cidade de São Paulo, mas, mais especificamente, aquelas da região da “Boca de Luxo”, estudou a trajetória social e o cotidiano das prostitutas através da divisão entre o dia e a noite dessas mulheres, enfocando, principalmente, suas relações sociais. A autora afirma que os estudos sobre prostituição não devem ser realizados isolados das histórias de vida das mulheres, justamente porque a atividade também é um resultado de regras e de padrões comportamentais daquelas que as praticam. Dessa forma, depois de algumas dificuldades de interagir com o universo pesquisado, a autora realizou, na medida do possível, um “acompanhamento” do cotidiano de algumas de suas informantes, freqüentando suas casas durante o dia.

No entanto, para uma compreensão mais complexa sobre os sujeitos que praticam a prostituição não basta o deslocamento do pesquisador a outros contextos da vida da prostituta. O importante é alargar a compreensão do olhar do pesquisador para a multiplicidade desse sujeito pesquisado.

Por exemplo, Moraes (1995), com o intuito de abordar o universo da prostituição na Vila Mimosa, Rio de Janeiro, como um mundo de relações de trabalho, também pesquisou essas mulheres em seu local de prostituição. No entanto, a autora amplia a análise sobre as prostitutas, pois explora o fato de que essas mulheres são o resultado de um “híbrido social onde convivem representações de trabalho, de vivência comunitária e de relações conflituosas na esfera da ilegalidade, obrigando-nos a pensar como estas multipolaridades irão refletir nas relações sociais que se estabelecem”. (Moraes, 1995, p. 124).

Fonseca (1996), depois de pesquisar prostitutas em uma praça e algumas ruas centrais da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, apontou mais claramente outra dimensão para os estudos da prostituição. A autora propõe compreender e apresentar as

prostitutas não apenas na dimensão da prostituição. Apesar do foco da sua etnografia permanecer no local da prostituição, a autora apresentou uma visão mais ampla sobre esses sujeitos, justamente por entendê-los “como membros de redes sociais e universos simbólicos que vão bem além do metiê”. (Fonseca, 1996, p. 8). Dessa forma, a autora mostrou a dupla carreira dessas mulheres: a prostituição e a família. O diferencial dessa pesquisa está no fato de que não houve um deslocamento da pessoa (a pesquisadora) para outros contextos de experiências de vida dessas mulheres, mas sim uma busca de outros indícios que compunham a mulher que também realiza a atividade da prostituição.

O objetivo desses trabalhos era compreender o mundo da prostituição. Certamente o foco principal estava na(o) prostituta(o). No entanto, apesar dos autores argumentarem que, por parte das prostitutas, havia uma tentativa de não deixar com que o estigma “contaminasse” sua pessoa como um todo, na maioria dos casos, os autores as analisavam enquanto prostitutas localizadas nos locais de prostituição. Certamente é preciso contextualizar os escritos desses autores. É preciso ressaltar, por exemplo, a perspectiva teórica dos trabalhos de Mazzariol, Bacelar, Freitas, Arient e Gaspar, ou seja, a problemática da Identidade Social e do Interacionismo Simbólico. Assim, estes autores privilegiaram os aspectos ligados tanto à questão do estigma (Goffman) como à da teoria do desvio (Becker), inclusive utilizadas por muitos autores de forma intercambiável.¹⁰

Mesmo que Gaspar e Arient tenham mais fortemente o intuito de desconstruir essa idéia, as autoras também dialogam com essa perspectiva teórica. No entanto, Gaspar critica a maneira como alguns de seus colegas apresentam o cenário da prostituição. Para ela, o que “ocorre é uma forte tensão entre o aspecto totalizador da prostituição, que se impõe

¹⁰ Para Gaspar (1984), a utilização desses conceitos como sinônimos acontecia porque “os dois remetem à problemática de delimitação de grupos sociais e de demarcação de suas respectivas posições sociais”.

através de inúmeras acusações, e um espaço razoável para a elaboração pessoal sobre este papel e de todos os outros” (Gaspar, 1984, p. 87). Ou seja, para a autora suas informantes conseguem manipular as diversas realidades que vivenciam, em que nenhuma delas é estanque no conjunto de seu cotidiano. Para ela a construção da identidade é justamente a combinação de papéis desempenhados por um indivíduo.

Entendo que o importante é perceber que essas mulheres, na prostituição, estão vivenciando e trocando algumas de suas elaborações frente à sociedade; em outro contexto provavelmente, serão outros os valores negociados. Mas, ao mesmo tempo, um contexto está indicando experiências de vida que poderão somar-se ou não nas práticas cotidianas do outro contexto. Ainda nessa perspectiva de uma desconstrução de idéias estanques a respeito da prostituição e das prostitutas, busquei, através do diálogo com esses autores, alguns apontamentos que ajudassem a melhor compreender meu próprio campo de estudos. Foram os escritos de Fonseca (1996) que me alertaram para a idéia de pensar nos locais de prostituição como espaços de sociabilidade. Através de uma cuidadosa descrição e contextualização do cenário da pesquisa, a autora contesta o pressuposto de que nos locais de prostituição só aconteça prostituição. Na praça onde pesquisou, aconteciam encontros de amigas – quem deixava a prostituição retornava para passear, levar os filhos, contar alguma novidade. Também era comum haver diversas trocas entre as mulheres: dinheiro, enxoval, leite, entre outros. O cotidiano da praça, segundo ela, também era um espaço de brincadeiras e, principalmente, onde as mulheres contavam e realizam suas histórias de vida.

Outros autores também indicaram que essas práticas eram constantes em seus universos de pesquisa. Mazzariol (1976), por exemplo, explicitou que muitas vezes não via

(Goldwasser apud Gaspar, 1984).

diferença alguma em estar em uma casa de prostituição ou em estar em uma casa de suas amigas, pois as conversas em pouco se diferenciavam.

Gaspar (1984) apontou uma questão interessante. Segundo ela, muitos clientes não estão exclusivamente atrás de atos sexuais quando vão ao encontro das prostitutas. Os clientes também procuram conversas informais constituídas, principalmente, pela sexualidade, momentos que dificilmente esse homem encontraria em outro lugar e com outra mulher.

Sugiro portanto um entendimento ampliado dos sujeitos que realizam a atividade da prostituição tendo em vista suas outras experiências de vida. Mas enfatizo que o importante não é o deslocamento do pesquisador a outros contextos, mas sim uma mudança na perspectiva sobre o contexto da prática da prostituição e sobre as mulheres que a estão praticando.

Entre os trabalhos aqui discutidos, é comum a demonstração, por meio de diferentes recursos, de que as mulheres que realizam prostituição estabelecem limites para separar a vida na prostituição e a vida fora da prostituição. É interessante observar a diversidade de maneiras como cada universo pesquisado elaborou essa distinção.

Para Mazzariol (1976), por exemplo, “a prostituta atua em diferentes esferas da vida social, ela não é prostituta o tempo todo, ela vive situações fora do mundo da prostituição, ela divide basicamente o mundo em duas esferas de atuação e representação: o profissional e o contrário a ele; manipulando sua identidade de acordo com as situações.” (Mazzariol, 1976, p. 5). Dessa forma, para a autora, essa manipulação de identidade era a forma que suas informantes encontraram para demonstrar que não eram prostitutas o tempo inteiro, ou seja, que desempenhavam diferentes papéis sociais, conforme os diferentes contextos em que se encontravam.

Ainda com o entendimento de que essas mulheres buscavam não totalizar sua pessoa com o estigma da prostituição, Bacelar (1982) apresenta algumas estratégias usadas por suas informantes para realizar essa diferenciação. Ou seja, mesmo que as prostitutas estudadas tenham apresentado dificuldade em separar os contextos – prostituição e família – pois realizavam programas na própria casa de moradia, o autor esclarece que existe um movimento para a separação da pessoa e da sua atividade. Algumas dessas formas eram realizar programas no período em que os filhos estavam longe de casa ou demarcar o período de programas através de códigos nas janelas ou portas.¹¹

Freitas (1985) apresenta o “programa” como o contexto de negociação das identidades das prostitutas. A execução do programa precisaria de três acordos prévios: preço, tempo do programa, práticas sexuais. Segundo o autor, algumas práticas sexuais que os clientes desejavam realizar não eram “socialmente definidas como atribuições de uma prostituta”. (Freitas, 1985, p. 30). Em outras palavras, práticas como beijos e carícias correspondiam a ordens afetivas, dessa forma, em princípio, não seriam realizadas na prostituição. As prostitutas diferenciavam as práticas sexuais com os clientes e com os não clientes, as quais eram operacionadas pelo corpo. Ou seja, no corpo estava colocado aquilo que a prostituta permitiria ou não permitiria durante as relações sexuais com seus clientes. Dessa forma, na maioria das vezes as práticas entendidas por elas como práticas afetivas eram sinônimos de “quebra do contrato” com os homens.¹² Freitas (1985), diferentemente

¹¹ Day (1994), que pesquisou trabalhadoras sexuais (“*sex workers*”) na cidade de Londres, Inglaterra, durante um projeto de pesquisa em conjunto com profissionais de Medicina esclareceu que essas mulheres ao realizarem programas em suas casas a marcavam diferentemente como o espaço do trabalho e o espaço doméstico. Algumas marcas dessa diferença: os clientes não andavam em alguns espaços e também para eles havia toalhas e lençóis específicos. Em um depoimento uma das informantes explica: “Eu tenho 3 toalhas. Eu coloco uma sobre o travesseiro, uma sobre o colchão e há uma para ele se lavar. Ninguém exceto os clientes tocam nessas toalhas e elas são mesmo lavadas separadamente”. Minha tradução. (Day, 1994, p. 6).

¹² Freitas (1985) alerta que “a recusa a práticas tais como as que foram aqui mencionadas constituem traços que compõem o que poderia ser chamado de um comportamento típico das prostitutas. Muitas delas beijam,

dos outros dois autores apresentados, demonstra como, dentro da prostituição, a mulher lida com suas diferentes identidades. Apesar de não especificar a análise na questão das diferentes esferas da vida social de suas informantes é possível perceber que permanece a busca de apresentar maneiras que essas mulheres estão elaborando ou reelaborando suas relações sociais.

Gaspar (1984) concluiu que ser uma *garota de programa* fazia parte da esfera “do trabalho” dessa mulher e, para tanto, construiu diversos limites que regiam esse papel social. Através da manipulação da identidade, ela estabelecia relações com a sociedade abrangente e, assim, elaborava elementos para a construção da sua identidade social de *garota de programa*. A autora apresentou algumas práticas de suas informantes em que essas estabeleciam uma divisão entre a vida na prostituição e a vida fora da prostituição. Segundo Gaspar, as “garotas que fazem programa constróem uma maneira particular de se relacionar com o próprio corpo, estabelecendo limites e barreiras simbólicas em relação a cada programa e aos clientes em geral” (Gaspar, 1984, p. 112). Em outras palavras, para a autora, suas informantes usam o corpo para estabelecer uma diferença entre seus clientes e os não clientes, em que o comum é elas preservarem algumas partes do corpo que não serão encostadas por esses homens. Aqui também está colocado que algumas práticas sexuais não serão realizadas com eles e, caso aconteça, haverá algum “limite simbólico” que diferenciara essas relações. Gaspar (1984) também enfatizou que suas informantes têm uma maneira particular¹³ de se relacionar com o próprio corpo, pois o entendia como

ouvem pacientemente as lamúrias do cliente, desligam a televisão, etc. A concessão de tais práticas, porém, está, em geral, condicionada a fatores absolutamente aleatórios: idiosincrasias da prostituta, seu espírito no momento, a simpatia pelo cliente, etc”. (Freitas, 1985, p. 42).

¹³ Perlonguer (1987) observou uma diferença em relação às prostitutas e aos michês. Segundo ele, as prostitutas evitam o “prazer orgástico” como um recurso para manter uma “distância afetiva” (meramente física) do cliente. Para os michês, um dos requisitos básicos da relação está na ereção (e em alguns casos, o cliente está em busca do gozo do michê), e essa seria uma regra do ofício. A não demonstração de afetos,

simbolicamente dividido; “barreiras simbólicas” (limites) em relação aos clientes são estabelecidas, “um limite simbólico que demarque relações e envolvimento emocional”. (Gaspar, 1984, p. 115). Essa “postura de reserva da prostituta” é realizada na prática evitando o orgasmo, sentindo nojo dos clientes, não beijando na boca e não dormindo com ele. Para a autora, “uma mulher pode fazer ‘tudo’, inclusive uma série de práticas condenáveis até mesmo para muitas prostitutas desse meio, mas ela sempre criará um limite simbólico que demarque relações e envolvimento emocional” (Gaspar, 1984, p. 118).

através de práticas sexuais diferenciadas entre clientes e não clientes, para os michês, seria mais difícil de ser realizada.

Para Moraes (1995), “uma prostituta não é prostituta o tempo inteiro” (Moraes, 1995, p. 125). Dessa forma, no encontro com os clientes as mulheres negociam apenas as práticas sexuais, permitidas, segundo elas, no exercício da prostituição. Assim, algumas partes do corpo acabam tornando-se sagradas e preservadas para seus afetos: “Aqueles a quem se ama, a quem se deve “afeto espontâneo” na relação, são estes com os quais estas mulheres declaram repartir um contato corporal em plenitude” (Moraes, 1995, p. 170). Assim, existiria uma diferenciação nos desempenhos sexuais profissionais e os não profissionais. Moraes concluiu que a lógica dessa preservação do corpo está na separação entre o amor e o sexo. Assim como Gaspar (1984), Moraes (1995) apresentou o corpo da prostituta como um locus da divisão dessas relações. Através de uma divisão simbólica e de cuidados higiênicos do corpo, a prostituta elaboraria uma lógica de preservação e de evitação ao cliente. Dessa forma, elas racionalizariam seu trabalho e estabeleceriam através do corpo tanto a maneira de experienciar sua vida na prostituição quanto fora da prostituição.

Os autores até agora comentados, apesar de nenhum deles ter como objetivo específico explorar a distinção na prostituição e fora da prostituição, acabam referindo-se a aspectos extra-profissionais destas mulheres para demonstrar o quanto o corpo das mulheres elabora (e é elaborado por) essa separação entre os clientes e os não clientes. Ou seja, apesar do corpo e da corporalidade não serem o foco dos estudos citados, de uma forma ou de outra as análises não escapam desta questão. Afinal, é com o corpo que se realiza a prostituição. É interessante observar aliás que, sempre que se apresenta a corporalidade nesses livros, o assunto está ligado às práticas sexuais que a prostituta realiza ou não com os clientes. Foi assim com Bacelar (1982), Freitas (1985), Gaspar (1984) e

Moraes (1995), que discutem, mais especificamente, a importância de algumas regras constituídas através do corpo para organizar a vida no mundo da prostituição.

Perlonguer (1987), Ariento (1989), Fonseca (1996) e Sousa (1998) também escreveram sobre a distinção que seus informantes faziam entre a vida na prostituição e a vida fora da prostituição. No entanto, através dessas pesquisas é possível observar outros elementos que estariam compondo essa questão. Vejamos os principais argumentos desses autores:

Perlonguer, por exemplo, ressalta que alguns dos seus informantes relacionavam-se com homens na rua e, algumas vezes, com mulheres fora dos locais de prostituição. Esse dado leva o autor a concluir que invocar uma heterossexualidade era interessante porque os clientes apreciavam perceber “marcas” da heterossexualidade nos corpos dos prostitutas. Ou seja, apesar dos prostitutas realizarem a “performance” de homossexuais, precisam, ao mesmo tempo, apresentar algum traço que faça com que seus clientes também os entendam como heterossexuais. Nesse caso específico, parece-me que a questão não está em diferenciar os espaços de suas vidas, nem com quem se relacionam, mas, ao contrário, precisam “misturar”, com marcas corporais, ambas “performances”.

Fonseca (1996), deste ponto de vista, a princípio, pouco apresentou a respeito da questão aqui discutida. Mas sua análise é inovadora para os estudos da prostituição ao sugerir que a prostituta também tem marido e não apenas o que a literatura específica costuma afirmar, gigolô. O argumento da autora está embasado nos relacionamentos de suas informantes. Ela esclarece que metade das mulheres tem um companheiro que coabita com elas, e o discurso sobre eles pouco difere de tantos outros escritos em literaturas sobre relações conjugais. É interessante pensar que, ao apresentar diferentes maneiras como suas

informantes concebem seus companheiros, a autora também está, mas diferentemente, constatando que existe uma divisão entre o mundo da prostituição e fora da prostituição.

Sousa (1998) observou a importância de levar em conta a pluralidade de elementos que constituem o mundo da prostituição e, mais especificamente, que é preciso entendê-la enquanto uma história de casais – prostituta e cliente. Justamente pelo objetivo do livro ser “olhar” o cliente da prostituta no universo das casas de prostituição, pouco é colocado a respeito de marcas de distinção que a prostituta poderia realizar em relação ao seu universo sócio-cultural. No entanto, em algumas poucas passagens é possível perceber algumas diferenças entre a prostituta e a não prostituta. Segundo Sousa:

No âmbito simbólico e no imaginário social, as prostitutas representam tudo o que uma esposa e mãe não poderia eventualmente ser: sensual, despudorada, misteriosa, sem dono, livre para o sexo. (...) Além disso, elas atribuem a si mesmas uma função peculiar, a qual, aliás, a maioria das mulheres esposas/mães perde no cotidiano da relação familiar: a mulher que escuta e não reprime, que não grita, não censura e não exige/cobra o papel e o lugar social do homem, marido e pai. Conforme elas mesmas nomearam, essa é a função de “psicólogas do amor”. (Sousa, 1998, p. 118, 119)

Sousa, com outra leitura, acrescenta outras maneiras pelas quais essas mulheres se diferenciam enquanto estão na “performance” de prostituta. Certamente ao se diferenciar de mulheres que não realizam prostituição, elas mesmas acabam por constituir e comunicar esses outros códigos. Dessa forma, as prostitutas também são integrantes das regras (códigos) que delimitam as diferentes maneiras que as mulheres devem agir, conforme cada contexto.

Uma das especificidades dessa pesquisa é o entendimento sobre prostituição. Para a autora, prostituição deve ser entendida como uma atividade profissional e, assim, não estará

descolada de outras atividades que essa mulher desempenha durante seu dia-a-dia. Ao mesmo tempo, o trabalho de Ariento (1989) tinha como principal objetivo entender os preconceitos dirigidos às prostitutas. Inclusive, a autora apresenta as formas diferenciadas como suas informantes relacionavam-se com os vários grupos sociais. Em particular, Ariento elegeu dois grupos: os “namorados” e os clientes. Numa passagem do texto, a autora apresentou marcas diferenciais entre os dois grupos. Segundo a análise da autora, com os namorados suas informantes não precisavam “fingir prazer sexual, nem contar histórias mentirosas e tristes sobre sua vida, como faz com os clientes quando quer pedir dinheiro” (Ariento, 1989, p. 58). Assim, as prostitutas estudadas acabariam por ter diversas faces. Uma prostituta relata: “Na rua sou prostituta, em casa sou mãe e para os outros sou gente” (Ariento, 1989, p. 59).

Ariento ainda evoca outros grupos sociais para melhor compreender as relações dessas mulheres no cotidiano fora das ruas de prostituição: os cabeleireiros, os açougueiros, vizinhos, enfim pessoas que fazem parte do dia-a-dia dessas mulheres. No final, parece-me que a principal conclusão da autora está colocada no fato de que as prostitutas assimilam os preconceitos que lhe são colocados pela sociedade abrangente, em que, a partir de uma lógica discriminatória, separariam suas vidas entre o dia e a noite. A análise sobre a divisão entre o dia e a noite demonstraria uma das maneiras que a mulher que realiza prostituição encontrou para organizar os espaços (estigmatizado / não-estigmatizado) que vivem cotidianamente. Segundo Ariento (1989):

O “dia” é sua atividade dentro de casa e seu relacionamento com vizinhos, filhos, parentes, e a “noite” é sua atividade fora de casa como prostituta e os relacionamentos que mantém durante esse período. Essa divisão também se refere a um horário (dia) em que a mulher exerce uma atividade não discriminada e o horário (noite) em que atua como prostituta. A contradição está presente na vida dessas mulheres, fazendo com que seu mundo seja fragmentado pela maneira como se relaciona com as pessoas durante o dia e à noite. (Ariente, 1989, p. 146).

Nesse argumento está colocado que a vida da prostituta poderia estar separada pelo dia e pela noite, em que algumas relações fariam parte de um ou de outro “turno”. Em outras palavras, parece-me que essas relações estariam estanques em cada um dos horários do cotidiano da vida da mulher que se prostitui e, dessa forma, elas pouco se inter cruzariam. Mais uma vez estão colocados exemplos de atitudes que essas mulheres encontram para realizarem a divisão entre a vida da prostituta e a vida da não prostituta.

Considerando a bibliografia que foi até então percorrida sobre a prostituição é interessante ressaltar que a divisão entre a vida na prostituição e fora da prostituição está presente, mesmo que de formas diferenciadas, em praticamente todos os livros. Certamente esse dado estabelece o quanto essa administração dessas “duas” vidas (“performances”) são constituintes do universo da prostituição. Pois, como foi visto, mesmo que alguns desses autores tenham privilegiado muito mais essa mulher enquanto prostituta, ainda assim é possível observar a tentativa da análise dessas mulheres enquanto sujeitos sociais. No meu universo os dados também salientam essa divisão. No entanto, como será visto, ainda se poderá tornar ainda mais complexo essa questão.

Tendo em vista a contribuição que esses trabalhos sobre prostituição oferecem, as questões que irei tratar na dissertação estarão, na medida do possível, retomando os argumentos colocados nesse capítulo, justamente porque apresentei as idéias com as quais

pretendo dialogar no decorrer do texto. Certamente esses escritos estarão contribuindo para o estudo sobre a prostituição feminina de rua na região da Rua Augusta.

2. A PESQUISA DE CAMPO

2.1. UMA FORMA DE FAZER – O MÉTODO ETNOGRÁFICO

Ainda hoje, o tema prostituição em nossa sociedade é considerado um tabu, um assunto impregnado de valores, estereótipos, fantasias, preconceitos. Certamente o fato de que, ao se discutir prostituição, abordam-se questões tais como a sexualidade, a moralidade, as normas sociais, o corpo (atravessado pelo dinheiro – negócio), entre outras, todas reveladoras da cultura, faz com que dificilmente a sociedade fique indiferente ao tema. As pessoas precisam opinar, relatar casos, enfim, posicionar-se em relação à prostituição.

O interesse pela prostituição, tanto do senso comum quanto dos pesquisadores, produz uma grande desconfiança nas informantes. Na maioria das vezes, elas se negam a conversar com aqueles que querem “estudar” suas vidas. Para realizar a pesquisa, são necessários alguns cuidados em relação à maneira como se realiza o trabalho de campo.

Nesse sentido, para esta pesquisa escolhi o método etnográfico (Malinowski, 1976) como maneira de compreender o universo estudado. A escolha se justifica principalmente por acreditar que através deste método é possível “olhar” e “compreender” tanto as práticas como os discursos dos sujeitos estudados. A partir desse método é possível apreender o ponto de vista e a visão de mundo dessas pessoas em seu contexto vivido.

Durante o trabalho de campo, convivi intensamente com as mulheres pesquisadas, observando além do discurso suas práticas em uma parcela da vida cotidiana, para então

coletar o máximo possível de dados referentes ao grupo e dessa forma “captar” a particularidade do contexto estudado. Reforço o intuito que sempre acompanhou a pesquisa: realizar uma análise interpretativa através de etnografia que estaria calcada em uma interação entre o pesquisador e os pesquisados.

A maneira como cada pesquisa apreende o método proposto por Malinowski é importante para demonstrar as particularidades do campo estudado. Apesar de realizar a pesquisa usando o método etnográfico, alguns rearranjos foram necessários.

Minha pesquisa realizou-se na rua, num espaço preciso onde a prática da prostituição acontece em um tempo específico de ocupação dessa rua. Em outros horários, as ruas que pesquisei, como ambientes sociais, são constituídas por outras pessoas e por outras práticas. Assim, é nessa parcela de espaço re-significado pelo período de tempo e da prática da prostituição em que concentro a pesquisa. Embora minha pesquisa esteja localizada no lugar onde a prostituição é realizada, a própria dinâmica da pesquisa trouxe dados a respeito do contexto vivido por essas *garotas de programa* fora da prostituição. Mesmo convivendo com elas nos *pontos* de prostituição, “conheci”, através de suas falas, outros aspectos da sua vida.

Empregando esse método realizei duas pesquisas de campo em lugares distintos. A primeira, ocorreu nas ruas centrais da cidade de Porto Alegre (capital do Estado do Rio Grande do Sul). Durante os meses de maio de 1996 a maio de 1997, estabeleci contato com inúmeras *prostitutas*¹⁴ e me ative a seis *pontos* de prostituição. E a segunda pesquisa, para esta dissertação, foi realizada na região da Rua Augusta na cidade de São Paulo (capital do Estado de São Paulo). A segunda pesquisa manteve um constante “diálogo” com a pesquisa

¹⁴ Em Porto Alegre, as mulheres pesquisadas se intitulam prostitutas.

realizada em Porto Alegre. A comparação dos universos de pesquisa apresenta semelhanças e diferenças que alargam a compreensão sobre a prostituição.

Ainda em Porto Alegre,¹⁵ mantive contatos com uma Organização Não Governamental – ONG¹⁶ que realizava um trabalho de intervenção com prostitutas em ruas do centro da cidade. Através dessa ligação conheci outras instituições que realizam intervenções junto às prostitutas, entre elas, a Associação Piracema,¹⁷ uma ONG que trabalhava na região da Rua Augusta e na região do Brás (cidade de São Paulo). A princípio, tinha como estratégia de entrada no campo de pesquisa o acompanhamento dos participantes dessa ONG no trabalho de intervenção na região da Rua Augusta. No entanto, justamente no começo do trabalho de campo, a ONG sofreu diversas modificações e esse trabalho específico foi desativado. Mesmo assim, consegui que o responsável pela atividade me acompanhasse até a rua por duas vezes, onde me apresentou a algumas poucas garotas. Com esse contato inicial comecei o meu trabalho de campo em São Paulo. A partir da apresentação a duas *garotas de programa* passei a transitar em alguns *pontos* de prostituição na região da Rua Augusta.

Na maioria das vezes, o começo das conversas girava em torno de qual era o objetivo da minha visita na rua, onde sempre me apresentei como uma estudante que queria

¹⁵ Quando me refiro à prostituição em Porto Alegre ou em São Paulo, estou me referindo ao campo delimitado para a análise. Em São Paulo, a pesquisa foi realizada em seis *pontos* de prostituição. Utilizo essa expressão para facilitar a leitura.

¹⁶ A organização não governamental Núcleo de Estudos da Prostituição – NEP trabalha com prostituição feminina na cidade de Porto Alegre, e suas principais metas estão ligadas a questões da saúde, da auto-estima e da cidadania da mulher.

¹⁷ A Associação Piracema foi fundada em 1992 e é composta por profissionais de diferentes áreas. Seu objetivo maior é o reconhecimento do fenômeno social da prostituição, principalmente promovendo a cidadania dos atores sociais envolvidos. A Associação Piracema atua em relação aos profissionais do sexo através de três procedimentos básicos: intervenção direta (os integrantes da ONG vão até as ruas onde é realizada a prostituição), promoção de pesquisas científicas e uma intervenção tanto política como institucional. A ONG realiza uma distribuição sistemática de preservativos nos locais de prostituição. Esses dados são referentes ao período que mantive contatos com a ONG, final de 1998 e começo de 1999. Após esse período aconteceram mudanças estruturais na organização.

conversar sobre a “noite na Rua Augusta”, para mais tarde escrever um livro sobre o assunto. Seguindo a técnica da observação participante, comecei a frequentar cotidianamente esse espaço. A desculpa (e a verdade) de que era perigoso transitar sozinha pela Rua Augusta durante a noite, em uma cidade desconhecida, fez com que os primeiros momentos da pesquisa ficassem restritos a apenas um local de prostituição. Depois de um tempo compreendi que aquele lugar tinha se tornado meu “QG” – era ali que sentava, lanchava, conversava, descansava e realizava o trabalho de campo.

Através do contato com duas *garotas de programa* fui conhecendo outras mulheres e também outros locais de prostituição na região da Rua Augusta.¹⁸ A elaboração desse estudo baseia-se em uma pesquisa desenvolvida entre os meses de dezembro de 1998 a junho de 1999. Conheci cerca de quarenta garotas, as quais transitavam de um *ponto* para outro *ponto*, conversei com cerca de vinte, mas, para fins de delimitação, o trabalho se ateve à análise das informações de treze delas.

Participava das suas conversas em que, na maioria das vezes, propunha um assunto para que elas conversassem (e debatessem) entre si sobre o mesmo. Mas, no decorrer da pesquisa, percebi que as informantes queriam que eu as entrevistasse, com perguntas, gravador, respostas. Sendo assim, com treze *garotas de programa* utilizei a técnica de pesquisa de entrevistas semi-abertas sem o uso do gravador (o barulho da rua deixava a gravação ruim) e assim foi escolhido o universo de pesquisa. No entanto, certamente outras garotas também contribuíram para as questões aqui colocadas. A entrevista era um momento esperado por elas. Era comum outras mulheres, que estavam no *ponto* no

¹⁸ A forma de apresentação na região da Rua Augusta pode ser denominada de “rede”. Segundo Barnes (1987), o termo rede pode ser usado para “um conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos”. (Barnes, 1987, p. 167). Em outras palavras, “a rede como um campo social formado por relações entre pessoas. Essas relações eram definidas por critérios subjacentes ao campo social...” (Mayer, 1987, p. 129).

momento da entrevista, participarem da entrevista – opiniões, piadas, diferentes versões de um mesmo fato. Em dois dos *pontos*, aqueles que mais freqüentei, encontrei uma informante que se autodenominava “assistente da pesquisa”.

De todas as técnicas e fórmulas do método etnográfico, debruço-me sobre aquelas que permitem a construção do contexto através de um diálogo e um intenso convívio com o grupo pesquisado, pois “não há melhor maneira de estudar o trottoir do que fazendo trottoir” (Perlongher, 1987, p. 34). Assim, durante muitas noites, em diferentes horários e em diferentes dias da semana, estive na rua com essas mulheres. Fiz dos lugares onde realizam a atividade de prostituição o meu campo de pesquisa. Na rua mantive conversas individuais ou em grupos, observei o cotidiano da prostituição e também conversei sobre o cotidiano fora dali. Sobre este último, ouvi das informantes o que cozinhavam, a hora que acordavam, os problemas com os filhos, as contas que não pagaram, as compras, o mau-humor, a demora do ônibus, os produtos de beleza, as brigas. Nos lugares onde se realiza a prostituição, conheci, interagi e reuni dados em busca da compreensão do universo estudado.

Além de ficar nos locais de prostituição, também costumava, algumas poucas vezes, caminhar com algumas informantes pela Rua Augusta conhecendo outros *pontos* importantes – o bar mais próximo, o ponto de ônibus, o lugar onde uma amiga estava, a frente de uma vitrine para ver uma sandália, a vitrine de um “sex-shop” à procura de um vibrador, um taxista confiável que me levasse embora por um menor preço, o porteiro de um prédio que estava de paquera com uma delas. Assim, vivenciei situações de relacionamentos dessas garotas entre si, com os *clientes*, com as pessoas da rua (vendedores

ambulantes, moradores de prédios), com suas companheiras¹⁹ e com alguns parentes (irmãs e primas), visando apreender também o entendimento delas sobre a prostituição.

2. 2. CONHECENDO AS GAROTAS DE PROGRAMA

A realização da atividade de prostituição aponta elementos sobre a visão de mundo dessas mulheres. Desta forma, ao analisar a prostituição estarei revelando práticas constituintes desse grupo específico. Busco realizar um estudo frente à organização e à diferenciação que as próprias informantes constroem em torno da prostituição, e assim, de uma certa forma, justapor essas elaborações.

As informantes estão na faixa etária dos 25 anos (a mais nova 19 anos e a mais velha 36 anos). Três delas vieram do estado da Bahia (todas da cidade Vitória da Conquista), uma do estado do Paraná, quatro do interior do estado de São Paulo e as outras são da capital de São Paulo. Três delas vieram sozinhas para São Paulo, as outras vieram acompanhando suas famílias. Originam-se de grupos sociais de baixa renda. Quanto à escolaridade, não tenho dados de quatro informantes, mas em relação às outras nove mulheres – quatro pararam de estudar antes de terminar o 1º grau; duas delas terminaram o 1º grau; uma cursava a 2ª série do 2º grau quando parou de estudar; e as outras duas terminaram o 2º grau.

A maioria das mulheres já teve experiência em outro tipo de atividade profissional. Duas delas afirmaram nunca terem trabalhado em outra ocupação fora da prostituição. As

¹⁹ Conheci cinco casais de lésbicas na rua. Três casais são formados por uma *garota de programa* e sua companheira que fica com ela na rua. Desses casais, conversei apenas com um deles. Dos outros dois, conversei apenas com as *garotas de programa*; apesar de encontrar com suas companheiras, jamais conversei com elas. Os outros dois casais são formados por pares de *garotas de programa*: conversei com um desses

atividades de trabalho mais comuns são de babá e de vendedora em lojas. Uma delas, ainda hoje, tem outra atividade: é dona de um trailer, onde se vendem refrigerantes e alimentos em geral em uma praia do litoral norte paulista. Sua atividade na rua acontece durante a semana, quando na praia o movimento é menor.

Elas entraram na prostituição em torno dos vinte anos e apenas uma delas nunca se prostituiu em outro local. A maioria está trabalhando²⁰ em um segundo local (boate, casa ou outro *ponto* na rua) de prostituição. O recorte da dissertação é a especificidade da prostituição realizada na rua e não uma essencializada “prostituição de rua”. Ou seja, as *garotas de programa* que focalizei em um contexto, o da rua, circulam por outros lugares de prostituição, conforme pode ser visto no quadro da página 33. O comum é elas ficarem na rua até um certo horário e, dependendo de quantos programas fizeram (o que está na dependência do movimento, o qual varia tendo em vista o dia da semana, o dia do mês, a estação do ano), poderão ir para alguma casa de prostituição a que tenham acesso, ou mesmo para outro *ponto* de prostituição na rua. Nem todas têm como rotina realizar a prostituição diariamente.

Sempre que perguntei quanto custava um programa elas respondiam sobre um valor que seria o preço mínimo. Ou seja, elas operam com um “pisso” que nunca é esquecido como o limite mínimo para a negociação com o *cliente*. Mas esse valor mínimo pode mudar. Em média fica em torno de 50 a 70 reais. Mas, nas poucas oportunidades em que as

casais e com a garota do outro casal. Não conheci nenhum namorado ou marido dessas mulheres.

²⁰ Ao utilizar essa terminologia não estou afirmando que a prostituição é ou não uma profissão. Inclusive, porque é preciso realizar uma cuidadosa discussão a respeito dessa questão. Uma das principais lutas da Rede Nacional de Profissionais do Sexo e de organizações ligadas a ela está centrada em um esforço de propor a reformulação tanto da CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas) como do Código Penal Brasileiro, pois, apesar da prostituição não ser um crime, aquele que seria o empregador da prostituta é criminoso. Segundo a presidente da Rede Nacional de Profissionais do Sexo e Coordenadora Executiva da ONG Davida no Rio de Janeiro, “o principal objetivo das prostitutas é regulamentar a profissão, para que as meninas possam trabalhar com carteira assinada, com todos os direitos trabalhistas. É impossível regulamentar relações de

ouvi negociarem com *clientes*, elas diziam que o programa custava 80 reais.²¹ Observei algumas *garotas de programa* dispensando *clientes* que não estavam dispostos a pagar o que elas pediam. Mas a questão do preço deve ser relativizada. Diversos elementos constituem a negociação: quem é a garota, as dívidas, o horário, o número de programas realizados, o cansaço, entre outros. Qualquer mudança do que foi combinado anteriormente implicará, a princípio, um rearranjo também financeiro.

Quanto à orientação sexual, seis se denominam heterossexuais, seis se denominam homossexuais e uma delas se denomina bissexual. Nenhuma delas faz programas com mulheres.²² Cinco mulheres possuem filhos, três delas tem dois filhos, os quais são de um mesmo homem. As mulheres que têm relacionamentos estáveis com homens utilizam como método contraceptivo pílulas anticoncepcionais. Das treze mais concentradamente pesquisadas, cinco estão “casadas” (moram junto por mais de dois anos); cinco têm namorados (em relacionamento com mais de seis meses) e três não têm nenhum relacionamento afetivo. Elas asseguram que todos seus(suas) parceiros(as) sabem da atividade que elas realizam.

O quadro abaixo é uma tentativa de apresentar as informantes, bem como organizar algumas informações sobre elas. O intuito é dar “forma” a essas pessoas, personagens da dissertação. A partir de agora, começarei a usar nomes,²³ bem como as informações que elas relataram sobre si.

trabalho se uma das partes é considerada criminosa por lei” (Leite, pg. 8, 1996).

²¹ Alguns poucos *clientes* passavam a pé, paravam e perguntavam quanto custava o programa. Às vezes os *clientes* paravam o carro e elas negociavam com eles mesmo de longe – menos próximo do leito da rua.

²² Lúcia que se considera bissexual tem a regra de não realizar programas com mulheres como menos rígida, principalmente quando não está se relacionando afetivamente com outra pessoa.

²³ Todos os nomes das pessoas enfocadas na dissertação foram trocados.

QUADRO DE DADOS SOBRE AS *GAROTAS DE PROGRAMA* PESQUISADAS²⁴

	idade	nasceu	tempo na prostituição	lugares de prostituição	preço	orientação sexual	estado civil	filhos	outras profissões	escolaridade
Kátia	22	Bahia	6 anos	casas	100,00 50,00	lésbica	vive com mulher - 3 anos	não tem	babá	4ª série
Solange	36	São Paulo	2 anos	saunas, outros pontos	80,00 60,00	heterossexual	separada, sozinha	2 filhos	telefonista	1º grau completo
Adélia	25	São Paulo	5 anos	boates, outros pontos	80,00 60,00	heterossexual	solteira, com namorado	não tem	frentista	1º grau completo
Clarice	19	Paraná	3 anos	boates, outros pontos	100,00 80,00	lésbica	vive com mulher - 3 anos	não tem	babá	5ª série
Cíntia	21	interior São Paulo	2 anos	boate	100,00 70,00	lésbica	vive com mulher - 2 anos	não tem	não teve	2º grau completo
Angélica	21	interior São Paulo	3 anos	só Rua Augusta	70,00 50,00	lésbica	vive com mulher - 3 anos	não tem	babá	–
Ana	19	interior São Paulo	3 anos	agências, boates	100,00 60,00	lésbica	solteira, sozinha	não tem	vendedora em loja de roupas	–
Anita	27	interior São Paulo	3 anos	casas e boates	100,00 80,00	heterossexual	separada, com namorado	2 filhos	trabalhou em firmas	–
Valentina	30	São Paulo	2 anos e meio	casas	80,00 50,00	heterossexual	separada, com namorado	1 filha	auxiliar, digitadora	2º grau completo
Valeska	21	São Paulo	–	boate	100,00	heterossexual	solteira, com namorado	não tem	não teve	–
Carla	34	Bahia	–	Buenos Aires	80,00 60,00	heterossexual	solteira, com namorado	1 filha	costureira	8ª série
Lúcia	27	São Paulo	9 anos	boate, outros pontos	100,00 60,00	bissexual	solteira, sozinha	não tem	–	2º ano do 2º grau
Josiane	30	São Paulo	12 anos	amante de coronel	100,00 80,00	lésbica	vive com mulher	2 filhos	–	4ª série
Luzia ²⁵	22	São Paulo	–	companheira de Clarice	–	lésbica	vive com mulher - 3 anos	–	doceira, pintora, vendedora ambulante	5ª série

²⁴ Na tabela, o sinal (–) indica que não foi obtida a informação.

²⁵ Luzia é companheira de Clarice. Ela afirma que nunca foi *garota de programa*, no entanto, conhece muito do “mundo da prostituição”, pois se relacionou afetivamente com várias garotas. Luzia foi fundamental no trabalho de campo, tanto pelas suas informações como por ter me apresentado a outras mulheres e, ao mesmo tempo, por ter sido minha “segurança” na rua.

Com relação à vestimenta das informantes é possível realizar um exercício de comparação para melhor compreender o universo estudado. Por exemplo, na Vila Mimosa,²⁶ localizada no centro do Rio de Janeiro, durante uma “visita” observei que as prostitutas, na sua maioria, estavam seminuas, biquínis, calcinhas e sutiãs, saias curtas, bustiês, maquiagens fortes, sapatos com saltos, brincos grandes. Em Porto Alegre, nos *pontos* que pesquisei, havia variações quanto às roupas das *prostitutas*, em três *pontos* elas usavam maquiagem no rosto, saltos altos, calças justas (com as marcas das roupas íntimas), “shorts” de lycra, em outro *ponto* “misturavam” os estilos das roupas, ora vestiam roupas curtas e justas, ora tênis e camisetas largas e, em outro *ponto*, usavam calças de brim largas, camisetas, tênis, cabelos soltos e pouco penteado. Na região da Rua Augusta, a especificidade do vestir dessas *garotas de programa* estava em mais insinuar do que realmente mostrar o corpo. Na maioria das vezes elas estavam com decotes, blusas curtas, sutiãs aparecendo, topes de renda, blusas transparentes e as calças sempre justas ou, quando mais largas, transparentes o suficiente para que fosse possível enxergar a marca da roupa íntima que usavam. A partir dessas diversidades quanto à maneira de se vestir dessas mulheres, reflito sobre os elementos que identificariam uma *garota de programa* – as roupas? O caminhar? O contexto?

Kátia contou-me animadamente que algumas vezes, andando pela cidade, mesmo à tarde, apareceu algum homem querendo fazer programa com ela. Disse-me não entender como os homens percebem que ela é *garota de programa*. Mas, e para tornar mais complexo, quando estava pesquisando nos locais de prostituição várias vezes fui convidada a fazer programas. Ou seja, o contexto é um elemento importante. Qualquer mulher que esteja caminhando sozinha, parada, sentada em algum lugar da Rua Augusta será entendida

²⁶Ver maiores detalhes em Moraes (1995).

como uma *garota de programa*. Mas, também, as práticas corporais são importantes, pois se, em geral, a corporalidade é um terreno das relações sociais, neste caso particular é através do corpo que elas negociam com o *cliente*. Ainda a forma de caminhar, de se colocarem na rua, seus gestos (olhares, sorrisos) especificam o tipo de relação que elas estabelecem com os homens e acabam construindo códigos para estabelecer essa possibilidade de relação – *garota de programa e cliente*.

2.3. CONHECENDO A REGIÃO NA RUA AUGUSTA

Esta etnografia foi realizada na cidade de São Paulo,²⁷ capital do Estado de São Paulo, região sudeste do Brasil. Mais especificamente, meu trabalho de campo aconteceu na região da Rua Augusta, bairro Cerqueira César. Uma região famosa por estar dentro do círculo da prostituição paulistana conhecida como a “Boca do Luxo”.²⁸

Utilizando a Avenida Paulista como uma linha divisória imaginária é possível “recortar” a Rua Augusta em duas áreas. A primeira fica no bairro Jardins: nessa área estão os edifícios modernos, as casas noturnas cuja entrada custa em média 15 reais, lojas de roupas e calçados direcionadas para um consumidor disposto a pagar mais, amplas moradias, áreas espaçosas de jardins. Entre alguns paulistanos a região é considerada como uma parte “chique” da cidade. A segunda está localizada entre a Avenida Paulista e o centro

²⁷ São Paulo, por muitos anos, vendeu a imagem de ser o “gigante industrial”, a cidade onde todos encontrariam emprego, sucesso, dinheiro. No entanto, o crescimento populacional foi além dos limites suportáveis e, principalmente depois da década de 80, São Paulo tem apresentado problemas gerados por uma falta de estruturação social, econômica e espacial. Segundo o IBGE, no ano de 1996, a cidade tinha 9.839.066 pessoas, em que 4.722.980 eram homens e 5.116.086 eram mulheres. (Contagem populacional 1996 – População Residente por Sexo e População Cédida. Ver maiores detalhes <http://www.ibge.gov.br>).

²⁸ Segundo Arienti (1989), “esta região fica perto do ‘centro velho’ da cidade e próxima também a uma região residencial de classe média e alta e a regiões comerciais, onde predominam as vendas de artigos de luxo, presentes, além de grandes escritórios, bancos, etc. Compreende, entre outras, as ruas Major Sertório,

da cidade, um local conhecido como uma parte perigosa da cidade de São Paulo. Segundo o relato de um amigo, morador de São Paulo: *A Augusta é escura, suja, esquisita, enfim, típico centrão paulistano!* Os locais pesquisados²⁹ estão próximos à “zona do lixo”, aos lugares de prostituição masculina e de travestis, a Rua Nestor Pestana com suas boates sofisticadas, a Praça da República.³⁰

Rego Freitas, Bento Freitas, Nestor Pestana, Augusta e da Consolação”. (Ariente, 1989, p. 31).

²⁹ Conforme Joanidas (1977), a prostituição na cidade de São Paulo concentrou-se até o ano de 1953, principalmente, no bairro Bom Retiro. Um decreto governamental deu fim à prostituição nesse local. Foi preciso partir para outras regiões. A prostituição “desoficializada” se fixou no bairro dos Campos Elíseos (e lugares ao redor – São João, Duque de Caxias, entre outras). As mudanças sociais reelaboravam essas regiões, era preciso fugir da repressão social e policial. Em 1960, a Avenida Ipiranga, o Largo do Arouche, a Amaral Gurgel até a Rua da Consolação e Avenida Ipiranga tornaram-se os pontos estratégicos do mundo da prostituição. Segundo Ariente (1989), as mulheres “subiram” as principais avenidas, entre elas, a Avenida São João, passando pela Avenida Angélica até alcançar a Avenida Paulista. Em 1970, era esse o cenário da prostituição em São Paulo.

³⁰Ver maiores detalhes em Perlonguer (1987) e Ariente (1989).

Foi em dezembro de 1998, numa noite de verão, quando ainda em visita à cidade de São Paulo, através da ONG Piracema, que conheci a Rua Augusta e a prostituição que ali é exercida. Após um ano da primeira visita, em dezembro de 1999, comecei o trabalho de campo na região de prostituição na região da Rua Augusta.

A primeira noite de trabalho de campo foi em uma sexta feira. Nessa noite, a Rua Augusta tinha um “barulho” constante e intenso: buzina de carros, conversas, risadas altas, pessoas na calçada bebendo e comendo, luzes piscando nas boates e saunas, homens nas portas dos bares chamando os *clientes*, mulheres passando, parando, sentadas nos carros, encostadas nas paredes, sozinhas ou em grupos. A heterogeneidade era presente tanto em relação aos usuários como dos prédios: edifícios de moradias, bares, lanchonetes, padarias, jogos de bingo, galerias, lojas de antigüidade, decoração, “sex-shop”, ortopedia, cinema, cartório, bancos, “botecos” ao som de pagode, hotéis um ao lado do outro, mas com uma imensa diferença de preços em suas diárias (de 25 reais a 200 reais). Nas calçadas além das mesas dos bares, dos pedestres e das *garotas de programa* também se encontravam carrinhos que vendem alimentos (churrasquinho, cachorro-quente) e bebidas em geral. Nesse cenário também existem alguns vendedores com suas tendas armadas nas calçadas e também pessoas dormindo na rua.

Principalmente depois da 1h da manhã a Rua Augusta estava congestionada. Dessa forma enquanto caminhava pelas calçadas era possível observar alguns dos *clientes*. Os carros pareciam novos, conservados e limpos. Em cada um deles havia, em geral, dois a três homens. A maioria parecia não ter mais do que 25 anos. Em seus carros a música tocava alta e, muitas vezes, misturava-se tanto com as vozes das pessoas que estavam nas calçadas como com as músicas que tocavam nos diversos bares que tinham mesas e cadeiras colocadas nas calçadas. Como os carros ficavam parados, os “porteiros” das casas de show

e/ou massagem iam até os motoristas e conversavam com eles. O que eles diziam? Fico a imaginar. Mas, pelo que escutei enquanto passava pelas portas desses estabelecimentos, falavam das vantagens da casa e de suas garotas.

As mulheres realizavam a prostituição tanto na rua como em casas de dança e/ou massagem, saunas. Vi na Rua Augusta, mulheres mais velhas (poucas) e novas (até algumas parecem não ter 18 anos), magras e gordas, morenas, loiras, rindo ou chorando, sorrindo ou brigando, com trajes “menores” ou “maiores”, sapatos com ou sem saltos, maquiadas ou não, vestidos de seda, calças transparentes, de brim, sutiãs à mostra, algumas que diziam cobrar 50 reais por um programa, outras 200 reais. Era intenso o movimento das garotas, bem como a sua quantidade. Elas conversavam entre si, com os *clientes* ou no celular, caminhavam, ficavam paradas, sentadas nos carros, em pé. Aquelas que ficam nas casas de show e/ou massagem, nas poucas vezes que as vi, pelos pequenos espaços das portas entre o entrar e sair de *clientes*, vestiam-se com biquínis, shorts curtos e justos, roupas que não encontrei na rua.

Uma das primeiras dicas das garotas foi que eu não deveria freqüentar a rua durante o fim-de-semana. Segundo elas, nesses dias o movimento é maior, apesar de menos programas serem realizados. Por esse motivo, as mulheres costumavam ficar nervosas e assim poderiam me tratar mal. Segui à risca o conselho.

Conheci a noite da região da Rua Augusta, principalmente de domingo a quarta-feira. Nessas noites, apesar do movimento também ser intenso havia diferenças quando comparadas ao fim-de-semana. Primeiramente havia menos *clientes* e, dessa forma, menos garotas. Esses *clientes* pareciam menos “barulhentos” – gritavam menos e as músicas dos carros tinham volumes mais baixos. Elas contavam que nos dias de semana os *clientes* que freqüentam a região da Rua Augusta são os homens que estão à procura de programas, e os

homens dos fins-de-semana estão à procura de “divertimento”. Ou seja, os homens dos dias de semana, que são mais velhos, muitos casados, e que estão saindo do trabalho ou de um jantar de negócios, vão para a Rua Augusta principalmente atrás de sexo. Assim, eles fazem programas e investem nelas seu dinheiro. Os homens dos fins-de-semana parecem divertir-se mais em olhar, provocar, *zoar* com as garotas do que em realizar programas.

Outra diferença está ligada à heterogeneidade da forma como essas mulheres agenciam a “performance” de *garota de programa*. A região da Rua Augusta é composta por mais de 20 quadras de extensão. Obviamente ali está colocada uma grande diversidade. Tomando o exemplo das suas roupas é possível ter uma idéia dessa heterogeneidade. As garotas que estão na Rua Augusta próximas da avenida Paulista vestem-se com roupas mais clássicas – calças, camisas, blazer, calçado com saltos; as que ficam no meio da Rua Augusta (usando a Avenida Paulista e a Rua Martins Fontes) vestem-se com roupas mais coloridas e menores – vestidos e saias para cima dos joelhos, topes, calças justas; as que ficam próximas da rua Nestor Pestana estão com vestidos de seda, compridos, com brilhos, penteados, maquiagem com cores fortes. Essa é apenas uma das visíveis diferenças que se podem observar dentro da diversidade deste campo de estudo. Certamente essas diferenças dos tipos de roupas também está expressando uma diferença tanto na “performance” da garota como no tipo de prostituição que naquele *ponto* é realizada.

No entanto, esta etnografia foi realizada em quatro ruas da região da Rua Augusta entre as ruas Luís Coelho e Fernando de Albuquerque e entre as ruas Augusta e Bela Cintra. Especificamente, para fins deste trabalho estarei analisando seis *pontos* de prostituição feminina de rua que se situam em quatro ruas diferentes; desses seis *pontos*, três encontram-se na mesma rua. Tanto as ruas como os *pontos* estão geograficamente próximos um do outro.

O contraste do dia e da noite na região pesquisada também enfoca a especificidade deste estudo. Diferentemente da noite, durante o dia nesses lugares pessoas transitavam em um ritmo acelerado, poucos olhares e corpos contidos. Nas calçadas, lugares das garotas, funcionavam entre outros, um ponto de táxi com muitos homens sentados entre bancos e seus carros, vendedores com suas barracas de flores e bijuterias. Mas esse cenário está repleto de prédios de moradia e alguns estabelecimentos comerciais que em suas diferenças de tamanho e estilo também compõem a região estudada.

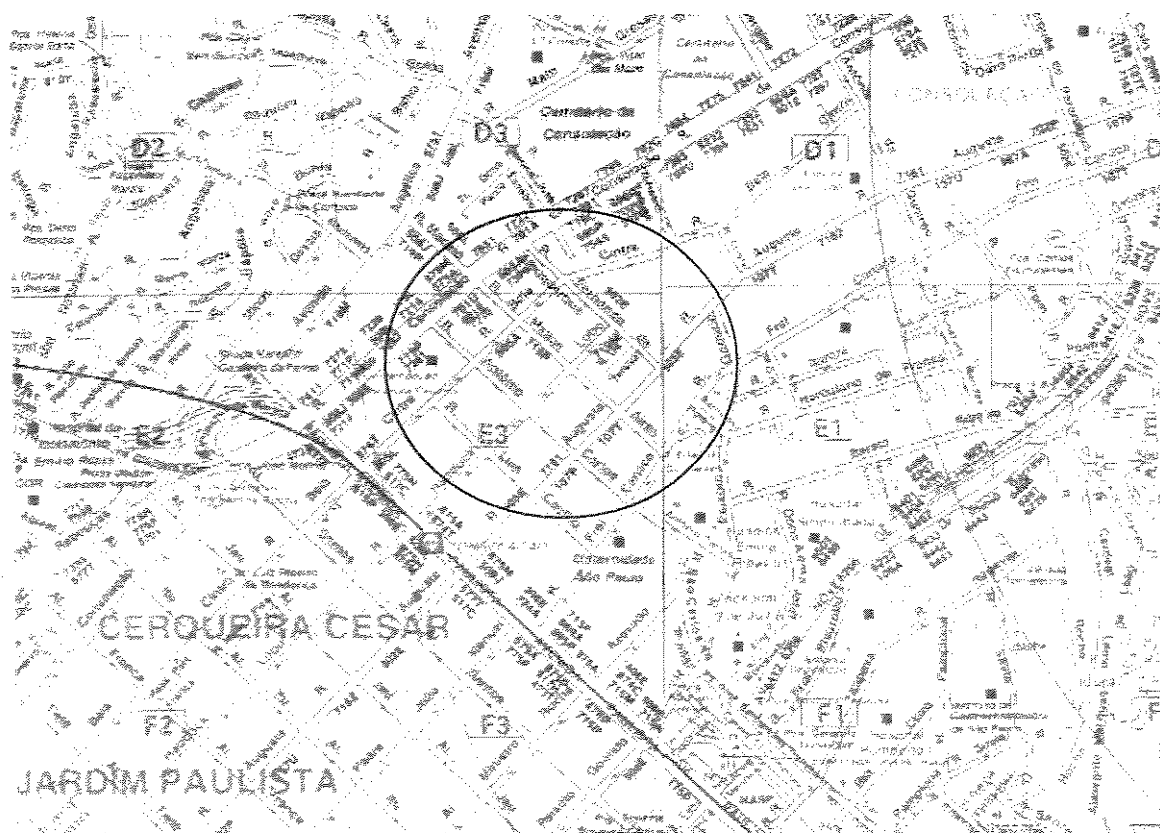


Figura 2 – Visualização da região da Rua Augusta.

2. 3. 1. PONTOS DE PROSTITUIÇÃO

A primeira impressão da Rua Augusta foi essa diversidade que parecia desordenada. No entanto, a pesquisa paulatinamente desconstruiu essa primeira impressão. As *garotas de programa* não se movimentam de qualquer maneira, não param em qualquer lugar e sem qualquer critério e, na maioria das vezes, não ficam ao lado de qualquer outra mulher. Neste item mostrarei alguns elementos sobre o local onde acontece o encontro e a negociação entre a *garota de programa* e o *cliente* – o *ponto*. A análise do *ponto* é importante porque, além de ser o local onde se pratica a prostituição também é o espaço onde se agencia a “performance” de “ser” uma *garota de programa*. É no *ponto* que essas mulheres se constituem enquanto tais – práticas que se revelam na sua corporalidade e nas relações que estabelecem com outras pessoas, principalmente na sua aproximação com o *cliente*. Ao mesmo tempo é possível apontar elementos constituidores da visão de mundo do universo pesquisado.

Segundo o grupo pesquisado, o espaço onde elas permanecem enquanto estão na atividade da prostituição é denominado *ponto*. Provavelmente, esse termo esteja ligado ao fato de que a rua vai sendo “pincelada” por várias mulheres espalhadas pelas calçadas desenhando as ruas de prostituição. Observei que pode haver vários *pontos* de prostituição na mesma rua. O *ponto* é o elemento básico da prostituição que analiso.³¹

É nesse espaço que o *cliente* e a *garota de programa* se encontram e negociam o programa. Mas também é nesse local que elas estabelecem trocas e constituem relações com pessoas do mundo da prostituição – entre elas, vendedores ambulantes, moradores da

³¹É interessante pensar que a terminologia que as *garotas de programa* usam para expressar o espaço onde realizam a prostituição é a mesma usada para os lugares dos táxis e dos ônibus. Entre outros significados, no dicionário encontra-se que ponto é um lugar determinado, fixo, um lugar de parada de veículos de passageiros, um lugar de estabelecimento comercial. Assim, *ponto* é um lugar específico, mas, ao mesmo

região. No *ponto*, elas experienciam a atividade da prostituição e, ao mesmo tempo, compartilham suas experiências fora da vida na prostituição. O *ponto* de prostituição é o local privilegiado de sociabilidade. Principalmente porque, enquanto elas estão nos *pontos*, realizam mais do que negociações com os *clientes*. Nesse espaço elas conversam sobre seus problemas, trocam experiências e ajudas, aconselham-se, enfim, interagem. Essa reunião de mulheres é um modo de formar laços, de estar com os outros, de formar grupos através da sociabilidade. Gaspar (1984) e Fonseca (1996) também explicitaram essa leitura dos contextos estudados. Mas é Benedetti (2000), que estudou travestis nas ruas de Porto Alegre, quem melhor explica esse entendimento:

Os territórios de prostituição constituem um importantíssimo espaço de sociabilização, aprendizado e troca entre as travestis. Mesmo aquelas que exercem a prostituição apenas esporadicamente, freqüentam estes lugares. Há algumas travestis que têm nas zonas de batalha o principal (e às vezes o único) ponto de encontro e convívio social. Assim, muito mais do que um espaço de trabalho e fonte de renda, é nestes espaços que muitas *monas* fazem amizades, compram e vendem roupas, objetos, materiais de “*montagem*”, perfumes, adornos, drogas, etc. É ali também que aprendem os métodos e técnicas de transformação do corpo, incorporam os valores e formas do feminino, tomam conhecimento dos truques e técnicas do cotidiano da prostituição, conformam gostos e preferências (especialmente os sexuais) e este é um dos importantes espaços onde as travestis constroem-se corporal, subjetiva e socialmente. (Benedetti, 2000, p. 102)

É possível reconhecer os *pontos* tanto pela delimitação física quanto simbólica. A diferenciação de um para outro pode ser observada porque é um espaço demarcado pelo grupo que ali realiza a prostituição. Assim, os *pontos* estabelecem-se pelas regras, que se tornam fronteiras simbólicas entre um e outro. Essas fronteiras simbólicas são estabelecidas

tempo, transmite transição, passagem. Ali se encontra alguma “coisa”, mas não se permanece naquele lugar.

por constantes negociações entre as *garotas de programa*. Cada *ponto* estabelece suas regras para, dessa forma, se diferenciar do outro.

As principais decisões que acontecem no *ponto* são: entrada e permanência de outras mulheres, brigas entre as mulheres do mesmo ou de outros *pontos*, disputa de território físico, disputa por mudanças de regras (preço, práticas sexuais, roupas...), entre outras. Assim, em cada *ponto* existia uma pessoa que detinha o poder de decidir essas questões. No território de minha pesquisa, mulheres eram *donas*³² dos *pontos*.

Algumas das *garotas de programa* com quem conversei contam o quanto é difícil se colocar em um *ponto* de prostituição. Entre todos os *pontos* que conheci, apenas em três deles estive com suas *donas*; em dois deles havia apenas uma mulher no *ponto*, a própria *dona*. A curiosidade sobre as “verdadeiras” *donas* dos *pontos* esteve presente durante o trabalho de campo. Mas elas pouco falavam nessas figuras: uma delas estava viajando, outra tinha casado, outra tinha parado com a prostituição. Mesmo que não estejam na rua, elas permanecem comandando o *ponto*. Na prática, isto significa que ela poderá retornar a qualquer momento, realizar alguma mudança e, o mais importante, que ela detém poder sobre as outras prostitutas. As mulheres pouco detalhavam suas histórias sobre como chegaram no atual *ponto*. Na maioria das vezes, foi através do parentesco: a irmã de uma, a prima de outra ou amigas da irmã, da prima. A “amizade” e as negociações com as *donas* do *ponto* são elementos constituintes do *ponto*. Enfim, a forma de se colocar no *ponto* é através de uma ligação (parentesco ou amizade) com alguém que represente uma garantia de sua colocação. A regra em todos eles é não aceitar novas *garotas de programa*.

A demarcação do *ponto* é determinada e, ao mesmo tempo, determinante na constituição daquela postura do que é considerado ser uma *boa garota de programa*. As

principais regras dos *pontos* observadas diziam respeito à roupa, à quantidade de maquiagem no rosto, à forma de abordagem ao *cliente*, ao tempo, ao valor do programa e às ofertas de *serviço*. Assim, se regras semelhantes podem ser encontradas em vários *pontos* algumas especificidades quanto à realização delas são constantes. Sousa (1998) também observou em seu universo pesquisado que havia regras específicas para o comportamento profissional, cabendo a cada mulher segui-las ou não.

Também observei em Porto Alegre um caso onde a inadequação às regras trouxe problemas para duas prostitutas. Depois da morte de seu companheiro, elas precisaram se transferir de *ponto* mas, como não se adequaram às regras desse novo *ponto*, rapidamente foram obrigadas a migrar mais uma vez. A pressão das outras mulheres também é um fator decisivo para esse tipo de deslocamento.

Nesses *pontos*, além de observar alguns elementos comuns entre as regras, também foi possível perceber as diferentes maneiras como cada *garota de programa* incorporava essas regras e, ao mesmo tempo, a especificidade que marcava cada um dos *pontos* de prostituição estudados. Em outras palavras, é possível com a análise dos *pontos* compreender a prostituição que está sendo praticada, principalmente através da maneira como algumas dessas regras gerais são praticadas. Nesse sentido, estarei enfocando o principal diferenciador observado em cada rua (em uma das ruas há três *pontos* de prostituição). Dessa forma, além de apresentar elementos constituintes dos *pontos* também apresentarei dados específicos de cada *ponto* estudado.

³² Assunto que será retomado no decorrer do texto.

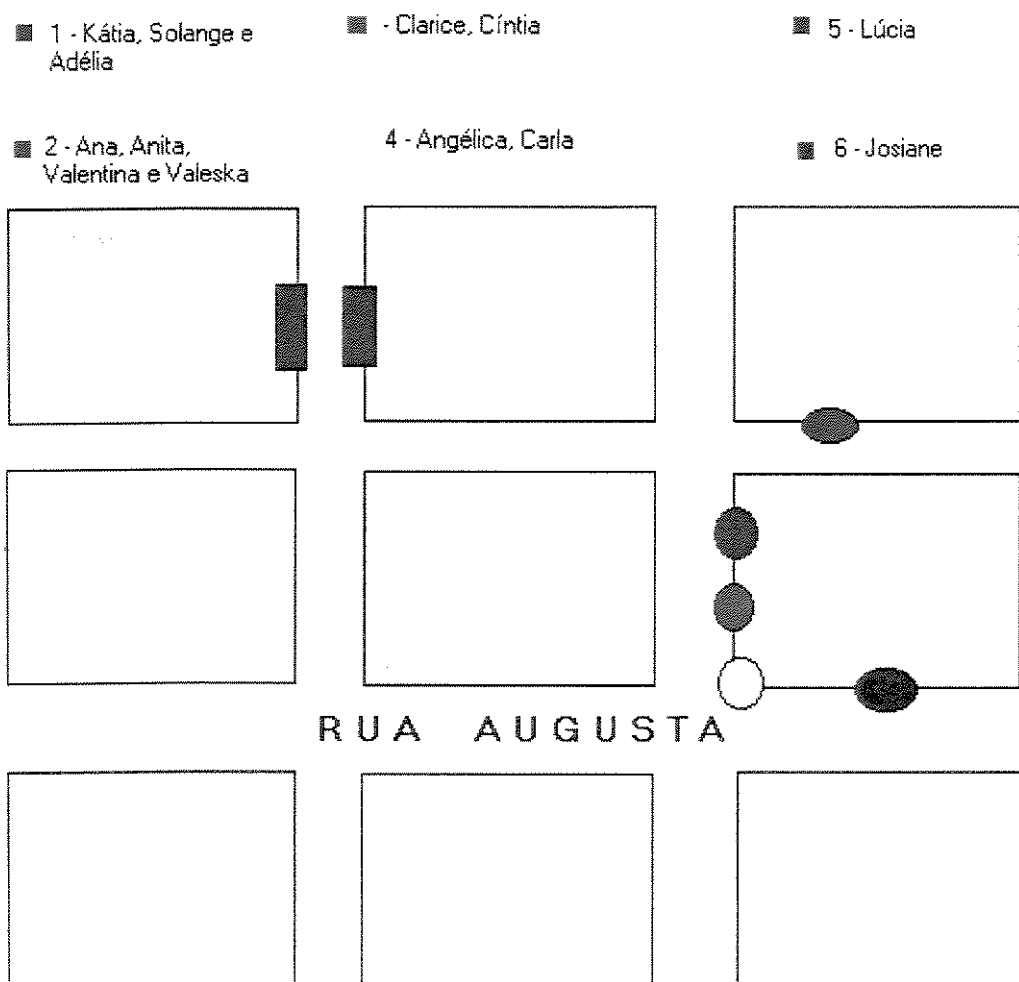


Figura 3 - Visualização dos pontos de prostituição pesquisados.

RUA 1 – um *ponto* de prostituição

O *ponto* nessa rua está localizado na quadra inteira. As *garotas de programa* transitam a partir das 22 horas até cerca de 4 horas da manhã entre as ruas Bela Cintra e Haddock Lobo, mas quase sempre estão paradas em dois lugares – do lado direito de quem vem da Rua Augusta, exatamente na esquina com a Haddock Lobo e, do lado esquerdo, em um ponto de táxi, agora quase esquina com a Rua Bela Cintra.

Na maioria das vezes em que fui até o *ponto*, encontrava com Kátia, Solange e Adélia. Mas, dependendo do dia, principalmente entre as terças e quintas-feiras, apareciam outras duas mulheres. Segundo Kátia, apenas as cinco poderiam *fazer ponto* naquela rua.

De todas as *garotas* com quem conversei na rua, Kátia era a única que se denominava *dona* de um *ponto* de prostituição e, dessa forma, ela também era a *dona* da rua justamente porque o *ponto* estava delimitado da esquina de uma quadra a outra, o que lhes permitia caminhar por todo o espaço.

Terceira noite do trabalho de campo vou até a rua onde encontraria com Kátia. Hoje ela não está no mesmo lugar que na noite passada. Encontro com Adélia e Kátia sentadas em um banco de um ponto de táxi, que à noite não funciona, praticamente na esquina da Bela Cintra. Sento ao lado de Adélia e conversamos sobre o dia de cada uma de nós. Não demora muito Adélia sugere que a gente caminhe até a esquina da Haddock Lobo. Enquanto caminhamos pergunto se elas podem ficar em todos os lugares da quadra. Kátia com um tom de voz alta diz que é dona da rua inteira. (19 de março 1999).

Kátia contou que ainda em sua cidade natal saía com homens por dinheiro, mas foi em São Paulo que assumiu a prostituição. Segundo ela, quando começou na prostituição “perambulava” pela Rua Augusta, não tinha um lugar fixo, até que chegou nessa rua e,

como não havia ninguém, resolveu ficar. Com a chegada de novas mulheres ela começou a dizer que era ela quem mandava e as mulheres ficariam ali se ela assim permitisse. Ainda hoje essa quadra é organizada assim.

Solange conta que quando começou a freqüentar a Rua Augusta ficou em outro *ponto*, perto da Rua Nestor Pestana, mas diz que não gostava do lugar, então “subiu” a Rua Augusta e parou na rua onde está até hoje. No começo uma das *garotas de programa* avisou que ela não poderia ficar naquele *ponto*. Só depois de muita conversa com Kátia é que Solange obteve a permissão para permanecer ali. Mas eu nunca soube o motivo que levou Kátia a aceitar Solange. Atualmente ela é o *braço direito* de Kátia; quando esta não está na rua (que nunca vi acontecer), é Solange quem “poderá” resolver os problemas. Mas quando ambas estão juntas é impossível deixar de perceber quem comanda o *ponto*.

A permanência de uma garota no *ponto* está ligada, principalmente, ao desempenho adequado das regras que o constituem, a que também deve ser somada a submissão ao controle da *dona* do *ponto*. Elas explicam que o “contrato” que existe entre elas para permanecer nos *pontos* não é de pagamento e sim de respeito. No entanto, Kátia conta que cobrou 50% do total que uma garota recebeu durante uma noite em que lhe foi permitido realizar *boquetes*³³ nos *clientes*. Kátia admite que só permitiu que a outra garota ficasse ali porque ela também é *dona* de um *ponto* de prostituição (aquela noite ela estava sozinha e por isso foi até o *ponto* de Kátia).

Em uma noite ao chegar nesse *ponto*, percebi um movimento diferente. Elas conversavam entre si e com uma certa discrição. Demorei a entender que estavam discutindo a permanência de outra mulher. Na verdade, não era exatamente uma discussão

³³*Boquete e chupeta* são sinônimos, termos êmicos que indicam a ação da mulher colocar sua boca no pênis do homem com o intuito de fazê-lo gozar.

sobre se ela ficaria ou não, mas, ao contrário, tentavam descobrir uma forma de fazer com que a mulher saísse dali de uma vez por todas. Passado um tempo a tal mulher apareceu para conversar com Kátia. E foi este o meu registro naquela noite:

Estamos eu, Kátia e Regina encostadas no muro do prédio que fica na esquina da Haddock Lobo. Chega uma mulher perto da gente. Ela era negra, mais ou menos 1,60m, cabelos pretos até os ombros, corpo pequeno e gordo. Vestia uma calça amarela justa de lycra e um blusão preto largo, tinha uma bolsa bege tiracolo. Ela se dirige a Kátia (já deveria saber que é ela quem “manda”) e pergunta se pode ficar ali “fazendo ponto”. Conta que veio do Rio de Janeiro visitar uns parentes, mas está precisando de dinheiro e pretende ficar ali apenas durante a semana. Diz que tentou ficar no ponto onde Regina havia indicado, mas que era muito escuro e viu alguns homens roubando um carro, diz estar com medo. Kátia fala que ali também tinha acabado de ocorrer um assalto e que a rua é assim mesmo. Kátia também fala que o melhor é ela não olhar e não dizer nada. Regina: “medo tem quem se mete ou fala alguma coisa”. Kátia: “é só não baquejar, se a polícia perguntar diz que não sabe de nada”. Kátia fala para a mulher que ela não pode ficar ali porque já tem muitas mulheres. A mulher não fala nada. Kátia ainda diz que se ela precisa trabalhar o melhor é ela “tentar fazer ponto de dia, porque a noite é realmente muito perigosa”. (22 de abril 1999)

Ao dizer-me que não permitiria que qualquer mulher ficasse no *ponto*, Kátia levava em consideração o *cliente* e a valorização do *ponto*. Isto é, uma mulher *nova* (no sentido de diferente), automaticamente chamará mais atenção do que aquelas que sempre estão no *ponto*. Ela será novidade, mesmo que não tenha nenhum atrativo, simplesmente por ser *nova* naquele contexto. Uma das estratégias para cuidar do *ponto* era não permitir a entrada de *garotas de programa* “novas” e/ou “bonitas”. Kátia ressaltou que isto não significa subestimar-se, mas é que está na rua há muito tempo e não tem mais o mesmo corpo. Em uma noite, acompanhada de um amigo, Kátia faz um teste com ele, compara-se a outra mulher que tinha ido ali “visitá-las”, pergunta-lhe com qual das duas ele faria um programa. Mesmo sem ele responder, ela afirma que seria com a outra, pois era mais nova. Vê-se que

em suas colocações a proibição da colocação de outras mulheres estava ligada tanto à idade como à novidade. Esses dois valores sempre eram destacados pelas mulheres como qualidades procuradas pelos *clientes*.

Qualquer acontecimento na rua, brigas entre mulheres, presença de policiais, assaltos, deve ser relatado a Kátia logo que ela chega na rua. Também as garotas dos *pontos* próximos a essa quadra costumam freqüentá-la e resolver qualquer problema com o aval de Kátia. O mando de Kátia é reconhecido tanto pelas *garotas de programa* do próprio *ponto* como dos outros *pontos*. Todas essas situações levam a constatar a ascendência de Kátia sobre as outras mulheres. Creio que esse fator, de certa forma, prejudicou as conversas que eu mantinha com as outras mulheres. Primeiro, porque Kátia tomava conta da cena – falava muito e alto, gesticulava e queria toda a atenção para ela. Segundo, porque Kátia queria sempre estar a par de tudo o que acontecia na rua, inclusive do que eu conversava com as outras garotas. Na maioria das vezes, Kátia opinava sobre as respostas das outras. Esse ímpeto por direcionar as conversas acabava por constrangê-las. Diversas vezes tentei chegar na rua em outros horários e, também, ficar a sós com as outras mulheres. No entanto, foram poucas as oportunidades que tive de conversar com elas longe de Kátia.

Outra particularidade desse *ponto* era que as *garotas de programa* costumavam trocar suas roupas na rua. Em diferentes momentos presenciei essa cena: enquanto contavam algum acontecimento, tiravam, trocavam, encurtavam suas roupas. Na primeira vez que vi essa cena, fiz o seguinte registro:

Dobro na esquina da rua onde fica o ponto de Kátia antes das 22h30. Além de um guardador de carro, nos primeiros passos da esquina, dificilmente encontro com outras pessoas na rua. Carros passam, um seguido do outro. Enquanto atravesso a rua, vejo uma mulher caminhando vagarosamente. Ela tem o ritmo de Kátia: rebolado manso, cabelos longos e pretos, calça justa, bunda grande, bolsa tiracolo, a chamo pelo nome. Kátia

me espera e caminhamos o final da quadra juntas. Ela se pendura em meu ombro enquanto caminhamos, diz estar cansada e que precisa de férias, pois não agüenta mais vir todas as noites para a rua. Atravessamos a rua e paramos na próxima esquina. Kátia diz que vai aproveitar que não tem muito movimento e trocará de roupa. Ela veste uma calça de brim preta justa, uma blusa preta de lã e uma bota preta com salto. Ela tira da bolsa uma peça de roupa, só quando a desenrola percebo que era um vestido marrom de lã. Nisso chega Regina que veio do outro ponto em que elas costumam permanecer. Kátia conta o que fez durante o dia: dançou uma hora ao som do “É o Tchan”, foi à feira, brigou com Angélica. Enquanto isso, tira a blusa preta e fica com a de baixo (uma espécie de blusa segunda pele). Regina diz que tinha acabado de chegar... Kátia coloca as peças de roupa que tira em seus braços. O vestido parece justo. Eu ajudo a puxá-lo (ela ainda está de calça), pois sozinha ela não consegue. Kátia pergunta várias vezes para Regina se ela está muito gorda com o vestido. Regina responde que não, ao contrário, que está bonita. Kátia esclarece que em casa o vestido não estava tão apertado, conclui que é porque o experimentou sem a blusa de baixo. Eu pergunto se elas sempre trocam de roupa na rua. Kátia diz que depende de onde se mora e com que roupa se vem, “claro, se for uma calça, uma blusa um pouco decotada não tem problema”. Enquanto Kátia termina de trocar-se os carros passam e os clientes parecem não se incomodar com a cena. Ela continua conversando... No final guarda as roupas na bolsa e a pendura na grade do prédio. Kátia fica com o vestido de lã marrom e justo, uma meia de nylon brilhosa e uma bota preta na altura do joelho. Percebo que quando Kátia vai até a janela de um carro, ao se abaixar, se enxergam suas roupas íntimas – calcinhas. (22 de abril de 1999)

Em diferentes momentos encontrei com elas trocando de roupa na rua. O motivo principal era porque achavam que não ficaria bem caminhar com aquelas roupas na rua ou porque sua família não sabe que ela trabalha na prostituição. Também o fato de que nesse *ponto* elas se vestem com roupas insinuantes, apertadas e curtas talvez as obrigue a manter a prática da mudança da vestimenta na rua. Na maioria das vezes elas usam blusas com topes curtos e sutiãs de renda à mostra. Sapatos com saltos altos e a pouca maquiagem nos rostos, apenas batom, também marcam seu visual.

O movimento nessa rua é menor do que nas outras ruas pesquisadas, passam menos carros e conseqüentemente param menos *clientes*. De todas as vezes que estive nesse *ponto*,

em nenhum momento vi as garotas saírem para um programa, apesar de negociarem com os possíveis *clientes*. Ainda hoje me pergunto se era por minha causa, se fazia parte do cotidiano delas, se era a hora, o dia da semana, do mês...

Com relação ao *ponto* aqui descrito é preciso destacar a importância na valorização do que é a “performance” de ser uma *dona* de *ponto*, o exercício do seu poder (onde ela não está presente, a disputa entre as mulheres por esse poder torna-se acirrada). A *dona* de um *ponto* também estabelece e incorpora as regras do *ponto*, tendo o privilégio de criar ou terminar com qualquer um desses acordos.

RUA 2 – três *pontos* de prostituição

Nessa rua, há cinco *pontos* de prostituição, três do lado direito da rua (de quem vem da Rua Augusta) e dois do lado esquerdo. Esse foi o espaço fundamental da minha pesquisa de campo, já que nessa rua fiquei mais tempo, conheci mais *garotas de programa* e, ao mesmo tempo, tive mais contato, possibilitando um aprofundamento de nossa relação.

Os três *pontos* de prostituição pelos quais transitei estão localizados um ao lado do outro (cerca de 30 metros de distância entre eles). Um deles fica exatamente na esquina com a Rua Augusta, o segundo em frente a uma concessionária de automóveis e o terceiro em frente a um prédio residencial, quase esquina com a Rua Haddock Lobo.

O primeiro *ponto* que freqüentei é onde Angélica costuma ficar. Esse *ponto* é intermediário e fica em frente a uma concessionária de carros. Conheci Angélica na primeira noite em que estive na região da Rua Augusta. Desde o começo ela se colocou à disposição para ajudar na pesquisa. Apesar de primeiramente ter conhecido Angélica, foi no *ponto* de Clarice onde mantive mais contatos. Esse *ponto* situa-se ao lado do *ponto* de Angélica, em frente a um prédio residencial com no máximo cinco andares. Praticamente

todas as noites do trabalho de campo estive com elas. O fato de nesse *ponto* haver várias *garotas de programa* e de, ao mesmo tempo, muitas delas serem assíduas fortaleceu o nosso contato. Tanto Clarice como Luzia faziam questão de apresentar-me novas garotas. Antes ou depois da apresentação, cada uma delas fazia-me seu “parecer” a respeito da mulher que acabara de conhecer, o qual invariavelmente consistia num conjunto de acusações.

Conforme já observei, elas contavam que estavam no *ponto* através de alguma ligação com a “verdadeira” *dona* do *ponto* – de amizade ou de parentesco. Por exemplo, Cíntia é irmã, Valeska é prima, Luzia é amiga da *dona* do *ponto* onde Clarice realiza os programas. Mesmo sem estarem de corpo presente nas ruas, essas mulheres permanecem sendo *donas* dos *pontos* – as “verdadeiras” *donas*. Mas as demais garotas esclarecem que elas também têm poder no *ponto*, principalmente em relação à permissão ou proibição de entrada de outras *garotas de programa*.

Nesse *ponto* específico, sempre há mais garotas do que nos outros, parecendo por vezes uma festa. No começo era difícil saber quem pertencia a um ou outro *ponto*, pois algumas apareciam uma noite e depois desapareciam por várias noites. No entanto, essa rotatividade não significa que essas garotas não assíduas tenham menor poder do que as assíduas (foram essas que se tornaram minhas informantes). Algumas mulheres não trabalham todos os dias da semana e em todos os horários, vinham para a rua em momentos esporádicos. A inconstância do número de mulheres no *ponto* requer delas uma constante negociação. Entre domingo e terça-feira o movimento na região é menor. A partir de quarta-feira, tanto a clientela como o número de prostitutas aumenta. Nesses dias, em alguns momentos, chega a haver dez *garotas de programa* nesse *ponto*, em que as mais assíduas ficam irritadas e tentam migrar para *pontos* menos concorridos.

Lembro-me de uma noite fria do mês de junho, neblina, poucos carros, poucas mulheres. Nenhuma *garota de programa* na primeira rua, na segunda, na terceira. Refaço o caminho, o *ponto* de Kátia, o de Clarice, resolvo perguntar sobre Clarice a uma garota que fica no *ponto* em frente ao de Angélica. Apesar de saber que é inconveniente perguntar sobre qualquer pessoa que circula pela noite (problemas com policiais, desconfiança) resolvi arriscar. Depois que ela lembrou quem eu era, explicou-me que Clarice e Luzia deveriam estar na Rua Augusta.

Demorei a entender o que acontecia entre esses três *pontos*. Nunca sabia exatamente qual *ponto* era de quem. Com o desenvolvimento do trabalho de campo, percebi que são comuns as transferências de garotas de um *ponto* para outro. Uma noite Clarice explicou. Ela contou-me que seu *ponto* não é onde ela permanece, pois ali tem uma mulher com a qual ela não se relaciona bem. Assim, quando a tal mulher está na rua, Clarice se transfere para o lugar ao lado. Aliás, foi nesse *ponto* que a encontrei quase sempre que estive na rua e, com certeza, Alexandra, a tal mulher, não esteve na rua todas essas vezes. Mas, segundo Clarice, a possibilidade da transferência de uma mulher para outro *ponto* só existe quando a *dona permite*.

Observei que essa prática era comum entre os três *pontos* dessa rua. Mas percebi que esse deslocamento não é uma prática fácil. Ao contrário, é preciso ter uma boa e sólida ligação com as *garotas de programa* dos outros *pontos*. A permissão de transitar de um lugar a outro se torna um “troféu”, justamente porque não é qualquer garota que se transfere para qualquer *ponto*. Ao contrário, a regra é a não permissão desse trânsito de mulheres. Muitos elementos devem ser negociados para a garota obter esse ganho.

Alguns dos motivos de transferências apontados pelas *garotas de programa* são: (1) a quantidade de garotas em cada *ponto*, entre duas e cinco; quando esse número aumenta

(caso em que todas elas resolvem ir ao mesmo horário e no mesmo dia da semana para a rua) as que podem se transferem para outro *ponto*; (2) quando está presente alguma garota de quem a outra não gosta; e, também, (3) como estratégia de renovação, isto é, para que o *cliente* (que não passa no seu *ponto*) ache que ela é uma nova *garota de programa*.

Algumas delas passam longos períodos afastadas da prostituição. Os motivos para isto são diversos: viagens, doenças, namorados, entre outros. Conheci *garotas de programa* que nunca mais encontrei. Soube de outras apenas pelas conversas com minhas informantes. Dificilmente tive contato com todas as garotas de um mesmo *ponto*. Aliás, algumas delas não sabiam dizer o número total de mulheres que trabalhavam no *ponto*. Nessa rua conversei com sete *garotas de programa*: Valentina, Valeska, Anita e Ana do *ponto* 1; Clarice, Cíntia do *ponto* 2; e Carla e Angélica do *ponto* 3. O desenho esclarece essas transferências:

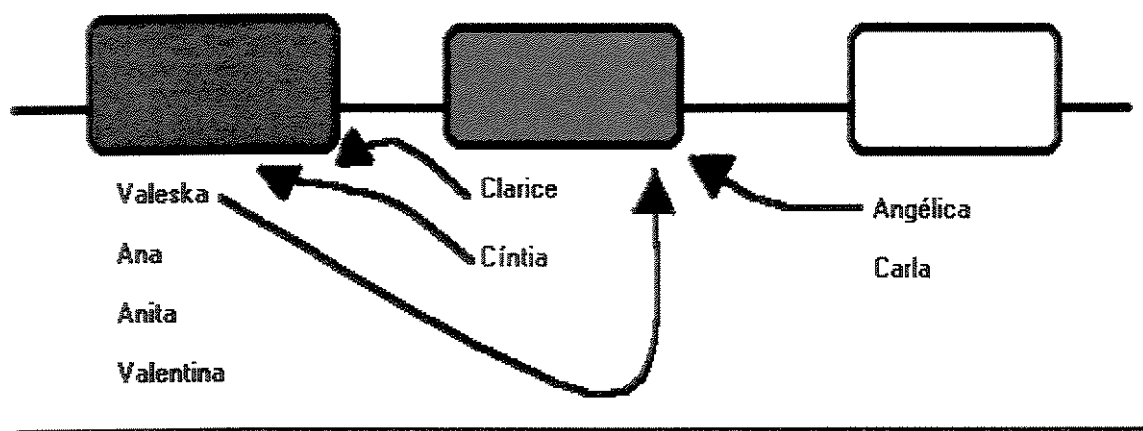


Figura 4 - Circulação de garotas de programa entre os pontos pesquisados.

Dentre os seis *pontos* pesquisados, apenas entre os *pontos* 2, 3 e 4 percebi essa rede de vizinhança³⁴ entre as *garotas de programa*. Esses *pontos* tinham um clima festivo, as garotas eram receptivas, riam bastante, conversavam animadamente e pareciam ter entre si relações intensas, cumplicidade, cuidado, trocas. Ao mesmo tempo, era comum em suas falas a demonstração de que as outras não realizavam a prostituição como deveriam (transgressão de regras em cada *ponto* e ainda as regras de práticas com os *clientes*).³⁵ As *garotas de programa* estabeleciam entre si uma competição acirrada. Elas disputavam quem era a mais bonita, quem era a mais competente, quem conseguia mais *clientes*. Mas o que essas disputas estão significando para o universo pesquisado?

Mudar de um *ponto* para outro também nos informa sobre relações entre as *garotas de programa*. O fato da verdadeira *dona* do *ponto* não estar presente indica uma luta constante, afinal nenhuma delas tem realmente o poder de mandar. A princípio, todas elas têm o mesmo poder. A transferência de um *ponto* para outro demonstra que essa mulher tem “bons” relacionamentos na rua, pois é aceita em outros e no seu *ponto*. Essa informação também indica que essa *garota de programa* mantém relações importantes e que não deverá ser tratada de qualquer maneira. Em outras palavras, a importância de uma reflexão a respeito das transferências das garotas entre os *pontos* dessa rua está no fato de que essa prática está especificando a maneira como elas se relacionam e também a maneira como essa prática é realizada no *ponto*.

Essas *garotas de programa* procuram construir um modelo da profissional competente. Desta forma nas disputas reelaboram valores e os combinam de formas

³⁴ Nos *pontos* 5 e 6, por exemplo, havia apenas uma *garota de programa* em cada *ponto*.

³⁵ Assunto a ser analisado no decorrer do texto.

variadas. Ou seja, uma delas poderia ser a mais bonita do *ponto*, no entanto não era competente, pois os *clientes* não retornavam. Uma delas poderia fazer mais programas, mas era porque ela transgredia as regras de práticas com os *clientes*. Mas o que esses valores “ser bonita”, “ser competente” estão comunicando a respeito desse universo? Primeiramente que existe uma disputa acirrada entre essas mulheres em que se procura o modelo da *boa garota de programa*. Nessa busca de ser a melhor do *ponto* está colocado a disputa pelo poder do *ponto*. Assim sendo, jamais alguma mulher terá todas as qualidades que as outras julgarão necessárias para ser a melhor. A outra garota sempre tem uma característica que faz com que ela não seja a mais competente do *ponto*. A mais competente do *ponto* era sempre aquela que conversava comigo. Dessa forma, nenhuma delas poderá mandar mais do que as outras.

Muitas vezes a roupa que elas vestiam era um elemento relevante na questão de ser uma *boa garota de programa*. Justamente porque a roupa “certa” proporciona a realização de um maior número de programas. Ao indagar qual seria a roupa de uma *garota de programa*, as respostas eram as mais variadas, mas havia um elemento em comum nessas falas: não usar roupas vulgares.

Anita, Clarice e Valeska estão paradas em seus lugares, parecendo entediadas. Eu e Luzia, sentadas nos degraus da escada do prédio, também pouco falamos. Pergunto se elas demoram em escolher a roupa que virão para a rua. Todas respondem que sim. Valeska conta que ela tem a sua roupa da sorte, aquela que ela coloca e sabe que fará *muito dinheiro*. Clarice para alegrar o ambiente e para mostrar o estilo de roupa de cada uma delas promove um desfile de modas. Com duas pedras ela indica os marcadores da fantasiosa passarela e assim cada uma delas faz o seu desfile: quadris para os dois lados, expressões maliciosas, andar lento. Naquela noite registrei as seguintes roupas:

Anita usa uma calça curta cinza. A calça é tão justa que é possível observar suas roupas íntimas, uma blusa de lycra preta, de alcinhas e sandálias pretas de salto alto. No rosto, sombra e batom cinza. Clarice usa uma calça de cintura baixa com apliques coloridos na barra, uma blusa de gola alta de linha azul clara, cinto e sapatos também azuis. Os cabelos dela hoje estavam lisos (eles são crespos). No rosto, sombra e batom dourados. Valeska veste uma calça de brim justa e cintura baixa, na calça tem várias aplicações de flores coloridas e uns rasgos descompassados, uma camisa de botões levemente aberta e um cinto cor-de-rosa, uma sandália com salto alto e transparente, muitas pulseiras no braço e no rosto, uma maquiagem rosa e dourada. Valentina veste uma blusa curta vermelha, de alcinhas, uma calça de lycra azul desbotada, um tênis preto e um forte batom vermelho nos lábios. (3 de maio 1999)

A preparação e a preocupação com a roupa do trabalho, aquela que poderá seduzir mais rapidamente seus *clientes* são elementos constituintes nesse *ponto*. Dessa forma, a discussão sobre as roupas que essas *garotas de programa* usam comunica sobre o entendimento que essas mulheres têm de suas práticas de prostituição e, ao mesmo tempo, sobre a concepção de ser mulher.

Pouco sei a respeito dos *clientes* das minhas informantes, justamente pelo fato deles passarem de carro, a cuja porta as negociações acabavam sendo feitas. Eu tentava olhar o mínimo possível em direção aos *clientes* tanto para não chamar sua atenção sobre a minha pessoa, quanto para não despertar suspeita nas mulheres a respeito do meu objetivo na rua. No entanto, esse era um assunto privilegiado em nossas conversas. O que sei é que a clientela é formada, principalmente, por homens que transitam pela rua em automóveis. Segundo Cíntia devem ser *homens com dinheiro, pois tem para gastar com supérfluos*. A maioria pertence ao setor de prestação de serviços – empresários, bancários, empregados de empresas, delegados. Clarice comenta que conhece muitos dos *clientes* pelos carros. Por

exemplo, um *velhinho* que antigamente tinha um carro importado e agora tem um Gol branco. Rindo, ela diz: *bem feito, deve ter gastado tudo com putaria*.

A especificidade do conjunto desses três *pontos* está na prática do deslocamento entre alguns *pontos* que algumas *garotas de programa* realizam. A análise desse trânsito nos informa sobre o quanto o mundo da prostituição é constituído por infinitas negociações entre os agentes que compõem esse contexto e também sobre as diversas regras, as quais elaboram e constituem esses *pontos* de prostituição.

RUA 3 – um *ponto* de prostituição

Em uma noite de segunda-feira fria, poucas mulheres e poucos *clientes*. Luzia pergunta se eu não queria conhecer uma amiga. Digo que sim, então ela me leva até o *ponto* da tal amiga. Enquanto caminhamos (uma quadra apenas), ela me diz que eu posso ficar tranqüila que ela é uma boa pessoa. Chegando lá, Luzia me apresenta como uma amiga que está escrevendo um livro sobre as mulheres da noite na Rua Augusta e diz que depois voltará para me buscar.

Na maioria das vezes que conversamos, Lúcia ficava de costas para a calçada e de frente para a rua, encostada em um carro (aqui existem carros estacionados, nas outras duas ruas não é comum acontecer). Há várias *garotas de programa* na rua, mas Lúcia explica que cada uma toma conta do seu próprio *ponto* e que, ali onde ela fica, nenhuma outra *garota de programa* poderá ficar a não ser que ela permita. Pergunto qual é a delimitação do seu *ponto* e ela me mostra com os braços, e ainda ajudada por um prédio, que fica entre uma marca branca no chão e o fim do tal prédio.

Nesse *ponto* as *garotas de programa* pareciam usar roupas mais “discretas” em relação às mulheres dos outros *pontos*. Na maioria das vezes as vi de calça de brim largas,

calçados sem salto. Lúcia costumava usar corpete com blazer por cima, alegava estar gorda e que o blazer ajudava a esconder suas gorduras. Ela sempre estava maquiada e calçava sapatos sem saltos. Mas seu maior atrativo eram seus “grandes” seios. Assim, o comum era ela colocar a mão nos peitos e tirá-los um pouco para fora do sutiã. Em uma dessas vezes pergunto se seus seios são “verdadeiros”, Lúcia segurando-os esbraveja: *aqui não tem silicone!* Nesse momento passa um homem a pé (ele veste uma calça de tergal marrom, sujo, cabelos despenteados, cheiro de suor, caminha confundindo-se entre suas próprias pernas, provavelmente bêbado) e fica olhando para ela, pára de andar e diz que são os mais bonitos que ele já viu. Lúcia, como se não tivesse ouvido ou visto ninguém, continua falando comigo.

Esse *ponto* fica em uma quadra com pouca luz e com pouco movimento de carros. De todas as ruas pesquisadas essa é a única que não serve como passagem de uma rua importante para outra. Também o fato de que nessa quadra está um dos hotéis onde as mulheres realizam seus programas soma-se para deixá-la mais sinistra. Na maioria das vezes havia quatro mulheres na rua, cada uma delas sozinha em um *ponto*. O *ponto* de Lúcia é exatamente ao lado desse hotel.

Lúcia era a mais informada de todas as *garotas de programa* que conheci. Ela conhece praticamente todas as mulheres que freqüentam o hotel e costuma ter comentários a respeito de quem entra ou sai do hotel. Como, por exemplo, quando respondo com quem já tinha conversado, ela faz comentários de cada nome: *Kátia? Aquela que tem um caso com a Angélica? (...) Clarice que a Luzia cuida?* Em outro momento, quando um travesti entra no hotel com um *cliente*, Lúcia cutuca meu braço e me manda olhar, dizendo que *parece mesmo uma mulher!* Lúcia conta que ela trabalha perto da Nestor Pestana, mas sempre vem fazer programas nesse hotel.

Aliás, a maioria das *garotas de programa* da região realiza seus programas nesse hotel, ou então em outro localizado a cerca de duas quadras dali. O valor cobrado por esses hotéis está em média 10 reais por 30 minutos de uso e quem os paga são os *clientes*. As mulheres escolhem esses hotéis por diversos motivos tais como: elas são conhecidas do porteiro do hotel, elas conhecem as medidas de segurança caso aconteça algum problema³⁶ e também por não demorarem no deslocamento de ida e retorno ao seu *ponto*.

Em uma noite, depois de muitas perguntas sobre o hotel, Lúcia resolve me levar até lá para conhecê-lo. Nessa noite registrei a seguinte descrição:

Ao entrar no hotel se vê um corredor com carpete bege, aparência de sujo, usado e velho (rasgado em alguns pontos). As paredes brancas estavam descascadas e manchadas. Do lado esquerdo um balcão de madeira escura sem pintura. Atrás do balcão um homem com uns 40 anos, entradas na testa, camisa branca de botões, olhar sério, fala mansa. Lúcia diz que queria mostrar a entrada do hotel para uma amiga. O homem, que olhava televisão (14 polegadas) pouco nos dá atenção. No balcão, além da televisão, um telefone, um caderno grande e uma caneta. Pendurado na parede, atrás do homem, uma caixa com números e chaves correspondentes. Depois do balcão, unindo-se ao pequeno corredor termina a entrada do hotel. Dobra-se à esquerda onde tem uma escada, a qual dará acesso aos quartos. Quando nos dirigíamos aos quartos, o homem, que parecia não prestar atenção em nossos passos, fala alto que todos os quartos estão ocupados. Lúcia diz que podemos voltar outro dia. (10 de maio 1999)

Ao lado do hotel também há uma garagem. No tempo que o carro tem que esperar até o portão se abrir é possível enxergar diversos carros, camionetes... Em relação aos *clientes*, Lúcia diz que eles são juizes, advogados, policiais, mas que também há muitos entregadores de pizza, atendentes de farmácia, que, entre uma entrega ou outra, passam por ali. Nesse *ponto* comparando com os outros era ainda mais difícil de enxergar os *clientes*,

³⁶ Clarice contou que se demorar mais de 20 minutos interfone para o porteiro avisando que tudo está sob controle.

pois eu ficava sentada no degrau de um prédio e Lúcia ficava na minha frente, na calçada. Diferentemente dos outros *pontos* era comum ter carros estacionados entre a calçada e o espaço reservado para o trânsito dos carros. Dessa forma, pouco enxergava os possíveis *clientes* dessa rua. No entanto, vi uma vez Lúcia saindo com um deles; um homem de uns 50 anos, cabelos grisalhos, gordo e dirigia uma camionete.

Outra característica dessa rua é a constante presença de policiais. Comento com Lúcia essa observação e ela conta que *os policiais são safados*; que, por exemplo, *o hotel paga 500 reais* (mais tarde diz que são 200 reais) *por semana para eles*. Além disso, ela diz que *naquela rua têm muitas mulheres que fazem tráfico de drogas, e por isso pagam para alguns policiais não as prenderem*.

A questão das drogas está presente em todos os *pontos* estudados, um assunto que deixava nossas conversas efervescentes, pois as garotas defendiam suas opiniões, contra, a favor, com muita firmeza. Aquelas que se diziam adeptas ao uso das drogas relatavam ter cuidado para não as usarem nas ruas de prostituição, pois o perigo de serem pegas era maior. O mais comum era *clientes* tentarem contratá-las para saírem com eles enquanto usavam drogas. Das informantes apenas uma delas afirmou usar cocaína e outras quatro dizem usar maconha. Segundo elas, as drogas mais usadas eram a maconha e a cocaína.

Nesse *ponto* específico a questão do tráfico de drogas era mais relevante. Em diferentes momentos pedi que Lúcia me apresentasse a outras garotas da rua. Confesso, levei um tempo para perceber que ela não mantinha uma boa relação com outras garotas, pois além de não apresentá-las também jamais conversou com uma delas. Quando Lúcia falava sobre elas era para acusá-las e rebaixá-las. Lúcia conta sobre uma briga que tinha acontecido dias atrás. A *garota de programa* que fica no *ponto* da frente estava tendo problemas com a polícia por causa de drogas. Lúcia queria que ela saísse do *ponto* para não

“denegrir” a imagem da rua. Nas diversas vezes que retomei o assunto, Lúcia apenas comentava que estava sempre atenta, pois acreditava que a “inimiga” faria algo contra ela. Segundo Lúcia, todos os transtornos da rua são causados por causa do tráfico de drogas.

Nesse *ponto*, os elementos são a presença constante dos policiais e a acusação de outras mulheres a respeito do tráfico de drogas. É importante lembrar que Lúcia não mantinha relação com nenhuma das suas companheiras de *ponto* (da rua). Essa acusação pode ser fruto desses problemas e, ao mesmo tempo, mais uma vez, pode ser a tentativa de mostrar o que é ser uma profissional competente e o quanto ao se diferenciar das outras garotas ela se coloca como sendo a melhor *garota de programa* daquela rua.

RUA 4 – um *ponto* de prostituição

Se, no início, minha intenção era realizar uma etnografia das *garotas de programa* na Rua Augusta, a pesquisa acabou por levar-me a outras ruas em seu redor. Mas, já nos últimos dias de trabalho de campo, Luzia apresentou-me a uma garota de um *ponto* na Rua Augusta. O *ponto* de Josiane fica próximo ao primeiro, aliás, é o primeiro depois dessa rua, descendo a Augusta em direção ao centro. Nessa parte da Rua Augusta, a quantidade de garotas vai diminuindo, o movimento maior está próximo ao centro. O *ponto* de Josiane está localizado a poucas quadras da Avenida Paulista. Mesmo assim, esse é o *ponto* mais movimentado quando comparado aos outros já analisados. Obviamente muitos dos carros que estão na Rua Augusta acabam circulando pelas outras ruas, mas também muitos deles passam apenas nessa rua. Segundo elas, na Rua Augusta muitos homens passam apenas para ficar olhando para elas, mais por curiosidade do que realmente para fazer programa e quem passa pelas ruas transversais é porque quer fazer programa.

Josiane é uma pessoa direta e de poucas palavras. Mas, na maioria dos nossos encontros, ela demonstrava um certo desconforto, que eu nunca soube se era porque eu a atrapalhava ou porque nossas conversas, de uma certa forma, eram “observadas”. A alguns passos de onde Josiane *fazia ponto* ficava estacionado (em cima da calçada) seu carro, que ela fazia questão de mostrar – uma BMW preta. Nesse carro, ora encostada, ora sentada, permanecia uma pessoa de quem no começo eu não identificava nem seu sexo. Foi Luzia quem contou que aquela pessoa era “esposa” de Josiane e que ela era realmente muito quieta.

Apesar de Josiane não ter me apresentado sua companheira, contou-me sobre seus relacionamentos afetivos. Disse que no momento está *casada* (apontando para a pessoa que estava no carro). Mas no passado morou com um homem com quem teve dois filhos. Depois de abandonada por ele, tornou-se amante de um coronel durante dez anos, tempo em que ele a sustentou, deu-lhe uma casa, um carro. Para Josiane o tempo que ela ficou com esse homem também foi um tempo de prostituição. Depois do relacionamento terminado, ela voltou a se prostituir na rua. Segundo ela, mesmo com o coronel ela era *garota de programa*, não de rua, mas de um único homem. Josiane esclarece que, para ela, a Rua Augusta é *final de carreira*.

Pedi a Josiane que me apresentasse outras *garotas de programa*. Ela explica que não tem amigas na rua, pois ali é um espaço de trabalho. Mesmo assim diz que se passasse alguma *colega conhecida* me apresentaria. Em todas as vezes que fui encontrá-la, jamais me apresentou, apesar de uma noite uma *garota de programa* ter conversado com ela. Nesse *ponto*, como no *ponto* de Lúcia, conheci apenas uma mulher que realiza prostituição.

Josiane diz ter muitos *clientes* fixos, mas não aquele tipo que marca horário. Ela diz que está na rua de segunda a quinta-feira das 21h às 24h. Os *clientes* aparecem nesses dias e

horário. Por causa do tipo de público no fim-de-semana, ela declara que não trabalha nesses dias, pois eles *costumam ficar zoando com a gente, xingam, atiram latas de bebidas, buzina*m. Ela também relata que seus *clientes* são homens mais velhos, casados, dormem cedo e que têm atividades que se situam no setor terciário: empresários, banqueiros, enfim, homens de negócios.

Concluindo este capítulo, é importante ressaltar que o *ponto* é onde a *garota de programa* encontra e negocia com o *cliente* e também é o espaço onde ela elabora e vivencia o seu entendimento de prostituição, através de regras específicas de como deve ser uma *garota de programa*: a roupa, a quantidade de maquiagem no rosto, a forma de abordagem ao *cliente*, o tempo, o valor do programa e as ofertas de serviço. E, ao mesmo tempo, o *ponto* é um local de sociabilidade. Aqui elas realizam trocas, conversas, disputas, brigas, enfim se relacionam entre si e com outros agentes.

Cada um dos *pontos* estudados apresenta sua especificidade, que apresentei com o intuito de tornar mais complexa essa análise, pois na constituição desses *pontos* estão contidos significados e práticas dessas *garotas de programa*. Por exemplo, no *ponto* 1 a “performance” de ser *dona* esclarece sobre o quanto o poder dessa figura é estruturante desse contexto. Com essa figura no *ponto* as relações estabelecidas entre as garotas são diferenciadas. Tomando como contraponto os *pontos* 2, 3 e 4 em que as “verdadeiras” *donas* não estão presentes, essa diferença fica mais clara. Nesses últimos, a disputa entre elas é mais acirrada, não que no *ponto* onde a *dona* está presente não existam conflitos, no entanto, o grupo (talvez por ser dominado) parece mais coeso. Nos *pontos* em que a *dona* não está presente as regras são menos rígidas e as relações são mais conflituosas, pois aqui todas ainda concorrem ao comando. Tanto é que nessa rua algumas mulheres estão

constantemente buscando parcerias, as quais, além de fortalecer seus contatos, também servem como apoio nessa disputa pelo poder.

Mas a busca constante está em ser uma *boa garota de programa*, aquela que procura não sentir afeto e, dessa forma, realiza a atividade da prostituição profissionalmente. Para demarcar essa diferença é preciso estabelecer algumas regras, as quais fazem parte da norma dos *pontos*, entre elas a roupa, a quantidade de maquiagem no rosto, a forma de abordagem ao *cliente*, o tempo, o valor do programa e as ofertas de *serviço*. Dessa forma, as mulheres estudadas expressam a sua competência enquanto profissionais da prostituição.

3. COTIDIANO DAS GAROTAS DE PROGRAMA

3.1. O CENÁRIO DA PROSTITUIÇÃO

Poucas obras (Perlonguer, 1987; Ariento, 1989) retrataram o cotidiano da realização da prostituição. Um dos meus enfoques de análise esteve em observar esse cotidiano das *garotas de programa* e, ao mesmo tempo, outras figuras constituintes do mundo da prostituição, tais como: os *clientes*, os moradores da região, os vendedores ambulantes. Constatei que a espera por *clientes* é o principal momento da prostituição. Nesses momentos foi possível observar diversos acontecimentos que constituem a rotina da vida na rua: o desgaste físico, o cansaço, as conversas, as disputas...

Os momentos de espera pelos *clientes* sempre me pareceram conversas animadas entre amigas. Afinal o que diferenciaria a rua de um outro ambiente de trabalho em que se trocam “coisas” da vida cotidiana? Lembro de Angélica apontando o degrau da porta da loja de carros para que eu sentasse, dizendo, *aqui é minha sala, é onde recebo minhas visitas*. Nas conversas que tive com essas garotas conheci muito sobre a vida na rua, observava a forma de ser *garota de programa*, mas, ao mesmo tempo, também conhecia sobre a vida dessas mulheres fora da rua. As conversas delas passavam de um “mundo” para o outro com extrema rapidez, transição em que muitas vezes eu mesma me perdia.

Diversas vezes, me sentia no sofá da casa de uma amiga, onde falávamos sobre qualquer assunto que, no momento, nos parecia interessante.

3. 1. 1. O COTIDIANO NAS RUAS DE PROSTITUIÇÃO

Este item tem o objetivo de apresentar alguns aspectos constituintes do cotidiano em ruas de prostituição. O foco principal está no encontro e na negociação entre *cliente* e *garota de programa*. Mas, nessa espera pelo *cliente*, a garota realiza práticas que indicam outras trocas.

Lembro-me, por exemplo, das dicas sobre como fazer um bom feijão que Carla transmitiu como a garantia de ser uma boa dona de casa, dos truques de Solange para o arroz ficar mais solto, de Cíntia relatando que a melhor maneira de não gastar muito no supermercado é carregando uma calculadora junto, das deliciosas receitas que entre um e outro *cliente* elas ditavam para mim nos mínimos detalhes. Uma noite copiei uma receita que Cíntia emprestou para Clarice fazer no almoço do Dia das Mães. Também me recordo das mais variadas dietas que troquei com diversas meninas na rua. Valeska, a mais “chique” da rua (segundo as outras e ela mesma), sempre trazia novidades das promoções de roupas que tinha visto durante o dia. As conversas sobre implantes e cortes de cabelos, silicones, cremes para a pele, bronzamento, entre outros, eram assuntos privilegiados. Mas, além de receitas, roupas e embelezamento, estas mulheres também falavam de negócios – terrenos que compraram, construção da casa, mudanças de endereços, telefones. Não esquecerei da noite em que a festa da entrega do Oscar³⁷ seria transmitida, elas, na rua, estavam ansiosas

³⁷ Cíntia diz que não viu nenhum filme, mas que torce pelo Central do Brasil. Clarice fala “me encarno nas roupas das atrizes”. Cíntia pergunta que filme eu vi, eu respondo “Elizabeth”. Clarice, interrompendo minha fala, pergunta se é um filme sobre o passado; eu digo que sim, ela diz que tinha ouvido na TV sobre esse

para ir embora assistir os resultados. Obviamente, o cotidiano, como brigas com vizinhos, problemas na escola com filhos, desentendimentos com seus companheiros, contas para pagar, eram assuntos importantes nas conversas. Também era comum assunto dos noticiários (que a maioria delas assistia enquanto se arrumava para ir trabalhar), especialmente os que tratavam sobre violência urbana. A especificidade dessas conversas estava no fato de serem assuntos que retratam visões de mundo dessas mulheres nesses encontros femininos.

Cotidianamente, vivi com as *garotas de programa* diferentes práticas, as quais, depois de um tempo, percebi que faziam parte da rotina e da organização da vida na rua. Muitas noites cheguei na rua enquanto elas jantavam. Principalmente em um dos *pontos*, essa conduta era comum. Uma das mulheres (na maioria das vezes, Luzia, companheira de Clarice) comprava o lanche e elas, uma ao lado da outra, sentadas na escada do prédio, juntavam-se para jantar. Nesses momentos, elas ofereciam e trocavam partes dos lanches, falavam e riam muito. Enquanto isso, uma delas (normalmente aquela “menos” amiga das outras) ficava distante do burburinho, perto da rua, em busca de algum *cliente*.

Era comum elas ficarem se pintando, penteando e se olhando em espelhos pequenos de mão. Em um domingo silencioso, Kátia resolveu que minhas sobrancelhas eram finas e, rapidamente, pegou em sua “nécessaire” um lápis preto e desenhou sobrancelhas para mim, enquanto os carros e seus *clientes* passavam... Ficamos nessa brincadeira durante, no mínimo, uns 15 minutos. Elas também costumavam falar, entre risadas, piadas e brincadeiras sobre o quanto a colega estava mal vestida ou então o quanto a outra tinha o corpo construído por silícones ou por implantes. Mais uma vez a disputa pela beleza dos corpos estava contida nesse cotidiano.

O pressuposto nesta dissertação é que a prostituição só pode ser entendida tendo em vista que ela é constituída por uma relação, ou seja, a relação entre as *garotas de programa* e os *clientes*. Entretanto, esta análise estará centrada nas garotas e na observação das relações que elas estabelecem na rua entre si e com diferentes agentes, com os quais elas interagem enquanto sua “performance” de *garotas de programa*. Mais especificamente, com os *clientes* e, de maneira mais sucinta, com alguns dos outros agentes,³⁸ como, por exemplo, os moradores da região e os vendedores ambulantes.

Em dois dos seis *pontos* havia apenas uma *garota de programa* e nos outros quatro *pontos* havia de duas a cinco mulheres. Dessa forma, estive atenta em compreender as relações que mantinham entre si. Ouvi, muitas vezes, que *na rua não se tem amigas, se tem colegas*. Mas observei, em diferentes momentos, práticas imbuídas de sentimentos de companheirismo, principalmente relacionado às mulheres que compartilhavam do mesmo *ponto* de prostituição. Em uma das primeiras noites na região da Rua Augusta, vi Kátia carregando uma sacola de plástico com diversas lingerie, saias transparentes, blusas coloridas, justas e decotadas, da época em que trabalhou em uma boate. Todas as roupas eram para uma colega de *ponto*, que agradeceu o presente com um beijo no rosto de Kátia. Também era comum uma prestar algum favor a outra: pagar contas, comprar alguma coisa, empréstimo de roupas, de receitas. No entanto, para elas essa relação de trocas é entre *colegas* e não entre amigas. Essa diferença também é constatada em outras situações em que as mulheres descrevem seu cotidiano na prostituição.

³⁸ Conforme já foi colocado, o “mundo” da prostituição é constituído por diversos agentes sociais dependendo tanto do contexto como do tipo de prostituição que se realiza, mas os mais comuns são: a prostituta, o *cliente*, os(as) donos(as), os porteiros e os seguranças de hotéis, de bares e de boates, os policiais, os vendedores ambulantes, os moradores da região, os gigolôs, os cafetões e/ou cafetinas.

Presenciei diversas vezes cenas de brigas entre as garotas nas caminhadas pela região da Rua Augusta. No entanto, nunca vi minhas informantes protagonizando esse tipo de cena. Comum, no universo pesquisado, era a “fofoca”. Os motivos desse falar uma da outra eram diversos, desde as roupas que uma mulher usava até um olhar mal entendido. No entanto, o motivo mais recorrente estava relacionado aos *clientes*. Mais especificamente ao fato de que a maneira de se relacionar com o *cliente* está indicando formulações, tanto a respeito da “postura” de ser *garota de programa* como características do *ponto* de prostituição. Clarice falou sobre o assunto:

Tem mulher que vem se divertir, eu venho trabalhar. Ela fala dos clientes da Valeska, diz que “são fiéis”, que um homem dela passou por ali quatro vezes – isso é sinal que queria sair com ela mesmo. Clarice me olha com um ar de ingênua “pergunta por quê”. Ela pára de falar e se vira para a rua dizendo que é muito faladeira, “é melhor não falar”. Eu digo para ela que o meu trabalho não é fazer fofoca entre elas. Não preciso falar mais nada, mas ela ressalva que eu não posso contar para ninguém, ainda afirma, “se alguém souber, sei que foi você quem falou”. Eu digo que é muita responsabilidade, mas que ela não precisa se preocupar – não contarei. Clarice diz saber que a Valeska beija na boca e que faz sexo anal. Pergunto como ela sabe e ela responde que uma vez saiu com um cliente dela e ele perguntou se ela não iria fazer o que a Valeska faz, ela disse que não, que cada mulher trabalha de um jeito. Clarice vai mais longe, diz que sabe que a Valentina também faz, “aquele dia (em que a entrevistei) ela mentiu, ela também beija na boca e faz anal”. Clarice fala que não condena ninguém, “tem mulher que se oferece mesmo, eu não preciso disso”. Ela aponta o dedo para mim e com uma expressão de desdém diz “a Valeska trabalha bem, tem muitos clientes. É porque ela cobra mais barato? Não... é o mesmo preço. É porque o corpo dela é bonito? É, ela é bonitinha, gostosinha, mas eu também sou. Então tem alguma coisa... Pensa comigo, se um homem tem que escolher entre duas mulheres bonitas, que cobram a mesma coisa, mas uma faz mais coisas que a outra, qual ele vai escolher?”

Na maioria das vezes, as “intrigas” eram ditas longe da acusada. A princípio, especialmente as *garotas de programa* do mesmo *ponto* convivem sem maiores transtornos. Buscava-se, rapidamente, a solução para a discussão ocorrida com o objetivo de não

tumultuar o local (e assim evitar perder *clientes*). Principalmente através de conselhos para esquecer algum mal entendido, ou mesmo quando a testemunha do problema acontecido negava ter visto qualquer coisa, argumentando que não se meteria na discussão.

No início, as conversas entre elas me eram de difícil compreensão, repletas de códigos que me eram alheios. Só com muitos contatos fui conseguindo compreender algumas divergências que aconteciam entre as *garotas de programa*. Esses dados além de alargar o conhecimento do grupo também me revelaram alguns cuidados que eu deveria tomar para transitar entre elas. Soube, por exemplo, que Clarice não gostava de Alexandra, que Valeska queria bater em Cíntia, que Valentina não gostava de Valeska. Enfim, essas relações eram intensas também nos seus problemas.

Diversas vezes observei as garotas negociando a compra de produtos na rua: estátuas, bijuterias, bichos de pelúcia, alimentos. Era comum elas argumentarem que o produto estava caro, que eram clientes assíduas e, principalmente, que não tinham ganhado dinheiro naquela noite. Aliás, este último era o argumento mais aceito para que os vendedores fossem embora ou diminuíssem o preço do produto. Algumas delas conheciam esses vendedores desde quando chegaram naquele *ponto*. No entanto, sempre esclareciam que não mantinham contatos com essas pessoas, pois não queriam *misturar os negócios*.

Também era comum encontrar “personagens” que compunham a rua – moradores dessa região. Um homem que, quando passava pelos *pontos*, beijava-as e oferecia diferentes bebidas (uísque, cerveja, café). Ao perguntar sobre ele, nenhuma delas sabia ao certo de quem se tratava, apenas que ele sempre era gentil e que deveria ser homossexual, pois nunca fazia programas com elas. Havia outro homem que freqüentava o *ponto 2*, onde conversava, na maioria das vezes, com Luzia e pouco se dirigia às outras mulheres. Em uma noite ouvi um relato de Anita, no qual ela contava detalhes de *uma trepada podre em*

cima de um carro na rua entre esse homem e uma *garota de programa*. As outras mulheres perguntavam quanto ao uso do preservativo; segundo Anita, era impossível eles terem pensado nisso. O homem apenas sorria discretamente e afirmava ter sido agarrado, pois estava bêbado. Enquanto elas o xingavam de imoral e irresponsável, afirmavam que deveria ser verdade, pois elas acreditavam que ele era homossexual, pois jamais tinha feito programa com alguma delas. Praticamente todas as noites entre 22 e 23 horas um homem passeava com seu cachorro por estas ruas. Em uma ocasião perguntei se elas o conheciam, uma das respostas foi que ele sempre passeava por ali, morava perto de um dos *pontos*, mas deveria ser homossexual, pois jamais olhava para qualquer uma delas. Evidentemente, as *garotas de programa* estranham quando um homem³⁹ se torna assíduo ou habitual nas ruas de prostituição sem demonstrar interesse em manter relações sexuais⁴⁰ com elas. É como se, ao não desejá-las sexualmente esses homens estariam, de uma certa forma, desestabilizando seu exercício profissional. Mesmo porque, naquele contexto, tudo indica que a relação deveria ser mantida através da “performance” da *garota de programa*.

Muitas vezes, os moradores podem constituir uma ameaça à existência dos *pontos*. Por exemplo, durante a minha pesquisa alguns moradores, organizados por uma síndica delegada de polícia, fizeram um abaixo-assinado para tirar as garotas daquele local. O nervosismo entre elas era constante. Segundo elas o problema não era a prostituição, mas as mulheres que se utilizavam da prostituição para realizar o tráfico de drogas. Mais uma vez, o discurso contra as drogas era reforçado e, nele, se separavam as boas e as más mulheres

³⁹ Nesse conjunto estão fora os policiais, aos quais elas só se referem como sendo seus inimigos, e os porteiros dos prédios e dos hotéis próximos aos seus *pontos*, pois eles não estão na rua por vontade própria, ao contrário, são elas que realizam a prostituição no local onde eles trabalham.

⁴⁰ Andrade (1998) relata sua experiência em um trabalho de intervenção em ruas de prostituição feminina na cidade de São Paulo. Segundo o autor, o maior estranhamento das mulheres estava no fato dele não realizar programas com elas. Dessa forma, elas buscavam constantemente enquadrá-lo em alguma categoria: padre, homossexual, entre outras.

que realizam a prostituição. As *garotas de programa* que estudei sempre negaram qualquer tipo de sentimento de amizade ou de afeto por qualquer pessoa que faça parte do mundo da prostituição. Certamente essa negação está indicando que as relações dessas mulheres na rua não estão ligadas por laços sentimentais.

Ariente apresentou o seguinte depoimento ao discutir a questão da amizade entre as prostitutas que estudou: “conheço poucas mulheres da noite, pois na vida noturna não se tem amizade, é cada um por si e Deus por todos. Só tenho amigos no prédio onde moro”. (Ariente, 1989, p. 44). Esse depoimento pode ser somado à discussão que proponho quanto às relações que essas mulheres estabelecem na rua e fora dela. Na rua, elas organizam seus cotidianos sob a desconfiança, o medo e a esperteza, um espaço em que o afeto deve ser evitado. Aponto para o fato de que diferenciações são estabelecidas na busca de organizar essas relações, pois considera-se que com as pessoas do mundo da prostituição não é possível estabelecer parcerias afetivas. Quando uma dessas relações assim se encaminha, rapidamente ela é ressemantizada, como, por exemplo, quando uma garota se sente atraída por um *cliente*, o relacionamento torna-se um relacionamento afetivo.

As *garotas de programa* distraem-se enquanto esperam os *clientes*, mas, no cotidiano da prostituição elas afirmam passar por momentos extremamente cansativos: agüentar o frio, de pé, sob chuva, e também o movimento próprio da rua – carros, pedestres, buzinas, freadas de carro, conversas alheias. Ana desabafa: *A noite é podre! Tem de tudo, não é legal, só a grana mesmo, só rende belas olheiras e o metabolismo ao contrário* (20 de abril 1999). Pois, segundo elas, dormem durante o dia e ficam acordadas durante a noite. Em uma sexta-feira, tarde da noite, enquanto conversávamos animadamente, a luz da rua apagou. Vejamos o que registrei:

A rua fica completamente escura, parece que o blecaute vem desde a Rua Augusta até a Rua da Consolação. Só se vê alguma luz dos faróis dos carros que também devem ter sido pegos de surpresa e continuam passando.

Rapidamente elas se “engancham” umas nas outras. Kátia chama a outra Regina que estava afastada da gente. Solange diz para a gente ir para frente da Sanasa, pois lá tem alguns seguranças. Elas estavam com medo. Quando percebo isso, eu é que fico apavorada; a princípio, pensei estar segura, afinal estava com mulheres acostumadas com a rua à noite. Então percebo que provavelmente por essa razão elas estavam com medo – elas sabem do perigo que é estar na rua sem luz. Seguimos nós cinco “enganchadas”, atravessamos a rua e rapidamente paramos no ponto de táxi. (19 de março 1999)

A violência na rua sempre foi um assunto presente em suas falas. Quando comecei a pesquisar alguns *pontos* de prostituição ainda na cidade de Porto Alegre, as *prostitutas* contavam que em outro tempo a violência, principalmente da polícia, era o maior problema que viviam. Em São Paulo não foi diferente. Praticamente todas as *garotas de programa*, em um momento ou outro, diziam que o principal problema que viviam era a violência, reclamando tanto da violência dos policiais como dos *clientes*.

Segundo elas, continuam sendo levadas para as delegacias, continuam ouvindo palavras agressivas em relação à sua atividade. Quando surpreendidas dentro de um carro com o *cliente*, é uma prática comum dos policiais levar o dinheiro de ambos. Ouvi diferentes histórias a esse respeito. Também contam que quando são assaltadas em seus *pontos* os policiais nada fazem, alegando que a culpa é delas por estarem na rua. Outras vezes, recolhem-nas à delegacia com a desculpa de que elas estão atrapalhando o trânsito da rua. Lúcia conta sobre a ligação entre policiais e hotéis, em que os últimos precisam pagar uma quantia para os policiais com o intuito de permanecerem com o estabelecimento funcionando. A polícia, na rua, é sempre entendida como uma categoria contra a prostituição. Em nenhum momento ouvi qualquer *garota de programa* se referir aos

policiais como pessoas que pudessem trabalhar em seu benefício, ao contrário, policiais e *garotas de programa* são inimigos.⁴¹

Mas há também reclamações sobre violência direcionadas aos *clientes*. Não só vi marcas no corpo de Clarice, como a ouvi contando repetidas vezes em uma mesma noite, sobre um *cliente* que a havia machucado. Contava que enquanto ela negociava o programa, encostada na janela do carro (de quatro portas), o homem que estava ao lado do que dirigia e outro homem que estava sentado no banco de trás, cada um deles pegou um dos braços de Clarice e o motorista arrancou o carro. Alguns metros depois a largaram, exatamente quando Luzia tentava agarrar suas pernas. Segundo as mulheres, essa é apenas uma entre as tantas violências realizadas pelos *clientes*. Violências que se configuram de diferentes maneiras – ofensas verbais, cuspidas, objetos jogados, berros para tumultuar a rua, buzinas, conversar com elas e não fechar o programa, não pagar o programa, e ainda, a violência física.

Até agora tive o intuito de mostrar que no cotidiano dos *pontos*, acontece mais do que a atividade da prostituição. Ao observar esse cotidiano das garotas é possível conhecer práticas que revelam sobre o universo feminino e sobre a prostituição de rua na região da Rua Augusta.

⁴¹ Arient (1989) relata que o relacionamento entre suas informantes e policiais é bastante heterogêneo, algumas vezes tornam-se amigos, em outras eternos inimigos. Freitas (1982) explica que policiais e prostitutas colocam em foco a ordem oficial opostas: policiais buscam a ordem e as prostitutas exercem uma atividade ilegal (ligado ao lenocínio que é ilegal). O autor também aponta para a heterogeneidade dessa relação: proteção, amizades, acordos, pagamentos ou, como também observei na região estudada, através de um nítido jogo assimétrico de poder.

3. 1. 2. A SEDUÇÃO COMO NEGÓCIO – O NEGÓCIO COMO SEDUÇÃO

Em se tratando de dois desconhecidos que vão estabelecer relações marcadas por uma extrema desigualdade e diferenciação, a abordagem inicial entre *micê* e cliente constitui um jogo de força e sedução, onde sinais mínimos vão ser estudados e valorizados, para formar uma imagem das intenções, status e encantos do outro. (Perlongher, 1987, p. 165)

Até agora descrevi práticas cotidianas dessas *garotas de programa* enquanto estão entre um e outro programa. Nessa espera, também observei diferentes práticas da sedução ao *cliente*, embora tenha sido difícil perguntar diretamente sobre a sedução. Quando eu perguntava, na maioria das vezes, recebia como resposta que isto dependia mais do gosto dos *clientes*. Contudo, a “observação sistemática” deu visibilidade ao que é mais utilizado pelas garotas para seduzir seus *clientes*: o corpo. Sobre o qual, aliás, havia uma grande preocupação, sendo notório o investimento na aparência: roupas, maquiagens, perfumes.

O valor beleza é uma construção sócio-cultural específica de cada grupo. No contexto estudado a beleza é um valor significativo, pois é através do corpo embelezado que as *garotas de programa* se fazem querer pelos *clientes*. No entanto, essa beleza não é necessariamente aquela apresentada no mundo da moda – mulheres altas e magras. A beleza do corpo dessas mulheres revela curvas, seios e nádegas avantajadas, partes que costumam ser destacadas através de certas roupas: nádegas por calças justas, seios por sutiãs que os colocam mais à mostra, pernas por saias mais curtas, entre outras. Dessa forma, a beleza entra como um elemento importante na negociação com o *cliente*.

Ariente (1989) sugere que a beleza física é um dos principais atributos que, quando somados com outros (nível de escolaridade, desempenho social, proximidade a delegacias policiais) diferenciara o preço que a prostituta cobrará pelos seus serviços, pois na

prostituição (embora, evidentemente, não apenas no contexto da prostituição) a beleza é socialmente valorizada. Seu argumento enfatiza que as prostitutas “bonitas” terão seu lugar assegurado com maior facilidade em locais de prostituição com melhores condições econômicas. Segundo ela, um desses locais seria justamente uma região próxima⁴² à que pesquisei.

Nos *pontos* observados, tudo indica que a entrada e permanência de alguma mulher, bem como o preço do programa são definidos pela negociação entre as pessoas do *ponto*. Isso não quer dizer que a beleza não entre nessa negociação. No entanto, as regras desses *pontos* dão um valor relativo à beleza. Ela só se torna importante sendo utilizada como poder na sedução, não basta ser uma mulher bonita e não saber seduzir um *cliente*. Em outras palavras, a aparência física dessas *garotas de programa* é diferenciada, mas o importante é como se agencia a beleza no momento que a garota deseja atrair o *cliente*. Nesse sentido, a beleza torna-se tanto um elemento de estratégia para a sedução (usando a imagem do corpo) como um elemento de seu poder em relação ao *cliente*.

Um dos meus maiores estranhamentos ao conhecer as *garotas de programa* na região da Rua Augusta era a maneira como elas seduziam e tratavam seus *clientes*. Como observa Leite (1992), ao contar sobre sua experiência como prostituta, “os diferentes códigos de ficar chamando homens vão muito pelo estilo de cada uma. Cada menina desenvolve sua própria linguagem de gestos e de sedução” (Leite, 1992, p. 70). Contudo, creio ser preciso tornar complexa a relação de sedução entre *garota de programa* e *clientes*.

⁴² Ariento (1989) pesquisou algumas boates, bares e pontos de encontros situados na região intitulada como “Boca do Luxo”. Algumas ruas que constituem essa região são: Major Sertório, Rego Freitas, Bento Freitas, Nestor Pestana, Augusta e da Consolação. Pela dificuldade de entrevistar as prostitutas, a autora freqüentou delegacias de polícia onde elas eram detidas. Dessa forma também contactou com prostitutas de outros bairros, tais como: Brás, Campos Elísios, Santa Efigênia, Ipiranga e Vila Buarque.

Para evidenciar a especificidade dessa relação entre minhas informantes em São Paulo, comparo a pesquisa realizada com algumas *prostitutas* estudadas em Porto Alegre.

Observei em alguns *pontos* de Porto Alegre que, quando um possível *cliente* passava pelas *prostitutas*, elas seguravam seu braço e andavam ao seu lado enquanto falavam baixinho, provavelmente oferecendo seus serviços. Em outro *ponto*, a tática de abordagem ao *cliente* consistia em pedir-lhe algo – um cigarro, um fósforo, um lanche, dinheiro,... Esses *pontos* estão localizadas no centro da cidade, local de grande circulação. Assim, os homens que passam não estão necessariamente indo atrás de uma *prostituta*. Dos seis *pontos* estudados, três deles funcionavam apenas no turno da tarde, e os outros três, apenas no turno da noite. Mesmo variando as formas de abordagem, há um elemento em comum: a preocupação com o *cliente*. Em Porto Alegre, as mulheres negociam mais com os *clientes* do que as mulheres em São Paulo. Nessa negociação, elas pareciam pacientes, delicadas, tolerantes no modo de falar com o *cliente*, dispostas a *perder tempo* convencendo o *cliente* a realizar o programa. Durante essa demorada conversa, elas costumam elogiar o corpo do *cliente*, falar dos “bons” momentos que ela poderia lhe proporcionar, suas vantagens e, ao mesmo tempo, aproximam-se encostando suas mãos neles. Essas *prostitutas* parecem dispostas a realizar o programa com aquele *cliente*, como se cada um deles fosse o único.

Em São Paulo, nos *pontos* observados, a maneira de seduzir os prováveis *clientes* era diversa. Enquanto conversava com algumas *garotas de programa*, dificilmente seus olhares desviavam-se da conversa em busca de algum *cliente*, não demonstravam qualquer preocupação com os homens que passavam. Muitas vezes as *garotas de programa* permaneciam conversando comigo enquanto um carro parava em seu *ponto*. Quando resolviam finalmente ir ao encontro do *cliente* seu caminhar até ele vinha calcado em uma discreta lerdeza somado a um quase desdém.

Em uma das noites um amigo acompanhou-me no trabalho de campo. Em nossas conversas a respeito do assunto, ele expressou o estranhamento acerca da forma como as mulheres da Rua Augusta tratavam os prováveis *clientes*. O registro daquela noite evidencia alguns desses elementos:

Ah! Tinha hora que dava uma raiva dela. A forma como ela se dirigia aos clientes era muito rude, grosseira, arrogante (...) Os caras passavam de carro, bem devagar, sem parar totalmente. Ela não se aproximava de jeito nenhum. De longe, já gritava: "Qual das duas, meu filho?" (5 de abril 1999)

Apontada essa diferença, é importante perguntar o que significa essa prática e porque é tão diferente de Porto Alegre? Creio que essa diferença esteja ligada à concepção de si e do *cliente* na relação de sedução.

Em São Paulo, as *garotas de programa* parecem estar em uma vitrine, o que lhes parece um ganho. Argumentam que, como os *clientes* vão até a rua atrás delas, não precisam facilitar nem barganhar muito com eles. Se elas não fizerem programa com aquele, será com o próximo, pois o movimento de homens é intenso. A concepção mantida por elas a respeito da relação com o *cliente*, perpassada pela idéia de que elas alugam seu corpo, indica que os homens precisam delas. Essa perspectiva do entendimento da relação *cliente* e *garota de programa* as coloca em um lugar de destaque, ou seja, existe uma autovalorização na atividade que desempenham. A princípio, parecem usar o desejo que os homens têm por elas como um instrumento para tomarem para si as rédeas da relação. Assim, elas parecem entender o *cliente* como alguém que está ali para que elas tirem dele o máximo de vantagens possíveis. Clarice é quem melhor explica, dizendo que sempre teve claro que os homens não podem humilhá-las, pois ali é o trabalho delas: *"Vagabundos são eles que passam; eu não, eu trabalho"*. Ela diz que muita mulher tem vergonha do que faz,

mas ela não, pois quem deveria ter vergonha são os homens que ficam passeando pela Augusta. (21 de março 1999)

Nessa formulação, a relevância está no entendimento da prostituição como trabalho, pois essas *garotas de programa* entendem-se como “trabalhadoras”. Dessa forma, para elas, a relação estabelecida com os homens em seus *pontos* é comandada por elas. Do seu ponto de vista, elas decidem se saem com o *cliente* ou não, decidem o que será feito ou não, o que será cobrado pelo programa e, ainda, são elas que tomarão a iniciativa e direcionarão o ato sexual.

Mas reclamar a si o poder da sedução também está relacionado ao estereótipo de serem conhecedoras dos sentimentos dos homens. Muitas vezes também ouvi esse argumento das mulheres estudadas. Era comum em nossos encontros elas “ensinarem” formas de conquistar um homem, aquele de quem se pode tirar tudo e não “dar” nada. Segundo Clarice, *os homens são idiotas e a mulher tem que saber o que quer ouvir deles* (19 de abril 1999).

De todas as noites que estive na rua apenas uma vez vi uma *garota de programa* seduzindo um *cliente* de outra forma. Ou seja, nessa passagem que registrei, Anita, diferentemente das outras garotas, coloca-se à disposição de um provável *cliente*:

Anita vai conversar com um cliente. Pelo pouco que enxergo, acho que existem três homens dentro do carro. Ela fala mais alto do que o comum e sorri muito, aliás, gargalha. Vejo que ela se vira de costas para eles, coloca as mãos na coxa e empina a bunda. Ela não demora muito para virar para frente. Eles conversam mais alguma coisa, o carro parte e ela não sai com eles. (4 de maio 1999)

Nessa passagem em que Anita usou de alguns dos estereótipos de feminilidade como sorrisos, expressões meigas e maliciosas, posições insinuantes do corpo para seduzir

seus *clientes*, ela parece reforçar mais uma vez que nesse universo a característica da passividade não faz parte da maneira que uma *garota de programa* seduz seus *clientes*. Nas diferentes formas de sedução está explícito que algumas mulheres tratam os *clientes* com menos atenção do que outras. Algumas se insinuam mais, estão mais dispostas, utilizam-se dos atributos estereotipadamente entendidos como femininos e que foram descritos acima.

Mas, nesse contexto, a espera pelos homens aparece como se a garota fosse fazer a escolha,⁴³ pois não é ela quem solicita o *cliente*. Inclusive, quando uma delas tenta se submeter à escolha do *cliente*, o negócio não é fechado. É claro, o fato da mulher estar na rua por si só expressa uma disponibilidade em relação aos *clientes*. Afinal, elas estão sendo escolhidas por eles. No entanto, elas consideram que mantêm um certo controle pois realizaram atitudes diferentes para desconstruir essa idéia. Ou seja, elas não realizam a aproximação ao *cliente* e não os “agradam”⁴⁴ com gestos ou falas “carinhosas”. Sugiro que essas são alternativas para elas demonstrarem que não são “mercadorias” que estejam à disposição da escolha dos homens. Esses são alguns indicativos para compor o jogo dúbio com que essas *garotas de programa* seduzem seus *clientes*.

Gaspar (1984) questiona a passividade feminina. Para tanto, entrevistou alguns *clientes* e ouviu deles que são as *garotas de programa* que seduzem os homens. Em outras palavras, essas mulheres teriam condutas nas quais são percebidas como afastadas do ideal da passividade feminina, pois são elas que realizam a iniciativa de aproximação junto aos homens.

⁴³ Moraes (1995) explicou que suas informantes realizavam escolhas em relação aos *clientes*, e nessas escolhas se colocavam enquanto uma mulher dotada de vontades.

⁴⁴ Certamente as *garotas de programa* tentam agradar seus *clientes*. Refiro que nesse momento elas não se colocam à sua disposição. Ariele (1989) aponta que a mulher aprendeu a seduzir agradando os homens.

Schuch (1998), em um estudo sobre o “ficar” entre jovens universitários de uma casa noturna em Porto Alegre, argumenta que existem formas diversificadas femininas e masculinas de agir em relação aos jogos de sedução. Segundo a autora, “o que diferencia os papéis feminino e masculino, no contexto de relações na Cervejaria Dado Bier, é que, enquanto a mulher enfatiza a linguagem corporal o homem enfatiza a linguagem verbal. Assim, os dois – feminino e masculino – acionam códigos diferentes de conduta para a sedução”. (Schuch, 1998, p. 125).

Assim como os dados de Schuch, no universo pesquisado, as *garotas de programa* usam como estratégia de sedução a linguagem corporal. Em outras palavras, elas falam menos e se utilizam mais da imagem do corpo – vestindo-se de forma insinuante em que pouco explicitam o corpo e também pela colocação de seus corpos (estar de costas para a rua é uma atitude comum, provavelmente, uma tática, com a qual enfocariam a bunda). Mas, o mais freqüente é uma postura de descaso em que demonstram pouco interesse em estar com aquele homem.

Apesar das diferenças nas “performances” de sedução entre as mulheres de Porto Alegre e as de São Paulo, em ambos os lugares seus argumentos são semelhantes. Todas afirmam que têm e exercem poder sobre os *clientes*. No entanto, se esse poder pode ser observado no *ponto*, isso não significa que elas tenham um controle da relação em todos os momentos e contextos. O poder se desloca, ora está com as *garotas de programa*, ora está com os *clientes*. Mas, ao ouvir seus relatos sobre os programas, essa questão é tencionada, pois, ao mesmo tempo, percebe-se que o *cliente*, através da prática do imaginário, das fantasias e da violência, pode deslocar para si o poder da relação. Segundo Bordo (1997), é preciso deixar de entender o poder como “algo possuído por um grupo e dirigido contra outro e pensar, em vez disso, na rede de práticas, instituições e tecnologias que sustentam

posições de dominância e subordinação dentro de um âmbito particular. Em segundo lugar, necessitamos de uma análise adequada para descrever um poder cujos mecanismos centrais não são repressivos mas constitutivos” (Bordo, 1997, p. 21). Assim, a circulação do poder tornou-se um elemento constitutivo do contexto pesquisado.

Como já referi em diferentes passagens do texto, encontrei seis *garotas de programa* que faziam programas com homens e mantinham relacionamentos homossexuais estáveis na intimidade⁴⁵ e uma delas que se considerava bissexual – gostava de se relacionar com homens e com mulheres na rua e fora dela. Mas, interessa, no momento, compreender se acontecem diferentes formas de sedução entre as garotas lésbicas⁴⁶ e as não lésbicas.

Percebi que as *garotas de programa* lésbicas valorizam menos ainda os *clientes*. Diversas vezes elas resolviam me dar conselhos a respeito de homens. Tais conselhos consistiam em que se devia usar os homens. Essas mulheres verbalizavam mais diretamente o caráter utilitário dos homens na prostituição: *tirar alguma coisa deles*, ou seja, dinheiro, presentes, lanches, passatempo. Como, por exemplo, Angélica ao chamar um *cliente* que passava vagarosamente de carro: ao mesmo tempo em que sorria, falava em um volume de voz que poderia ser ouvido por ele, *vem cá seu idiota, oh, imbecil, vem gastar*.

O que mais diferenciava a forma de seduzir os *clientes* entre as *garotas de programa* homossexuais⁴⁷ e as heterossexuais é que as primeiras explicitam menor paciência e menor

⁴⁵ Dessas sete *garotas de programa*, cinco delas sempre afirmavam que na rua não faziam programas com mulheres, justamente para não traírem suas parceiras. Uma das solteiras dizia que, nesse período, aceitaria fazer programas com mulheres. A outra solteira ressaltava que a possibilidade de realizar programas com mulheres na prostituição era menos rígido em comparação com outras garotas, principalmente, porque no momento não se relaciona afetivamente com outra pessoa.

⁴⁶ Lúcia diz que não pode se considerar lésbica porque manteve um relacionamento afetivo com um homem, em que o intuito estava em esquecer um grande amor, que, inclusive era uma mulher. Ela afirma que sempre se sentiu mais atraída pelas mulheres. Em relação a sua orientação sexual não a considerarei lésbica; no entanto, em relação ao comportamento quanto a sedução aos *clientes*, ela faz parte desse conjunto, pois mantém o mesmo entendimento que as *garotas de programa* lésbicas estudadas.

⁴⁷ Pensando na apresentação, poderia dizer-se que não há diferença entre as *garotas de programa* lésbicas e as não lésbicas. Na verdade, Angélica era mais discreta em comparação com as outras: usava roupas menos

disposição para com os *clientes*. Nesse sentido, as lésbicas terminam por afirmar uma prática da prostituição na qual se explicita menos a sensualidade e mais cruamente o negócio, isto é, o programa. Mas, mesmo em menor intensidade, as heterossexuais também utilizam o desprezo como uma forma de seduzir os *clientes*.

Para melhor compreender essa diferença é importante investigar alguns aspectos de seus relacionamentos afetivos.⁴⁸ Lembremos que as parcerias afetivas são entre mulheres; que muitas destas parceiras (sob diferentes condições) estão no mesmo circuito da prostituição e, exceto uma, todas tiveram anteriormente relacionamentos heterossexuais, por isso são constantemente pressionadas a provar para suas companheiras sua orientação sexual, afinal, permanecem relacionando-se com homens. As heterossexuais precisam mostrar as diferenças entre esses homens. Esse conjunto de aspectos, creio, torna compreensível o que poderia ser chamado de uma “performance do desprezo”.

A “performance do desprezo” é uma maneira que essas mulheres encontraram para seduzir seus *clientes*. Elas depreciam os homens, mas com eles negociam. Outros elementos somam-se nesse desempenho tais como: quanto mais “maltratam” esses homens, mais poderão negociar com ele, pois demonstram seu pouco interesse. Assim, tratar mal um *cliente* também é uma forma de seduzi-lo. Mais uma vez a “performance do desprezo” vem reforçar o entendimento que essas garotas têm de seus *clientes* – homens como objetos. E, ao mesmo tempo, aponta indícios entre uma demarcação entre o sexo por dinheiro e o sexo por afeto.

decotadas e jamais a vi maquiada, seus cabelos que são lisos e compridos parecia sempre estarem sem pentear. Essa era, justamente, aquela que se autodenomina a “verdadeira” lésbica, pois jamais teve, fora da prostituição, relacionamentos com homens.

⁴⁸ A discussão será retomada no decorrer do texto.

Outro valor importante enquanto componente do desempenho da “performance do desprezo” é a moral estabelecida pelo grupo. Por exemplo, as garotas acreditam que aquela que se veste com roupas que mostram muito o corpo ou que se oferecem muito ao *cliente* são mulheres imorais. Valentina declara seu pouco entusiasmo com o *cliente* antes dele chamá-la, dizendo que *é imoral me atirar para os clientes, eles que chamem*.⁴⁹ Está colocado mais uma vez que a mulher não deve ir atrás dos homens, mas antes esperá-los, mesmo que ela ainda escolha se fará ou não o programa. A moralidade também direciona as práticas sexuais, que elas realizarão ou não com os *clientes*. Aqui, mais especificamente, está colocada a questão do sexo anal que, para algumas delas, é entendido como uma prática imoral e que não deveria ser realizada nem nos relacionamentos afetivos. Desprezar os *clientes* também está ligado à autovalorização da sua pessoa, pois demonstra que essas garotas não precisam desses homens. No próximo item analisarei mais especificamente essa relação: *clientes e garotas de programa*.

3. 1. 3. A RELAÇÃO ENTRE GAROTA DE PROGRAMA E CLIENTE

Tem muito freguês que chega na zona dizendo: ‘Você é muito simpática, por que está nessa vida?’ A vontade que dá é de responder que estamos ali porque ele está também. Para recebê-lo. E até mesmo para ele ter alguém a quem fazer essa pergunta cretina. Se nós não existíssemos, para quem ele iria fazer essa pergunta e aplacar suas iras internas? E com quem iria realizar seus tesões proibidos? (Leite, 1992, p. 169)

Sousa (1998), que estudou casas de prostituição em Fortaleza, Ceará, salientou o quanto o *cliente* é um personagem importante no mundo da prostituição. Seu argumento

⁴⁹ Esperar que os *clientes* as chamem não está colocado como uma maneira passiva de estar na rua, ao contrário, está colocado, além do valor da moralidade, também o valor da sua escolha. Afinal elas só vão ao seu encontro se assim desejarem.

ênfatiza a visão da prostituição a partir do par – a prostituta e o *cliente*. A autora apresenta uma crítica elaborada a respeito da literatura específica que realiza trabalhos como se apenas a prostituta constituísse a prostituição (Sousa, 1998, p. 31, 32).

Compartilho essa perspectiva, e é também minha intenção compreender o mundo da prostituição através da relação *cliente* e *garota de programa*. Cabe ressaltar que o *cliente* sobre o qual falarei é uma representação das mulheres pesquisadas, uma vez que a pesquisa concentrou-se sobre elas.⁵⁰

Busquei em diferentes momentos perceber, através das mulheres, quem era o seu *cliente*. É interessante investigar o assunto pois acredito que, ao “falar” sobre seu *cliente*, a *garota de programa*, ao mesmo tempo, estará relatando características sobre sua forma de experienciar essas relações. Sempre que as garotas se referem aos *clientes*, os apresentam como homens desajustados, infiéis, sem rumo. Dificilmente ouvi delas palavras gentis para descrever esses homens. Quando uma delas fazia algum comentário menos agressivo (demonstrando talvez um certo carinho) em relação a eles, as outras a condenavam, acusando-a de “traidora”, “burra”, “ingênua”. Na concepção dessas mulheres, para ser uma *boa garota de programa* é preciso excluir “bons sentimentos” em relação aos *clientes*. Ou seja, na prostituição não se pode sentir pelo *cliente* qualquer sentimento que o desloque dessa categoria, pois assim ela poderá desrespeitar as regras do *ponto* (maquiagem, abordagem aos homens, tempo do programa, preço, ofertas de serviços) e/ou as regras da

⁵⁰ O único contato que tive com um *cliente* foi quando em uma noite fiquei sozinha em um dos *pontos* esperando alguma informante retornar do programa. Um homem veio procurando por uma delas e acabamos conversando. Ele era um japonês com uma fala mansa, frases bem construídas, gestos discretos e extremamente gentil. Ele usava uma calça cinza de pregas e larga, uma camisa de botões cor de rosa por dentro das calças, cinto e sapatos pretos. Ele sentou ao meu lado na escada e ficou por alguns minutos à espera da garota; como essa não chegou, ele retornou ao seu carro, deixando um recado para ela comigo – que tinha um “jantar de negócios” e mais tarde retornaria para encontrá-la.

relação com os *clientes* (não beijar, não dormir, não gozar, usar preservativo masculino⁵¹ e cobrar o programa). Mas sabe-se que no cotidiano mudanças são possíveis.

Muitas vezes, percebi que as *garotas de programa* não são “carinhosas” com os *clientes*, mesmo na hora da negociação. Na maioria das vezes, elas não demoram com eles, riem pouco, dão respostas curtas e objetivas. É comum elas ficarem olhando para a rua enquanto falam com os *clientes*, ou então pouco se aproximarem da janela do carro, o local privilegiado da negociação. Clarice, por exemplo, afirma *não agrado homem de jeito nenhum, se ele volta é porque gostou do trabalho, mas para o homem eu sou ruim* (19 de abril 1999). Essa postura pode ir mudando em relação ao horário da noite e também em relação ao número de programas realizados. Mesmo considerando que as mulheres pareçam tratar indiferentemente seus *clientes*, é importante ressaltar a sensualidade com que o negócio é realizado, principalmente, através da preparação, da imagem (roupas, rostos maquiados, perfumes) e da maneira como agem com seus corpos (trejeitos, sorrisos, olhares, postura corporal). Em outras palavras, na maioria dos casos o negócio da prostituição parece estar descolado de sentimentos de afeto, mas ao mesmo tempo repleto de desejos, jogos de sedução, fantasias sexuais e negócio. Minha pretensão não é afirmar que na relação *garota de programa-cliente* não exista afeto. Afirmo que, em princípio, tanto elas quanto eles buscam realizar essa relação baseada em sexo e dinheiro.

Essa relação sexo e dinheiro não é, entretanto, necessariamente efêmera. Há uma tentativa constante dessas garotas em buscar a “fidelidade” de seus *clientes*. Essa articulação com o *cliente* pode trazer diversos benefícios: segurança, conhecimento, maior

⁵¹ Atualmente o preservativo feminino tem sido mais pesquisado, mais incentivado e utilizado nas relações sexuais. No entanto, nenhuma das garotas estudadas mencionou sua utilização, ou mesmo, seu conhecimento. O preservativo que me refiro é o preservativo masculino, mesmo que, algumas vezes, ele venha escrito sem a denominação “masculino” ao lado da palavra preservativo.

pagamento pelo programa. Apesar de algumas ressaltarem que os homens gostam muito de mudar de mulher, afinal eles também têm medo de se apaixonar por alguma delas, os *clientes fixos* também se fazem presentes na região da Rua Augusta e suas visitas são temas de muitas conversas. Os encontros, muitas vezes, ocorrem durante o dia, ou em outro horário, em que elas não estejam na rua. Clarice, por exemplo, conta sobre um “gringo” que vem passar uns dias com ela de três em três meses. Kátia fala de uma peruca nova que comprou para usar com um *cliente fixo* durante a tarde. Valeska chega indignada porque seu *cliente fixo* não tinha aparecido na hora marcada e a fez perder tempo.

Poucos são os comentários com relação aos *clientes* eventuais,⁵² mas sua importância é relevante, visto que são numericamente mais representativos, e também porque um *cliente* eventual pode se tornar um *cliente fixo*. Um *cliente* em potencial é o homem velho, pois eles exigiriam menos esforço (“performance”) delas e pagariam bem. Angélica, depois de tentar convencer um velho a fazer um programa com ela, afirma que é *dinheiro fácil, ele nem sabe mais onde fica a buceta*. O *cliente* que elas mais desprezam são os homens mais novos em idade, pois, segundo elas, na maioria das vezes eles apenas ocupam seu tempo e não realizam o programa.

No entanto, o que mais ouvi em relação aos *clientes* são histórias sobre homens que *bancam as garotas de programa*. Em outras palavras, homens que vivem com elas durante

⁵² Apesar de não ter ouvido a expressão *cliente eventual* para referir os *clientes* que fazem um programa e depois não retornam, utilizo-a para um melhor entendimento. Por outro lado, é comum as garotas usarem a expressão *cliente fixo*.

um tempo e as sustentam quando então elas param de trabalhar na prostituição.⁵³ No entanto, em todas essas histórias elas sempre retornaram à *batalha*⁵⁴ depois de um tempo.

As *garotas de programa* sempre declaravam seu completo estranhamento em relação à principal característica dos *clientes*: suas fantasias sexuais. Segundo elas, os pedidos mais comuns são para elas introduzirem algum objeto no ânus do *cliente*, e esses objetos são os mais variados possíveis: desde os vendidos em “sex-shop”⁵⁵ (consolos, vibradores) até vidros de perfume, cabos de vassouras, suas mãos, todos devidamente enrolados em papel higiênico e envolvidos por uma camisinha para ficar mais macio. Sessões de torturas, tais como bater em seus rostos (a mais comum e a que elas mais gostam), subir em cima deles com salto alto, apagar cigarros em seus corpos, colocar alguma roupa específica e o pedido para realizar algumas funções fisiológicas (urinar, defecar, gozar) sobre seus corpos (essas são as mais detestadas e pouco aceitas pelas mulheres) são relatadas como práticas de um programa. Ressalto que essas “tarefas” nem sempre são aceitas – apenas algumas garotas se permitem realizar todas as fantasias⁵⁶ dos seus *clientes*. Tornam-se, inclusive, conhecidas como especialistas em alguma delas. Ouvi histórias sobre *clientes* que pedem para elas beijarem seus pés e também para que elas “representem” papéis nos quais são comandadas por eles.

Sair com um *cliente* sempre provoca receio. Kátia explica que, se sua intuição alerta ou mesmo se sente medo do homem, não faz o programa com ele. Mas constatei que

⁵³ Valeska fala que não acredita “nos homens da noite; sempre que vejo que alguém quer algo mais sério comigo, eu desencano”. Ainda afirma que jamais sairia da noite para ser “bancada” por um homem. Eu pergunto se tem cliente que paga mais, ela diz que sim, “principalmente os mais antigos, esses sempre pagam um pouco mais”.

⁵⁴ *Batalha*: uma expressão êmica que denomina a prostituição.

⁵⁵ Em uma visita à Vila Mimosa, zona de prostituição no Rio de Janeiro, pude observar de perto a negociação e o pedido de um *cliente* (de uns 60 anos) para que a mulher introduzisse seu próprio consolo em seu ânus. Esse tipo de prática é mais cara do que a comum (a chamada “posição papai e mamãe”) e também não são todas as prostitutas que aceitam realizá-la.

algumas regras direcionam a escolha de um *cliente*. Kátia, por exemplo, diz que, conforme o carro, tem mais ou menos confiança no homem. Tanto a intuição como a marca do carro estão ligados a dois elementos que são importantes nessa “escolha”: raça e classe social. O homem negro e/ou pobre não é um *cliente* em potencial.

Observei, e ouvi sobre a diferenciação em suas condutas ao relacionar-se com *clientes* ou com outras *garotas de programa* que fossem de outra raça, principalmente a negra. Entre as garotas, encontrei na rua duas negras. Uma delas era acusada pelas minhas informantes que a conheciam como uma pessoa má e fofoqueira. A outra era motivo constante de piadas – seu corpo, suas roupas... Em relação aos *clientes* negros elas diziam que são poucos os que freqüentam essa zona de prostituição e quando eles aparecem, na maioria das vezes são recusados como *clientes*. A cor termina por ser um motivo de desconfiança. Um relato torna-se, portanto, revelador: uma das garotas contou-me que fez um programa com um ator negro e famoso das novelas da Rede Globo. Ele, depois de ter usado drogas, violentamente a teria mandado arrastar-se aos seus pés chamando-o de Deus. Segundo ela, mesmo ele sendo famoso e rico teve uma má conduta. No final da história, ela afirmou-me que com aquela cor não poderia ter uma atitude diferente. Em relação aos *clientes* japoneses, elas contam que no passado eles foram melhores *clientes*, gastavam mais e eram menos espertos, mas atualmente eles também passaram a perceber quando elas os estão explorando.

Outro cuidado que as mulheres têm ao “escolherem” seus *clientes* é se ele terá dinheiro para pagar o programa. Inclusive, algumas vezes, quando desconfiam muito deles, pedem para ver o dinheiro antes mesmo de entrar no carro. Aliás, esse é o principal

⁵⁶ Carla afirma que o programa não tem limites. Para ela as pessoas são livres para escolher o que devem e o que querem fazer nos programas, desde que usem preservativo e que cobrem um valor compensador.

elemento para a escolha do *cliente*, o tipo de carro, se é muito velho, se está cuidado, limpo. Para elas, esses elementos estão informando a respeito se o homem terá condições de pagar o programa, pois gente rica não estaria em um carro de aspecto ruim.

Retomando, ouvi diferentes requisitos que as *garotas de programa* utilizam para escolherem seus *clientes*, entre eles: o local do programa, preferem hotéis perto dos *pontos*; a forma de pagamento, não aceitam cheques; e algo mais subjetivo como o cheiro do homem, cuidados com álcool ou com drogas; o mau pressentimento ligado à cor, ao estado das roupas, do carro, da higiene pessoal, ou mesmo um visual que não as agrada; o tamanho dele, que pode machucá-las são indícios para a mulher aceitar ou não o programa com o *cliente*. Sousa (1998) também observou em sua pesquisa que as prostitutas falavam sobre a possibilidade da escolha de seus *clientes*. Seu argumento é que apesar da prostituta ser comparada a uma mercadoria que está à venda, essa escolha é mais complexa do que receber dinheiro de um *cliente* (Souza, 1998, p. 37).

Se as *garotas de programa* têm uma certa margem para a escolha de seus *clientes*, nem sempre estão inteiramente protegidas. Ninguém sabe ao certo o que acontecerá dentro de um quarto, em um carro a caminho do hotel ou enquanto realizam um *boquete* ou *chupeta* ou uma *punheta*⁵⁷ em uma rua pouco movimentada, dentro do carro.⁵⁸ No entanto, elas afirmam não pensarem nessas questões de perigo para continuarem realizando sua tarefa: o programa.

⁵⁷ *Punheta*, termo êmico que significa que a *garota de programa* com sua mão masturba o homem.

⁵⁸ Essa é uma prática de algumas garotas. Por mais que relatem receio por estarem em via pública, afirmam que o *cliente* não pagaria hotel para realizar esse tipo de prática sexual.

3. 1. 4. PROGRAMA: O LOCUS DA RELAÇÃO CLIENTE E GAROTA DE PROGRAMA

E.: Me diz uma coisa, sempre dizem que prostituta não beija na boca, é verdade mesmo?

Soraia: (muito enfática!) Claro que é verdade! Prostituta só beija na boca o cara dela!

E.: Sêrio mesmo? Nem um cliente mais antigo?

Soraia: De jeito nenhum! Sabe por quê? Vou te dizer uma coisa. Prostituta não beija na boca porque considera o beijo mais íntimo que a relação. Transar tu transa com qualquer um; beijo, tu só beija o teu cara, quem tu gosta! (Pasini, 1999, p. 57)

Freitas (1985), entre 1980 e 1982, pesquisando sobre a prostituição em bairros de Belo Horizonte, apresenta o programa como um contexto da negociação de identidades entre prostitutas e *clientes*. Também, na região da Rua Augusta, o programa depende da negociação embasada, principalmente, em três acordos prévios: “as práticas, ou o conteúdo do serviço que será prestado; o preço deste serviço e o tempo disponível pela garota de programa” (Freitas, 1985, p. 30).

A negociação faz-se em torno do desejo anunciado pelo *cliente* e do que ele está disposto a pagar pelo serviço. Segundo as *garotas de programa*, o tempo não é um elemento privilegiado, principalmente porque um dos seus objetivos é diminuir o tempo com o *cliente*. Clarice, por exemplo, conta que costuma permanecer com um *cliente* no máximo 20 minutos. Ela comenta orgulhosa que *o programa mesmo dá uns 5 a 10 minutos, eu sou rápida* (19 de abril 1999). Luzia diz que se Clarice demorar mais do que 30 minutos no programa vai procurar saber o que aconteceu.

Depois do negócio fechado, parte-se para a segunda etapa, a execução do programa. Nas conversas durante a pesquisa, muitas se dispuseram a me “ensinar” a fórmula de um

bom programa.⁵⁹ Adélia relata que fazer um programa é fácil *é só chegar e falar qualquer coisa, colocar uma camisinha, sentar em cima (vai falando e com o corpo faz os sinais, primeiro com as mãos como se colocasse um preservativo e depois mexe o corpo como se cavalgasse) e falar algumas frases idiotas, “ai que bom!”, “que gostoso!” (agora emite alguns sussurros e gemidos)*. Entre as diferentes táticas de cada mulher, todas concordavam que o fundamental é *caprichar na chupetinha, depois sobe um pouquinho e ele goza*. Ainda argumentam que esse tipo de prática é pouco realizado pelas mulheres que não são da prostituição. Assim, elas apresentam um ganho em relação às demais mulheres. Elas também demonstram ter um elemento importante a seu favor em relação aos homens, pois eles as procuram para obter práticas não realizáveis em outros contextos. Desse modo, elas manipulam o desejo dos homens e, também, conhecem o segredo para não demorar no programa e proporcionar rapidamente o gozo masculino.

Em diferentes momentos, as *garotas de programa* descreviam como era um programa. Alguns relatos:

É difícil pegar um cara que tira a minha roupa e fala ‘vou te comer’. Só uma vez, daí me senti uma vagabunda. Gosto de ter a iniciativa, dou um trato primeiro, amacio bem e subo em cima.... (3 de maio 1999)

Chego no quarto, tiro a roupa, nem olho muito, primeiro faço sexo oral, subo em cima, transo, coloco a roupa e vou embora. (16 de maio 1999)

⁵⁹ Assim que conhecia uma nova garota era inevitável que ela passasse muitos encontros fazendo perguntas sobre minha intenção de realizar ou não programas. Sempre tive a maior paciência nessa questão, justamente por saber que elas estavam me testando – querendo saber quais as minhas verdadeiras intenções na rua. Pois, não é comum uma mulher da mesma idade delas, que ganha pouco (uma pergunta sempre colocada), solteira, ficar horas na rua e não realizar programas. No entanto, com o passar do tempo e o ganho da sua confiança, passo “para outro departamento” e, assim, consigo além de manter diálogos, ser defendida por elas, tanto em relação a uma nova informante como em relação ao assédio dos *clientes*.

O principal elemento sempre estava na demonstração do domínio da *garota de programa* sobre o *cliente*, inclusive a expressão “subir em cima” era a maneira que elas descreviam o momento da relação sexual em si. É importante demonstrar o quanto, nesse contexto, elas organizam e comandam a conduta masculina. Afinal é ela quem dá ao homem aquilo pelo qual ele pagou – o gozo.

Bourdieu (1995; 1996; 1998; 1999), em diferentes textos aborda a questão do masculino e feminino referindo-se, principalmente, a sociedade Cabila. A partir da análise dessa sociedade o autor aponta para a possibilidade da universalização da dominação masculina. Um dos aspectos dessa dominação se explicitaria, por exemplo, em uma discussão a respeito das relações sexuais e da polaridade entre ativo e passivo. Segundo o autor, na sociedade Cabila, no ato sexual, “o homem está acima, em cima, e a mulher abaixo, embaixo. O ato sexual é assim representado como um ato de dominação, um ato de posse, (...) o ato sexual é ele próprio concebido através do princípio da primazia do masculino. (...) a posição considerada normal é aquela em que o homem ‘monta’” (Bourdieu, 1998, pg. 21). No entanto, para o autor interessa menos a posição do ato sexual e mais a compreensão desse enquanto uma relação de dominação.

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação. (Bourdieu, 1999, p. 33)

O argumento teórico de Bourdieu é interessante por situar as relações sexuais enquanto um espaço corpóreo no qual é possível a compreensão de dimensões simbólicas

sobre práticas corporais e sobre a dominação masculina. Especificamente, o autor demonstra com seu estudo que o posicionamento no ato sexual se configura em expressão de poder incorporado. Assim, Bourdieu argumenta que a relação sexual, utilizando a sociedade Cabila como exemplo empírico, mas universalizando os pressupostos para as sociedades, é uma relação social de dominação masculina. No entanto, essa compreensão das relações sexuais enquanto relações sociais de dominação masculina pode ser relativizada ao analisar as práticas sexuais do universo que pesquisei.

Primeiramente, é preciso considerar que o campo pesquisado mostrou que essas relações são muito mais flexíveis e negociadas. Nas falas de minhas informantes havia uma ênfase na questão de que nas relações sexuais com os *clientes* elas assumiam a posição ativa ou, utilizando um termo de Bourdieu, eram elas quem ocupavam a posição de “montar” sobre o homem no ato sexual. Na “performance” das *garotas de programa*, elas elegem a posição do ato sexual como uma forma de ter o comando da relação com o *cliente* e também esclarecem não gostarem de realizar uma “performance” passiva. Pelo contrário, segundo as garotas, são elas que tomam a iniciativa e o comando do ato sexual. Certamente que esse é mais um elemento que compõem o discurso da não passividade enquanto *garotas de programa*.

Mas ainda é preciso tornar complexo a questão. Meu universo de pesquisa mostra dados diferentes daqueles dados apresentados por Bourdieu. Neste nível de comparação, estritamente empírico, é possível rebater a universalização e a onipresença da dominação masculina. No entanto, ao analisar desta forma, apresentando a mesma lógica, isto é, que as relações sexuais enquanto práticas corporais indicariam relações de poder nas relações de gênero, aponto para outra investigação. Mas, se há realmente dominações, exige uma análise mais aprofundada, a qual, por enquanto, não desenvolverei.

De qualquer maneira, se Bourdieu tem razão ao focalizar o corpo como construído nas relações sociais, sua leitura ainda é unilateral e estanque, ou seja, não inclui pensar outras possibilidades de relações nas práticas corporais. São as nuances dessas práticas, que direcionaram minha análise para outro sentido. Aliás, segundo Corrêa (1999):

Os homens e as mulheres da aldeia de sua infância, as mulheres e os homens urbanos com os quais conviveu depois de adulto, são todos corporificações de um mesmo princípio - o da dominação masculina - que ele estende a todas as sociedades e em cada sociedade a todos os seus segmentos. No entanto, e como ele próprio mostra em seus exemplos etnográficos, trata-se, sim, de um princípio de dominação que, se dessexualizado, rouba todo sentido da expressão 'dominação masculina': seria preciso buscar, em cada contexto, quais são os princípios básicos da dominação, antes de atribuí-la, de antemão, aos homens. Isto é, o princípio da dominação, em qualquer sociedade, é acessível, em princípio, a 'homens' e 'mulheres' - se for socialmente necessário, politicamente desejável e economicamente 'rentável', 'homens' ou 'mulheres' podem, e sempre o fizerem, ocupar o lugar da dominação. (Corrêa, 1999, p. 10)

Tendo em vista considerações como estas, sugiro que é nas “performances” corporais que as *garotas de programa* se deparam com o habitus de ser mulher e de estar na prostituição. E, é neste sentido, que as experiências destas garotas rebatem a idéia de que há uma única maneira de agenciar essas “performances” e, assim de serem dominadas ou dominadoras.

Outro tema constante nos trabalhos a respeito do mundo da prostituição referem-se ao beijo na boca dos *clientes*. Muitos autores (Gaspar 1984; Bonetti, 1995; Pirani, 1997; entre outros) que estudam prostituição afirmam que prostituta não beija na boca o *cliente*. Essa foi uma pergunta importante também em minha pesquisa, ou seja, se as *garotas de programa* beijavam o *cliente* na boca.

“Beijo? Não gosto. Sou extremamente profissional. Vou beijar quando eu gostar muito de alguém”. Valquíria, interrompendo Cíntia, diz que às vezes até acontece um beijo no rosto, “para manter a linha da boa vizinhança, nada de língua”. (16 de maio 1999)

Anita: “não se beija na boca para não se apaixonar, é por isso que não se beija na boca, para não se apaixonar”. (19 de abril 1999)

Nestes exemplos, a justificativa para a garota não beijar na boca do *cliente* indica motivações profissionais e afetivas. Em conjunto com a questão de não beijar na boca também existem outras atitudes que não são realizáveis no relacionamento entre *garota de programa* e *cliente*. Elas explicam que é preciso colocar alguns limites na relação. Por exemplo, afirmam não permitir aos *clientes* passarem a mão em seus seios (e chupá-los), não fazer sexo oral, não fazer sexo sem preservativo. Um diálogo e parte de um depoimento revelam essas regras:

Uma conversa entre duas garotas de programa:

Ana responde rapidamente: “nunca fazer anal”.

Anita fala: “vou guardar o meu cuzinho para depois do casamento”.

Ana interrompendo Anita: “eu aprendi que o cu é para sair e não para entrar”. Ela continua: “não transar sem camisinha”, “nunca colocar a boca em nenhum pau”, “não pode deixar ele ser amigo”. Ela diz que é importante “pegar o dinheiro rápido e fazer tudo rápido, nunca se sabe, e se der um revertério e ele querer bater em mim? Nunca ir longe demais e não dormir com ele”.

Anita, rindo, diz que se o cliente pagar bem ela dorme, ironicamente ela diz: “o difícil é acontecer”. (20 de abril)

Cíntia fala: “não faço sexo anal, não beijo na boca e não gosto que me chupe. Ah, e só faço com camisinha!”.

As regras sobre a relação que essas mulheres mantêm com os *clientes* são: não beijar e não dormir com o *cliente*, não gozar, usar preservativo masculino nas relações sexuais e cobrar pelo programa. Através da determinação do que é e do que não é possível realizar

quanto ao encontro com o *cliente* revela pistas sobre a constituição da própria *garota de programa*. Ao mesmo tempo essas regras da relação ajudam a organizar tanto sua postura de ser *garota de programa* como estabelecer suas relações com as outras pessoas da prostituição – as outras garotas, os donos dos hotéis, os policiais, os vendedores ambulantes e os moradores da região. Mas, o principal dessas regras está no “limite” que essas mulheres construíram para delimitar sua vida na prostituição e fora da prostituição. Em outras palavras, essas regras estão ordenando tanto a forma dessas mulheres estarem na prostituição como fora da prostituição. No entanto, é preciso observar que as garotas podem manipular essas regras conforme sua conveniência, justamente porque elas ajudam a organizar suas relações sociais. A forma como a prostituição é praticada não está isolada de seu entendimento do mundo.

Moraes (1995) mostra como as prostitutas da Vila Mimosa entendem a negociação das práticas sexuais no exercício da prostituição a partir da lógica que separa amor e sexo. “É uma maneira de não perderem o controle das situações que irão vivenciar tanto com os clientes quanto com os seus companheiros, maridos e amantes” (Moraes, 1995, p. 171). O discurso dessas mulheres é sobre a necessidade de separar seus comportamentos sexuais. Ou seja, “lugar de gozar é em casa, lugar de fingir é na zona” (Moraes, 1995, p. 171).

De todas as regras aqui apresentadas, o uso do preservativo masculino é, com certeza, aquela que todas elas são unânimes em enfatizar que sempre obedecem. Assim, ainda é importante entender a razão pela qual as *garotas de programa* assimilaram tão bem o preservativo masculino em sua vida “profissional”.

No próximo capítulo, procurarei apontar dados sobre os relacionamentos dessas garotas que são constituídos em outros contextos. Essa análise também é importante porque

informa, ao mesmo tempo, elementos sobre o mundo da prostituição e o mundo fora da prostituição.

4. A GAROTA DE PROGRAMA FORA DA PROSTITUIÇÃO

Desde a pesquisa realizada em Porto Alegre, constatei o quanto o alargamento dos contextos era essencial para a compreensão do universo pesquisado. O comércio sexual é apenas uma das dimensões na vida dessas mulheres, existindo outras instâncias do seu cotidiano que nem sempre são mostradas nos estudos sobre prostituição. Minha intenção está justamente em indicar que essas *garotas de programa* têm experiências que não se resumem à vida da prostituição. Para tanto, conversei com elas sobre suas vidas, seus relacionamentos, suas práticas de prevenção, seu cotidiano, seus filhos.

Neste capítulo estarei discorrendo sobre a compreensão dessas garotas a respeito do seu cotidiano fora da rua onde se realiza a prostituição. No entanto, como já foi observado, esse outro contexto foi recriado a partir de suas falas, tendo sido o acesso a ele realizado através de nossas conversas e não pelo meu deslocamento. Compreender outros contextos da vida da *garota de programa* é importante, pois permite tornar complexa a compreensão dessas mulheres e do universo da prostituição.

As garotas sempre desconfiavam do meu interesse pelas suas vidas fora da prostituição, justamente porque a pesquisa trata sobre prostituição. Confesso que foi uma tarefa árdua fazê-las falar de suas vidas como um todo. Mas, depois, ao falarem a respeito da sua entrada na prostituição,⁶⁰ também falavam sobre a vida fora da prostituição mostrando um cotidiano comum a outras mulheres.

⁶⁰ É comum ouvir pessoas perguntando o motivo pelo qual as mulheres estão se prostituindo. Apesar de nem

4.1. A CASA PELA RUA

Pergunto para Carla o que ela costuma fazer quando não está na Augusta. Ela responde que é caseira. “Só saio para comer”. Carla se autodefine como uma pessoa normal. “Não tenho nenhuma diferença com outra mulher, pago minhas contas e cuido da minha casa”. Eu pergunto sobre diversões. Ela responde: “Não me divirto. Não! Me divirto indo ver minha família. Não saio para ir me divertir em barzinho, boate, essas coisas...” (31 de maio 1999)

As mulheres mostram uma diversidade em relação ao seu cotidiano fora da rua. Suponho que algumas diferenças entre elas são relevantes; o fato da diferença de idades – 34 anos (a mais velha) e 19 anos (a mais nova) – o fato de algumas estarem casadas e outras solteiras (com ou sem namorados), o fato de algumas terem filhos e outras não, enfim, uma heterogeneidade significativa que, com certeza, reflete-se em diferenças cotidianas.

Nas falas das garotas é recorrente o orgulho com relação a suas casas.⁶¹ Elas passam grande parte do tempo contando alguma mudança na casa – um novo móvel, um novo aparelho, uma nova pintura. Elas parecem querer mostrar que têm uma casa e, ao mesmo tempo, que são capazes de cuidar bem dessa casa. Apesar de nunca ter entrado em suas casas, com certeza posso descrever a maioria delas. Também é comum discutirem entre elas as formas de realizar algum serviço em casa, em que trocam dicas e conselhos. Observei que sempre que contam alguma dessas mudanças, vem junto outro dado importante: o valor financeiro dessa mudança. Certamente falar sobre a quantidade de dinheiro gasto estaria

sempre essa pergunta estar imbuída de preconceitos a respeito da atividade, essa jamais foi a preocupação do trabalho que desenvolvo. Mas, ao mesmo tempo, o assunto sempre está presente. Algumas *garotas de programa*, talvez com o intuito de se justificar, talvez para contar sobre sua vida, falam sobre o começo na prostituição. Mas esse não será um assunto discutido na dissertação.

⁶¹ Solange conta sobre sua casa depois da reforma: “Resolvi abrir e fazer a varanda e a sala juntas (na

expressando (e comunicando) que a mulher tem o dinheiro e, assim, que ela foi capaz de obter essa soma para ser gasta. Aqui também é possível refletir sobre o entendimento de ser uma boa profissional: a competência em ganhar dinheiro.

Com o passar do tempo, o dinheiro passou a ser um assunto recorrente em nossas conversas. Através da descrição do uso do dinheiro foi possível coletar dados sobre sua importância na atividade da prostituição e, fora dela, também sobre quanto o trabalho na prostituição representa o próprio sustento da casa e do dia-a-dia daquela mulher e eventualmente de seus parentes.⁶²

As *garotas de programa* dizem que é difícil ter certeza sobre quanto ganham por mês. Algumas delas esclarecem que sua rotina não é se prostituir todos os dias. Alegam que assim o fazem quando precisam de dinheiro. É comum trabalharem para pagar uma conta no dia seguinte, ou mesmo para comprar à vista os produtos de que precisam. Dessa forma, esclarecem que não sabem exatamente quanto ganham, pois não costumam guardar o dinheiro, assim que o ganham, gastam.

Eram recorrentes perguntas sobre como eu me sustentava. Ao saber a quantia do meu salário, rapidamente elas faziam suas contas e mostravam o quanto ganhavam a mais. O que, no começo, parecia impossível, referir-se ao valor do ganho mensal, tornou-se quase uma obrigação comparativa. Ser *garota de programa* era mais rentável do que ser estudante.⁶³ O exemplo das contas mensais de uma delas:

mesma peça), agora tem um quarto para nós três (ela, a filha e o filho), mais a cozinha e o banheiro" (17 de maio 1999).

⁶² Bacelar (1982) e Ariento (1989) também afirmam que suas informantes são as mantenedoras financeiras de seus lares.

⁶³ Apesar de sempre esclarecer que fazia mestrado em Antropologia Social, nenhuma vez as ouvi repetindo essa informação. No entanto, várias vezes, as ouvi informando que eu era psicóloga, estudante, jornalista, amiga. A informação de que estudava na UNICAMP era lembrada. Algumas garotas costumavam perguntar sobre a pesquisa, inclusive com três delas discuti a respeito das minhas conclusões. Lembro que em Porto Alegre, por exemplo, uma das *prostitutas* quis ler um dos meus textos. No final, ela achou o texto pouco

“De celular gasto 180 reais, de aluguel 300 reais” (...) Sônia diz que os dois filhos estudam em escolas públicas. A filha faz um curso de computação que custa 70 reais por mês e o filho faz natação que custa 67 reais por mês. Ela ainda paga um plano familiar para dentistas que custa 55 reais por mês. (...) Pergunto sobre alguma ajuda do pai de seus filhos, ela conta que o ex-marido paga uma pensão de 300 reais por mês, mas ela relata que não usa esse dinheiro no dia-a-dia, coloca-o na poupança. Ela conclui dizendo “o sustento da minha casa e da minha família vem todo da rua”. (18 de maio 1999)

É provável que essa fala não seja representativa de todas as *garotas de programa*, mas certamente expressa uma dimensão importante entre aquelas que entrevistei. De todas as *garotas* estudadas, apenas uma tinha outra fonte de renda (dona de um trailer em sociedade com o irmão no litoral paulista). O sustento da família – sua mãe, sua filha, seu irmão – vem desses dois “trabalhos”. Das treze *garotas* estudadas apenas duas não sustentam a família – ascendente ou descendente. Uma delas, que ainda mora com a família, diz não contribuir com as despesas da casa: o dinheiro da prostituição vem servindo para suas despesas próprias e para ela construir um futuro longe do “trottoir”. A outra relata que não tem parentes e não quer constituir família. As outras onze mulheres contam que ainda ajudam suas famílias ascendentes; em alguns casos, inclusive a mãe e os irmãos moram com ela. Aquelas que são casadas contam que as despesas da casa são divididas entre o casal. As mulheres que têm filhos os sustentam, mesmo que alguns deles não morem com elas.

As *garotas de programa* afirmam destinarem a renda proveniente de seus trabalhos ao sustento da casa, dos filhos e das despesas pessoais. Ao que tudo indica, a renda

interessante, afinal nem o nome dela aparecia.

feminina vinda da prostituição é aceita pela família⁶⁴ e, ao mesmo tempo, indispensável para o sustento da mesma. Elas esclarecem que só sairão da rua quando estiverem asseguradas economicamente. Diversas vezes, provocando para saber quando era “o momento” e “a segurança”, recebi respostas vagas e indefinidas. O argumento é que em nenhum outro emprego ganhariam tão bem quanto na rua. A maioria delas afirma que desde que entraram na prostituição melhoraram o seu nível econômico e sua qualidade de vida bem como a vida de suas famílias.

4.2. OS RELACIONAMENTOS AFETIVOS DAS GAROTAS DE PROGRAMA

Não é fácil conhecer os *clientes* e os relacionamentos afetivos das *garotas de programa*. Tinha que estar atenta para não parecer estar na competição pelos “seus amores”. Mas, considerando que essas parcerias são importantes no campo das relações dessas mulheres, procurei conversar a respeito dessas relações.

Entre as treze garotas, cinco são casadas⁶⁵ (moram junto por mais de dois anos); cinco têm namorados/as (um relacionamento com mais de seis meses) e três, no momento, não têm nenhum relacionamento estável. As garotas que conheci, fora da rua se relacionavam, algumas com homens e outras com mulheres. Como já foi colocado, ao que me pareceu, todas – lésbicas e heterossexuais – trabalhavam no mesmo *ponto* sem que isso

⁶⁴ Na maioria das vezes os pais sabem e os filhos não sabem que elas são *garotas de programa*.

⁶⁵ O termo não está ligado a uma união legal, até porque de todas as mulheres pesquisadas, apenas uma foi casada legalmente, isso em um tempo que ela não estava na prostituição. Ao usar esse termo refiro-me a uma união “mais ou menos” estável. Os marcadores dessa relação são diversos: ter filhos e morarem separados, ter filhos de outros relacionamentos e os criarem juntos, estarem juntos morando em espaços físicos separados. Enfim, esse termo será usado conforme o entendimento delas, ou seja, quando elas se entendem “casadas”

constituísse uma separação entre elas. Entretanto, considerei que a orientação sexual das informantes era mais um dado do campo estudado para ser analisado e que, somado aos outros, forneceria uma melhor compreensão a respeito do contexto pesquisado. Tendo em vista essa diferença, tratarei essas relações como duas categorias: as relações homossexuais e as relações heterossexuais.

4.2.1. RELACIONAMENTOS HOMOSSEXUAIS

Lembro-me outra vez da primeira noite na Rua Augusta. Conheci uma garota, que, depois de um desabafo a respeito dos homens, convidou-me para sentar ao seu lado. Disse-me adorar falar mal dos homens. Afinal, contou-me ela, era casada com uma mulher. Confesso que, no momento, aquela declaração foi enigmática. Na noite seguinte, a mesma declaração com outra voz, ou seja, agora eu conhecia a “esposa” da primeira informante, e ela, com a mesma tranquilidade, contou-me sobre uma reportagem na qual tinha feito algumas declarações. Entre elas, Angélica falou sobre *fazer sexo com homem por dinheiro e com mulher por amor* (14 de dezembro 1998).

A cada noite conhecia uma nova *garota de programa* lésbica. O que me levou a procurar não permanecer em um “gueto” e a investigar a respeito. Elas diziam que não era só naquela região que se encontravam lésbicas. De fato, eu as encontraria em toda a Augusta. Cíntia falou sobre o assunto:

“Não é que eu estou enjoada de homem. O problema é que se conhecem muitos homens. Aqui se vê o outro lado dos homens, na casa querem fazer o sexo limpo e aqui, o sujo. Não sujo, sujo, mas porque aqui aparece de tudo, aquilo que eles não fazem em casa – querem que mije, que

assim também as estarei tratando.

cague e que pise neles. Uma vez apareceu um cliente com uma galinha que ele queria levar pro quarto, eu não fui. Qual mulher vai querer ainda um homem?” (5 de maio 1999)

Das treze mulheres com que conversei, seis delas se entendem como lésbicas e uma delas como bissexual. Dessas sete, cinco estão casadas com outras mulheres, isto é, moram há mais de dois anos na mesma casa com outra mulher e duas delas estavam sozinhas no momento da pesquisa. Três delas contam que antes de começarem a se prostituir já se entendiam como lésbicas (mesmo que tenham mantido relacionamentos sexuais com homens). O fato de desprezarem os homens e de afirmarem que “enjoam” de estar com eles não justifica sua orientação sexual. Assim fosse, todas as mulheres que realizam prostituição com homens seriam lésbicas. Mas certamente o fato de estarem permanentemente em contato com os homens e ainda no tipo de relação que com eles estabelecem pode ser somado à escolha dessas mulheres.

Isto posto, busquei compreender como essas mulheres faziam programas com homens e se relacionavam com mulheres. Será que elas faziam programas com homens? Ou com mulheres? Ou com homens e mulheres? Assim, em nossas conversas buscava entender tanto sua oferta de serviços como sua orientação sexual.

Kátia e Angélica são muito diferentes: uma é loira, magra, não usa maquiagem, discreta, calma, de fala mansa e pausada; a outra é morena, gorda, usa batom forte, roupas justas, fala alto com gargalhadas. Conheceram-se três anos atrás e estão juntas até hoje. Dividem o mesmo apartamento, algumas contas, alguns sonhos e a maioria dos problemas. Elas se dizem apaixonadas, apesar de constantemente falarem mal uma da outra.

Devagar fui conhecendo Kátia e, com certeza, conheci melhor a região da Rua Augusta através da sua cooperação. Depois de estabelecida a relação, tive nesse *ponto*

momentos etnográficos fundamentais para a pesquisa. Kátia, por ser a *dona* do *ponto* de prostituição, era a responsável pela permissão da minha entrada e permanência no *ponto*. Ela me testava constantemente, buscando informações sobre meu objetivo na rua, sobre minha orientação sexual, sobre minha vida. Kátia era muito observadora, falava das minhas roupas, dos meus cabelos, do meu batom, sabia se tinha engordado, se emagrecido, se tinha tomado sol. Durante esse “jogo”, preocupava-me como as outras informantes entenderiam minha relação com Kátia e, ainda, preocupava-me pelo fato de saber que Angélica era muito ciumenta.

Pergunto para Kátia se sua mulher não teria ciúmes das nossas conversas, pois ouvi dizer que ela é ciumenta. Kátia gargalhando diz que eu não sou o tipo dela. E explica, diz que gosta de mulheres mais masculinas, de bermuda e boné, “você é muito mulherzinha”. Ela conta que sua mulher era bem masculina quando se conheceram, mas agora, por culpa dela, Angélica está mais feminina. Kátia declara que adora dar presentes insinuantes para ela – saia curtinha, bustiê. (16 de dezembro 1998)

Kátia falava muito sobre seus gostos físicos e sexuais. Ela sempre contava que preferia *mulheres masculinas*, pois elas eram *mais discretas e menos egoístas que os homens*. Vejamos uma passagem que torna ainda mais complexa a questão:

Uma madrugada fria de quinta feira estávamos eu, Kátia, Rebeca, a neblina e o pouco movimento dos clientes. Kátia fala novamente que a gente tem que sair uma noite juntas, eu digo que aceito, mas se elas me levarem em um bar de lésbicas terão que me proteger. As duas dão risada. Kátia pergunta se eu sei dançar forró. Enquanto eu tento responder que não, ela me abraça e começa a dançar comigo. Kátia me pega em cima (coloca seus braços sobre meus ombros – culturalmente o lugar onde a mulher coloca os braços ao dançar com um homem). Eu paro de dançar e falo: “Ah não, eu pego em cima”. Ela me olha indignada e diz “eu sou a mulher”. Eu pergunto “e eu? O que eu sou?”. Nós três rimos. Falo novamente, “se quiser dançar comigo, vai me pegar embaixo”. Rebeca, que está em pé encostada no muro, ri muito e diz “Dá uma de Joãozinho aí, Kátia”. Kátia diz que se nega a colocar a mão no lugar do homem, afinal ela é uma

mulher. A gente se solta. Kátia fala para a gente tentar as duas colocando o braço em cima. Não dá certo. Eu finalizo a nossa dança dizendo que dançar com mulher não era minha especialidade. (22 abril 1999)

Conheci outros casais. Um dos primeiros comentários de Angélica, ao me apontar Luzia: *ela dá segurança para a outra*. Minha primeira leitura sobre esse casal, com o qual convivi intensamente, foi que elas repetiam a mesma estrutura de um casal heterossexual: uma – sendo masculina – era mais pesada, falava mais alto, caminhava movimentando pouco os quadris, se vestia com roupas largas, tênis, boné na cabeça, e a outra – sendo feminina – maquiada, cabelos pintados e enrolados nas pontas parecendo “Marilyn Monroe”, saia e blusa justas, sandália com salto. Luzia é quem, na rua, “protege” Clarice, e mais uma vez reforça o estereótipo masculino. Clarice é a protegida – a representação do feminino. No entanto, dia após dia, o contato com esse casal desconstruiu minhas primeiras impressões a seu respeito.

Luzia está sempre preocupada com Clarice e com as outras garotas que ficam no *ponto*. Aliás, diz não cuidar mais das outras porque elas não são profissionais sérias. Esse argumento é importante porque Luzia e Clarice parecem ter na rua um “negócio familiar”⁶⁶ em que cada uma delas faz a sua parte. O objetivo desse negócio é transformar Clarice em uma profissional de qualidade. Nesse projeto estão envolvidos diversos elementos que são constituintes das regras desse *ponto*. Ao mesmo tempo, é motivo de discussões, pois, segundo as outras *garotas de programa*, as duas querem estabelecer essas regras para o *ponto* inteiro.

Luzia diz não gostar da rua, que procurou outro emprego, mas seria Clarice quem insistiria. Clarice realmente afirma não vir sozinha para a rua. Ambas dizem que vivem bem

⁶⁶ Ver maiores detalhes em Fonseca 1996.

com esse “contrato simbólico” que estabeleceram: Clarice se prostitui e Luzia cuida para que os programas aconteçam bem, observa com quem Clarice sai, quanto tempo leva no programa, se chegou no hotel. Luzia é a protetora de Clarice. Não demorou muito tempo para que observasse outras dimensões na relação estabelecida entre Clarice e Luzia:

Clarice diz que costuma acordar às 2h da tarde. “Sou muito caseira, gosto mesmo de ficar em casa fazendo nada”. Eu pergunto quem cuida da casa e Clarice diz que é Luzia. “Luzia é a mulher do super, a mulher das ordens da casa, eu não faço nada”. Eu dou risada e digo que ela é perfeita. Clarice ri timidamente e continua falando: “Luzia sabe de tudo, vê minha comida, o que tenho que comer, o ferro, o fósforo, ela balanceia a minha comida, as vitaminas A, B, C, cuida de mim”. (19 de abril 1999)

Ouvi muitas histórias sobre o relacionamento de Clarice e Luzia: Luzia diz ter se humilhado para conquistar o amor de Clarice, pois quando elas se conheceram, Clarice tinha um relacionamento heterossexual; Clarice contou ter agredido outra mulher por estar paquerando Luzia; Luzia falou que sustentou Clarice quando ela estava sem trabalhar e, que ao ser detida, foi Clarice quem procurou seus *amigos perigosos* para tirá-la da prisão.

A imagem de Luzia (e a companheira de Josiane, de Rosângela e o companheiro de uma *garota de programa* que ficava em frente a esse *ponto*) me transportava para outros contextos de prostituição: a pesquisa em Porto Alegre.

Uma das principais questões do campo pesquisado em Porto Alegre era a constante presença dos parceiros afetivos daquelas *prostitutas* em seus *pontos*. A maioria deles exercia atividades profissionais ao redor dos *pontos*: taxistas, vendedores ambulantes, fiscais de lotações. Apesar da presença constante, elas não gostavam de apresentá-los e, também, não gostavam que eu ficasse conversando com elas quando eles estivessem por perto. Mantive contatos apenas com um deles, o qual conheci na casa do casal. Soube a respeito desses homens pela fala das minhas informantes, pois elas falavam muito sobre

eles. As histórias sobre eles não se diferenciavam daquelas apresentadas em outros trabalhos (Fonseca 1991, 1996; Knauth 1995, 1996; Paim, 1998). Na maioria das vezes, suas reclamações eram porque eles bebiam, chegavam tarde em casa, levantavam dúvidas sobre traição, aplicavam surras nos filhos. Apesar de poucos elogios, elas também contavam sobre o churrasco que o *marido* tinha feito no fim-de-semana, da festa de aniversário em que ele pagou tudo, do jogo de futebol que assistiram juntos, do sexo no banheiro, do corte da grama.

Fonseca (1996), em uma pesquisa realizada com prostitutas em Porto Alegre, apontou para o fato de que algumas delas entendiam esses homens como seus *maridos*. A dúvida estava colocada. Que relação elas mantinham? Esses homens eram maridos ou gigolôs?

O gigolô sempre foi uma figura constante nas obras especializadas de prostituição (Bacelar, 1982; Freitas, 1985; Ariento, 1989; Moraes, 1995; Fonseca, 1996) e também no senso comum, onde representa o explorador da mulher que se prostitui, e ela, sua vítima. Ariento (1989) apresenta uma diferenciação entre os termos gigolô e cafetão. O primeiro seria o homem que se relaciona sentimentalmente com a prostituta, aquele que lhe dá proteção em troca de dinheiro, algumas vezes eles moram juntos; e o cafetão seria apenas um comerciante que tem o único objetivo de lucrar com o trabalho da prostituição, em troca lhe garante proteção e, algumas vezes, estipula preços, arruma *clientes*. Na maioria das vezes este é o dono de estabelecimentos onde acontece a prostituição (Ariento, 1989). Em minhas pesquisas não ouvi referência à figura do cafetão. Talvez por ter pesquisado especificamente prostituição de rua, o comum era falar-se sobre os gigolôs.

Atualmente, nos grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro principalmente, autores têm constatado uma diminuição da presença dos gigolôs. Para Moraes (1995), que

estudou prostitutas na Vila Mimosa (Rio de Janeiro), os ganhos na prostituição estão cada vez menores e, assim, vem se tornando um negócio menos rentável. Apesar disso, a autora acrescenta que, quando essa figura existe na vida das informantes, na maioria das vezes é negada ou, quando explicitada, é justificada pelas prostitutas que dizem não saber se livrarem ou dizem admitir por gostarem deles.

No universo pesquisado em Porto Alegre, nenhuma *prostituta* afirmava ter gigolô.⁶⁷ Mas essa figura sempre aparecia quando elas se referiam aos “homens” das outras prostitutas. Com o desenvolvimento da pesquisa observei que eram esses “homens” quem definiam os momentos de folga, de trabalho, que garantiam a segurança em relação aos *clientes*, a posse do *ponto*, bem como a respeitabilidade da “sua mulher” frente às outras *prostitutas* e aos donos dos hotéis.

Minhas informantes se referiam a esses homens como seus *maridos*. O homem que estava na rua – gigolô – era o mesmo homem que estava em casa – marido. Para essas *prostitutas* eles não eram seus exploradores nem opressores. Antes ao contrário, eram homens que faziam sua parte na rua, cuidavam delas (segurança, proteção), defendiam-nas dos problemas na rua e principalmente as colocavam nos *pontos* que, em princípio, pertenciam a eles. É preciso analisar essa questão, situando-a no contexto em que ela é vivenciada. Ou seja, o valor que é atribuído por essas mulheres ao fato de ter um marido, um pai para seus filhos, enfim um homem dentro de casa.

⁶⁷ Segundo o Código Penal Brasileiro, o que é crime em relação à prostituição é o lenocínio e o tráfico de mulheres, no capítulo V – do artigo 227 ao artigo 234 estão descritas as condutas ilegais relacionadas à prática da prostituição. Os tipos penais são os seguintes: 1. Mediação para servir à lascívia de outros; 2. Favorecimento da prostituição; 3. Casa de prostituição; 4. Rufianismo; e 5. Tráfico de mulheres. Ver maiores detalhes em Pasini (1997).

Em São Paulo, com relação à figura do gigolô, o cenário é mais complexo⁶⁸. Se considerarmos a definição clássica de gigolô, aquele homem que vive à custa do trabalho da mulher, quem mais dela se aproxima é Luzia. Desde o primeiro encontro, ela deixou claro que não era uma *garota de programa*, mas que sabia muito sobre a profissão, pois já tinha se relacionado afetivamente com muitas garotas e também porque atualmente “cuidava” da sua companheira. Em uma noite conversamos sobre ela ser gigolô de Clarice:

Luzia diz que as outras garotas de programa devem falar. “Poderia tá dentro da minha casa e cafetizando ela igual. Eu não, mesmo com dor venho para rua. (...) Luzia diz que todo mundo fala que o homem que fica cuidando da garota de programa do ponto da frente é o gigolô dela, mas que ela não acha, pois quando ela vai para o programa ele vai atrás cuidar dela, “coisa de marido e mulher, se ela dá o dinheiro para ele é problema dela”. Para Luzia o dinheiro é para dividir entre um casal. Luzia explica que nunca deixa Clarice sozinha, elas fazem tudo juntas, “vamos à cartomante, e nós duas jogamos juntas, no cabeleireiro, eu não largo ela por nada, não tem aonde não vamos juntas”. (4 de maio 1999)

Em ambos os universos pesquisados, o fato do(a) parceiro(a) estar com a *garota de programa* na rua talvez a pressione para realizar mais seriamente algumas práticas: uso de preservativos, não demorar no programa, cobrar o programa, entre outras. Por exemplo, vi Luzia brigando com Clarice por ela ter demorado no programa. Luzia, inclusive, ia até o hotel ver o que estava acontecendo. Seu discurso estava centrado no argumento de que sua função era de proteger Clarice. Muitas vezes, apesar de estar conversando comigo e parecer não prestar atenção, ela sempre sabia o horário em que Clarice saía e voltava do programa.

Portanto, é preciso suspeitar sobre uma leitura unilateral, a de *garotas de programa* como vítimas de seus relacionamentos afetivos (mulheres ou homens) opressores. Outra leitura poderia ser que essas mulheres usam essa relação para garantir um espaço na rua

⁶⁸Ver maiores detalhes em Pasini (2000).

sem precisarem brigar por ele. Por exemplo, em Porto Alegre, esses homens que eram seus *maridos* também eram os donos dos *pontos* onde elas ficavam e, em São Paulo, foi Luzia quem conseguiu o lugar para Clarice, pois é amiga da *dona* desse *ponto*. Outro motivo poderia ser porque essas parcerias as ajudam a desempenhar melhor a prostituição, ou ainda, uma questão de afeto pela pessoa.

Evidentemente é importante lembrar que essas mulheres, dependendo do contexto e de seus códigos, valores e regras sócio-culturais, poderão enfatizar uma ou outra forma de vivenciar seus relacionamentos.⁶⁹ Essas relações estão imbuídas de elementos de trocas – aqui se troca proteção, dinheiro, afeto, vida em conjunto, moradia, entre outras. As parcerias, assim, podem ser constituídas como um negócio de família no *ponto* da prostituição, uma rede mútua para a elaboração desse negócio. Talvez esse acordo do casal ajude a pensar que os arranjos presentes nessas interações sejam diferentes das tradicionais e dicotômicas interpretações sobre as relações *garota de programa-gigolô* e/ou *marido-mulher*. Os(as) companheiros(as) das garotas estudadas não pareciam ser aquela figura estereotipada de explorador, machista, que foi construída sobre os gigolôs. Mesmo que haja dominação é preciso perceber que, talvez para essas mulheres, esse elemento tenha menos valor do que os apontados como a “função” do gigolô e/ou *marido*. Se considerarmos a “performance” dentro das relações criadas pelo contexto da prostituição, veremos que o

⁶⁹ Essa é uma discussão que faz parte da constituição da Antropologia. Em “The Gender of the Gift: problems with women and problems with society in Melanesia” (1988), Strathern realiza na prática aquilo que tanto se procura ensinar aos antropólogos: relativizar. Em todo o livro, a autora apresenta a Melanésia através dos conceitos que fazem sentido para eles – os melanésios. Através do método de comparação, a autora quer mostrar (mesmo alertando para alguns problemas do uso desse método), além da diferença – contraste entre nós (o ocidente) e eles (os melanésios) – como realmente é a sociedade melanésia para os melanésios. A maior crítica que Strathern tem em relação a outros trabalhos realizados na Melanésia é justamente a proposta de “traduzir” a sociedade através de uma lógica que não é a dos nativos, mas sim a dos pesquisadores. Strathern quer entender o outro através da lógica do outro. No entanto, ela não esquece, em nenhum momento, que é ocidental e que faz essa leitura através do seu entendimento ocidental. Para tanto, usa a estratégia da negação (ou oposição): o “nós” e o “eles”. Essa também é a tentativa desta dissertação, entender as *garotas de programa* através da lógica das garotas de programa.

reforço está na distinção entre “*cliente*” e “não cliente”. E, ainda, nesta última, vemos uma relação conjugal na qual estão misturados em maior ou menor grau “marido” e “gigolô”.

Essa análise permite apreender a diversidade dessa relação e, ao mesmo tempo, tornar complexa a categoria. Em São Paulo, entre os pares formados por mulheres, as *garotas de programa* se entendem como casadas e, da mesma forma que as mulheres casadas com homens, elas estabelecem relacionamentos estáveis, compartilhando a unidade doméstica, inclusive ajudando a criar os filhos que algumas mulheres trazem de outros relacionamentos.

Mas, se a relação conjugal permanece no casal homossexual, algumas categorias mostram-se embaralhadas. Dizendo-se mulheres masculinizadas ou feminilizadas, afirmam uma sexualidade heterossexual na prática da prostituição e homossexual na vida particular. No primeiro caso, identificam-se com as *garotas de programa* não lésbicas e distinguem-se dos prostitutas. Ou seja, afirmam-se como mulheres. Outra relação, no entanto, vai efetuar uma distinção nesta identificação enquanto mulheres masculinas e femininas. As *garotas de programa* incorporam categorias de gênero para demarcarem sua orientação sexual e os limites entre suas vidas privadas e profissionais. Estas distinções poderiam, à primeira vista, parecer que informam sobre papéis sociais, isto é, que as *garotas de programas* estariam representando papéis naturalizados ou essencializados de homens ou de mulheres. No entanto, lembremos alguns argumentos de Costa (1994) a respeito de papéis sociais:

Esse marco teórico, em termos gerais, sustenta que, através da socialização, homens e mulheres aprendem e internalizam identidades específicas pelo desempenho de determinados papéis. Desse modo, masculinos ou femininos exatamente da mesma maneira, como um ator ou atriz aprendem suas falas pela leitura e memorização de um roteiro. Além disso, a sociedade recompensa aqueles que se conformam aos papéis a si designados e pune aqueles que se desviam das regras que, por sua vez, são

deduzidas a partir de exigências estruturais da ordem social. (Costa, 1994, p. 147, 148)

Costa aponta críticas sobre a teoria dos papéis. Para a autora apesar de haver um avanço nessa abordagem em relação ao paradigma da diferença sexual, não estando intrínseca à biologia dos indivíduos, ela ainda pouco ajuda na discussão sobre relações de gênero. Pois a teoria estabelece ideais normativos e estereótipos sobre o homem e a mulher reforçando dualismos e diferenças (lê-se também opressão e dominação) entre o masculino e o feminino. Os argumentos de Costa reforçam meu entendimento sobre essa perspectiva de análise.

O universo estudado, através de suas “performances”, sugere uma desconstrução da leitura sobre papéis. Ou seja, essas garotas em momento algum parecem desempenhar papéis prontos, nos quais desempenhariam aquilo já estabelecido – uma mulher deveria relacionar-se sexualmente com um homem, uma *garota de programa* deveria gostar de ter relações sexuais com seus *clientes* e tratá-los bem e também deveria relacionar-se apenas com um tipo de sexo. No entanto, algumas delas afirmam-se como mulheres, casadas com mulheres e que fazem programas com homens.

Butler (1990) aponta uma direção promissora para entender essas atuações. A autora propõe uma desnaturalização tanto do sexo como do gênero, em que ambos seriam construções culturais. Butler entende gênero como performático, constituinte da identidade do sujeito⁷⁰ e inscrito no corpo. Em outras palavras, o gênero está sempre sendo atuado (doing), tendo o sujeito a possibilidade, através de seu desempenho (performance), de transformar suas relações. O masculino e feminino não estariam necessariamente

⁷⁰ “Podemos ser tentados a pensar que supor o sujeito de antemão é necessário a fim de proteger a capacidade de agir do sujeito. Mas afirmar que o sujeito é constituído não é dizer que ele é determinado; ao contrário, o

essencializados em corpos de homens ou de mulheres. Assim, com a separação entre gênero e sexo, Butler (1990) instiga para pensar em diferentes arranjos que estão além do feminino ou do masculino.

A observação das práticas, que até agora descrevi, problematiza a perspectiva de relações pautadas pelo encontro entre corpos biológicos de homens ou de mulheres. Assim, indicam muito mais as marcas de gênero na vida prática. Em outras palavras, as *garotas de programa* estudadas estão “dessencializando” um entendimento sobre corpos naturais ao realizarem através de um “corpo de mulher” uma “performance” mais masculina e/ou feminina.

4.2.2. RELACIONAMENTOS HETEROSSEXUAIS

Como já referi, das treze garotas sobre as quais concentrei minha análise, seis delas se consideram heterossexuais. Cinco delas têm namorados (relacionamento com mais de seis meses) e uma delas está sozinha no momento. Nenhuma delas se considera casada. Cinco delas têm filhos, sendo que duas delas têm dois filhos, os quais são do mesmo pai. Nenhuma delas ainda mantém uma relação afetiva com esses homens.

Diversas vezes tentei saber quem eram esses homens com os quais se relacionavam não comercialmente. Mas elas pouco falavam sobre eles, costumavam falar, sim, sobre a relação que mantinham com eles, em que focalizavam sua pessoa. Nunca falei com nenhum deles e apenas vi, de longe, um deles quando foi buscar Anita na rua.

Uma diferença importante entre os relacionamentos dessas garotas é que as lésbicas mantinham relacionamentos mais duradouros e designados como casamento. As

caráter constituído do sujeito é a própria pré-condição de sua capacidade de agir”. (Butler, 1998, p. 30).

heterossexuais mantinham relacionamentos menos duradouros e com homens designados como namorados.

No entanto, soube que o namorado de Valentina é mais novo do que ela, que faz pouco tempo que eles mantêm relações sexuais, pois, segundo ela, a melhor forma de “segurar” um homem é não ter relações sexuais com ele no início do relacionamento. Soube que o namorado de Valeska mora com a mãe e que sonha em tirá-la da prostituição, pois isso o envergonha. Carla namora um homem doze anos mais novo que ela, que era seu *cliente* e que por três anos a sustentou, tempo em que ela esteve afastada da prostituição. No entanto, ela relata ter cansado de ficar em casa e voltou para a rua. Apesar de seu namorado ser contra e regularmente fazer escândalos na rua, ela diz que não abrirá mão de sua profissão. Adélia conta que seu namorado é vendedor de carro e que eles já romperam e se reconciliaram várias vezes, pois ele não admite que ela continue sendo *garota de programa*.

Essas garotas afirmam ter um cotidiano igual ao de qualquer outro casal quando estão com seus parceiros afetivos: freqüentam festas, cinemas, bares e boates. Mas o fato de trabalharem à noite torna-se um problema para a relação. Elas contam que quando estão com namorados novos, freqüentemente estão de “folga”, mas o comum é elas separarem as noites, algumas para o trabalho e algumas para os companheiros. Os fins de semana são dias privilegiados para elas ficarem em casa. Mas, ao mesmo tempo, o fato de serem *garotas de programa* é o complicador de seus relacionamentos, justamente pela dificuldade desses homens aceitarem sua profissão.⁷¹ Para as informantes, o principal motivo dos problemas entre seus relacionamentos é o ciúme⁷² dos homens pelo fato de estarem com

⁷¹ Elas dizem não esconder que são *garotas de programa*, apesar de saber que muitos homens as abandonam por essa razão.

⁷² O sentimento de ciúme não está presente apenas nas relações heterossexuais, também constitui as relações homossexuais. Por exemplo, Kátia diz: *não penso muito, não gosto de pensar que a minha mulher vai estar na cama com outro homem* (16 de dezembro 1998). Outra informante conta que sua companheira, também

outros homens. Elas contam que alguns deles as obrigam a escolher entre a prostituição e o relacionamento com eles.

Nesses momentos é preciso demonstrar que as relações com esses namorados e com os *clientes* é diferente. Essa diferença deverá ser ressaltada, principalmente, nas relações sexuais e, ainda, em algumas concessões em relação a carícias no seu corpo, tais como o beijo na boca, o passar as mãos, entre outras. Valeska falou sobre o assunto:

Eu pergunto para Valeska se ela não cansa de transar, ela sorri e responde que não. Insisto, quero saber se ela agüentaria chegar em casa e ainda transar com o namorado depois de ter feito vários programas. Valeska diz que “com namorado é diferente, não faço as mesmas coisas”. Apesar de algumas vezes ele acusá-la de estar “mecânica”. No entanto, para ela, isso acontece quando ele sente ciúmes. “Aqui é profissional, quando tem amor é diferente, eu faço o que quiser, do jeito que eu quiser”. Ela ainda comenta que “às vezes eu faço para satisfazer ele, se não faço ele vai achar que estou fazendo na rua”. Valéria diz que tenta ser diferente com o namorado, “faço coisas com ele que não faço na rua”. Eu: “o quê?” Valeska responde que na rua “não deixo enfiar o dedo, chupar meu seio, a perereca, beijar meu pescoço”, mas com o namorado, ela permite que essas práticas sejam realizadas. (1º de junho 1999)

Na tentativa de explicar como eram suas relações sexuais com suas parcerias afetivas, era impossível que elas não se referissem aos *clientes*. Afinal, esse contraste acaba delimitando uma e outra prática. Entretanto, também foi recorrente ouvir em alguns de seus discursos que com os relacionamentos afetivos a prática sexual não era o que mais importava na relação. Aliás, ao contrário, muitas delas ressaltavam o quanto era preciso deixar o sexo para a última das ações que uniriam o casal. Uma conversa entre diferentes garotas, em que Valentina contava sobre seu novo namorado, foi um dos exemplos dessas colocações:

garota de programa, tem seu ponto longe dela porque não agüentaria de ciúme.

No meio da conversa sobre seu novo namorado, Valentina diz que ele a está colocando “contra a parede porque quer transar comigo”. Eu espantada pergunto se eles ainda não transaram. Valentina rindo do meu espanto responde que não, que faz um mês que estão “ficando” e ainda “não aconteceu nada”. Ela fala que é “por causa da rua, aqui se aprende a não dar logo”. Ela discursa sobre os homens, diz que eles só querem “comer as mulheres” e depois desaparecem, “se você quiser segurar o cara mais tempo tem que ficar sem dar” (...) Valentina pergunta “sabe como os homens funcionam?” Anita responde rapidamente, gargalhando, “eu sei, eu monto em cima deles e faço gozar”. Clarice bravamente fala “o homem é o seguinte, se der (transar) pra ele, ele acha que a gente é fácil, o homem é feito para dar dinheiro, louca é quem se apaixona por um, eu caí na realidade, só mulher”. Valentina aconselha-nos que quando uma mulher “gosta de um cara tem que se fazer de difícil, se ele ligar é para dizer que não está, e segurar até as últimas, nada de trepar nos primeiros encontros até que ele esteja grudado” (3 de maio 1999).

Nessa conversa valores estão sendo elaborados. Além da moralidade específica do grupo, também é possível observar, mais uma vez, o quanto as relações sexuais (práticas corporais) estão definindo essas relações, mesmo que seja para que não aconteçam. Em outras palavras, de toda forma é preciso marcar que os parceiros afetivos são diferentes dos parceiros comerciais.

Certamente, depois de compreender a vida dessas mulheres que realizam prostituição, quer nessa atividade, quer no seu ambiente familiar, afetivo, particular, será possível elaborar algumas questões a respeito dessa distinção que elas realizam quanto a suas relações sociais através, como foi observado, do seu corpo.

5. CORPOS: OS DIVISORES DE MUNDOS

Até agora procurei mostrar as diferentes regras que as *garotas de programa* utilizam para especificar suas práticas na prostituição e, também, as categorias de gênero acionadas nessas práticas. Como foi visto, a maneira como essas garotas elaboram e vivenciam a prostituição pode ser compreendida através de suas regras estabelecidas nos *pontos*. A postura da *garota de programa* também se define através da roupa, da maquiagem, da abordagem ao *cliente*, pelo tempo e pelo valor cobrado no programa e pelas ofertas de serviços. Mostrei também que algumas práticas tornam-se regras na constituição da relação com o *cliente*, tais como limitar o tempo, cobrar dinheiro, usar preservativo, não beijar na boca, não gozar, não fazer sexo oral com o *cliente*. Assim, essas garotas organizam tanto as relações na prostituição como fora da prostituição, justamente porque essas regras são constituídas, principalmente, tendo como contraponto as diferenças entre as práticas realizadas com os *clientes* e com os não clientes.

A compreensão dessas regras são fundamentais pois, inscritas nos corpos, darão visibilidade tanto a sua “performance” de ser uma *garota de programa* como algumas distinções em suas relações sociais. Nesse sentido, cabe analisar como esses corpos que realizam prostituição expressam diferentes práticas e indicam a diversidade sobre suas relações sociais.

Os argumentos de Csordas⁷³ são interessantes para alargar as questões observadas no campo pesquisado, ou seja, em compreender o corpo como construindo a interpretação, envolvendo a prática e a percepção. Csordas (1988), com sua perspectiva da corporificação (embodiment), apontou a importância da compreensão de imagens multi-sensoriais que une o mental, o social e o corporal. Ou seja, o corpo é entendido como o lugar das sensações, das experimentações, mas através do corpo e não sobre ele. Dessa forma, o corpo para Csordas é o caminho para analisar a cultura e a constituição do sujeito. O autor aponta que essa é a forma para desconstruir dualidades, mente / corpo e sujeito / objeto (Csordas, 1988).

No universo pesquisado, as garotas “dividem” tanto sua vida sócio-cultural como suas relações profissionais e não profissionais através dos próprios corpos. O corpo é negociado socialmente, princípios culturais são incorporados nele, informando, através de experiências vividas pelos sujeitos, elaborações específicas do grupo. Dessa forma, é preciso analisar os valores que cada contexto elabora, pois será nesse meio social que o conhecimento será pensado e praticado. Trata-se agora de ver estas práticas “incorporadas”.

5.1. CORPOS NOS PONTOS

Como já foi demonstrado é no *ponto* que ocorrem os contatos e as negociações com os *clientes* e, ao mesmo tempo é onde a *garota de programa* elabora relações sociais com

⁷³ Concorde com os argumentos usados por Almeida (1996) para criticar a perspectiva de Csordas. Para o autor, Csordas não contemplou os escritos de Foucault e, ao mesmo tempo, parece ter uma visão universalista, pois não contemplou casos etnográficos que distinguem corpo e pessoa. No entanto, permanece dialogando com alguns aspectos da perspectiva teórica de “embodiment” colocada por Csordas.

as pessoas envolvidas na vida da prostituição, tornando-se um espaço privilegiado de sociabilidade dessas mulheres. No entanto, ainda é preciso especificar a análise enfocando a corporalidade. Ao longo do texto, diversas vezes, essas questões foram invocadas, no entanto, proponho reter-me agora sobre o quanto a corporalidade dessas *garotas de programa* está informando sobre o universo pesquisado. Especificamente, através da compreensão desses corpos é possível entender a prostituição que está sendo realizada, pois esse corpo atua e faz parte da interpretação. Segundo Bordo (1997), a feminilidade pode ser compreendida através de regras colocadas no “discurso do corpo: por meio de imagens que nos dizem que roupas, configuração do corpo, expressão facial, movimentos e comportamento são exigidos” (Bordo, 1997, p. 24). Dessa forma, uma análise da corporalidade dessas garotas é também um desvendamento da prostituição que elas realizam.

O corpo nesta análise é entendido enquanto uma construção social e cultural de um contexto específico. Assim, ele aparece como um “lugar da práxis social, como texto cultural, como construção social” (Jaggar; Bordo, 1997, p. 11). Em outras palavras, o corpo está sendo pensado como um “espaço social”, no qual, estão incorporados elementos sócio-culturais, que comunicarão significados e simbologias do grupo.

Uma das maneiras de “usar” o corpo pode ser percebida na forma como as garotas se maquiavam e se vestiam para estar nas ruas de prostituição. Uma das especificidades de cada rua⁷⁴ que pesquisei estava justamente em suas roupas e maquiagens. Como foi visto, em uma rua elas usavam roupas mais curtas, seus corpos estavam mais à mostra e praticamente não usavam maquiagem. Em outra rua, elas mais insinuavam do que

⁷⁴ Em três ruas pesquisei um *ponto* de prostituição. Aqui o termo rua poderia ser substituído por *ponto*. No entanto, em uma das ruas pesquisei três *pontos* de prostituição. Apesar das especificidades de cada *ponto*, em

mostravam seus corpos, usavam decotes, transparências, também era comum se maquiarem e usarem sapatos com salto. Em outra rua seus corpos ficavam escondidos, usavam casacos e calças de brim e maquiagem destacada. Na quarta rua, produziam-se mais em comparação com as outras ruas, maquiagens em tons escuros de vermelho e de verde, sapatos com salto, roupas de couro e calças justas.

O tipo de roupa das *garotas de programa* especifica as estratégias de sedução em relação ao *cliente*. Observando os *pontos* é possível perceber uma “gradação de sexualidade”, expressa também nas roupas que elas usam. A relação entre a roupa e a sexualidade está no fato de que essas roupas estão compondo seus corpos que, depois de enfeitado, agenciará a sedução. Por exemplo, como elas conhecem os gostos masculinos, acabam privilegiando partes do corpo, principalmente os seios e a *bunda*, aquelas de que eles mais gostam. Segundo as garotas, algumas roupas eram *enfeitadas*, pois quando as usavam faziam mais programas, comparando com noites em que não usavam aquela mesma roupa. Como, por exemplo, uma “collant”⁷⁵ de lycra, azul celeste, de alças largas e decote redondo em que era possível ver parte dos seios de Clarice. Aparentemente uma blusa simples, mas, quando na rua, segundo ela, a blusa tornava-se um *pote de fazer dinheiro*. Algumas delas contaram que, em casa, demoram para escolher a roupa que usarão à noite, e que dividem suas roupas entre roupas para o trabalho e roupas para outros lugares. Apesar de que no *ponto* onde estavam as garotas que se auto-intitulavam como as que melhor se vestiam na rua, elas afirmaram que usariam as mesmas roupas na rua e nos locais de divertimento. Mas não eram todos os tipos de roupas que eram aceitos nos *pontos*. Muitas vezes as ouvi fazendo comentários sobre o quanto a *colega* não estava vestida

relação à vestimenta, por exemplo, é possível analisá-los em conjunto.

⁷⁵ Gaspar (1984) observou que as “collants” de lycra eram peças indispensáveis no visual de suas

adequadamente. Carla era a mais acusada. Diziam sobre ela que seu estilo não combinava com as outras garotas do *ponto*, pois ela costumava usar calças e blazer escuros e camisas masculinas, um estilo intitulado de *senhora*, inclusive, seu apelido era *velhinha*. Mais uma vez, nesses comentários estavam contidos elementos que demonstravam que a tal mulher não era uma *boa garota de programa*. Poderíamos pensar ainda que, ao destoar do estilo predominante, constituiria também uma ameaça para a definição do *ponto* e de sua prática de prostituição.

A maneira como elas se vestem informa tanto sobre sua corporalidade como sobre a concepção e a realização da prostituição. Em outras palavras, através da vestimenta de seus corpos elas se apresentam ao cliente e, ao mesmo tempo, indicam valores e concepções que constituem o universo estudado. Mas a comunicação desses significados sociais é realizada através dos corpos dessas mulheres, entendendo a roupa como parte da corporalidade, portanto também como componente da “performance” da prostituição.

Mas não são só a vestimenta e a maquiagem que constituem sua “performance”. Deve-se somar também a maneira como elas “ocupam” esses *pontos*. Mais especificamente, essa “ocupação” está indicando que o corpo além de ser “enfeitado” também precisa realizar práticas que estarão compondo a “postura” de ser uma *garota de programa*. Gaspar (1984) aponta para a importância desse conjunto de elementos que estão compondo as mulheres na prostituição, “são os adornos, os gestos e a postura que emitem símbolos corporais que de certa maneira antecipam os prazeres sexuais que a garota pode oferecer”⁷⁶ (Gaspar, 1984, p. 32).

informantes. Segundo a autora, a lycra é tão bem aceita por ter a capacidade de modelar o corpo.

⁷⁶ Gaspar (1984), ainda embasando seu argumento sobre os três elementos que são símbolos corporais alerta para a questão que eles não pertencem apenas às mulheres que realizam a prostituição, pois mesmo aquelas mulheres que não a realizam se assemelham, em alguns aspectos e de alguma forma, às mulheres que realizam a prostituição.

Essa “ocupação” do *ponto* pode ser entendida como a maneira que a garota movimenta seu corpo enquanto estiver na rua, justamente porque elas o recriam na ação da rua: expressões faciais, caminhar, colocações de mãos. A corporalidade tanto é produzida como é produtora da “ocupação” dos *pontos* de prostituição. Ou seja, através da maneira como as garotas se colocam corporalmente nos *pontos* é possível identificar algumas regras que encaminharão a forma como elas realizam a prostituição.

No processo de socialização são apreendidas normas e valores sociais, os quais são reelaborados e comunicados através dos corpos. Segundo Jardim (1995), “as experiências que um determinado grupo vivencia e os significados atribuídos à corporalidade formam um repertório muito complexo a explorar, um repertório que, produzido nos corpos e através dos corpos, pode ser lido como uma das falas privilegiadas da identidade de gênero”. (Jardim, 1995, pg. 193). Especificamente, há uma “socialização” do corpo no contexto específico de cada *ponto* de prostituição, em que uma “aprendizagem” é incorporada. Mas, segundo Cunha (1996), que estudou mulheres no contexto carcerário, o corpo é dotado de agenciamento sendo, ao mesmo tempo, objeto de controle e sujeito da experiência.

Apresentei anteriormente algumas particularidades da relação *garota de programa* e *cliente*. Ressaltei o quanto era recorrente nas falas das garotas uma valorização da sua escolha pela prostituição. Ao mesmo tempo, o *cliente*, um entre tantos outros, era entendido como aquele que as procura. Dessa forma, no âmbito da prostituição, os homens tornaram-se aqueles dos quais elas devem tirar o máximo de vantagens possíveis. Pois, segundo as informantes, nessa relação são elas que têm o comando; decidem se sairão ou não com ele, decidem se aceitarão ou não a sua proposta, decidem qual a prática sexual do programa, decidem quanto custará o programa, decidem se transgredirão ou não alguma regra,

decidem o local e, no programa, direcionam o ato sexual. Dessa forma elas costumam aproveitar essa sua situação de maior poder.

As práticas das garotas em relação aos *clientes* são constituídas e constituintes das regras específicas de ser uma *garota de programa*, da organização do *ponto* e do seu entendimento da prostituição. Na prática essa relação poderá ser realizada de outras formas e regras poderão ser transgredidas. No entanto, interessa pensar o quanto os corpos dessas mulheres estão especificando a relação, justamente porque foram investidos de ação, vestidos, maquiados, incorporaram-se como *garota de programa* no *ponto*, um local que significa o lugar de trabalho e o espaço onde se constituem as práticas da prostituição, que se revelam na corporalidade das garotas. Assim, impregnado de regras sociais, os corpos agenciam distinções entre a prostituição e a não prostituição e, também, distinções na “performance” dessas mulheres que realizam prostituição. Pois, tanto o corpo como o *ponto* são preparados para a realização da prostituição, em que o primeiro aparece como o sujeito da “performance”, cujo cenário é o *ponto*.

5.2. O CORPO EM RELAÇÕES

Neste item estarei investigando as maneiras que essas mulheres encontraram para distinguir as relações que mantêm com suas parcerias afetivas e comerciais. Como foi visto, de todas as regras elaboradas para a relação entre *garota de programa* e *cliente* o uso do preservativo masculino é a norma que todas enfatizaram como a mais respeitada. Entretanto, ainda é preciso alargar o entendimento sobre a lógica que organiza e especifica o universo estudado.

As *garotas de programa* ao falarem sobre o motivo de usarem preservativos masculinos com os *clientes* e não usarem com os não clientes, apontavam diferentes questões em que estava embasada essa prática, principalmente, perpassava a idéia de doença e saúde (higiene), de distinção de sentimentos (afeto e fidelidade com os não clientes, e desconfiança, nojo e medo com os *clientes*) e de demarcação entre a vida profissional e particular. Dessa forma, conduzo a análise, na busca da compreensão do significado do preservativo masculino na vida cotidiana dessas garotas.

5.2.1. O CORPO: HIGIENE - SAÚDE - DOENÇA

As garotas demonstram uma forte preocupação com a higienização do corpo. Contam que tentam convencer o *cliente* a se lavar antes de começar o programa, mas que dificilmente conseguem, pois eles alegam estarem limpos,⁷⁷ provavelmente para não perder tempo no programa. Todas esclarecem que depois do programa lavam-se com ducha, mas apenas as partes que entravam em contato na relação com o *cliente*.⁷⁸

Gaspar (1984) argumentou que suas informantes têm uma noção particular de higiene. Segundo a autora, o intuito delas é mostrar social e simbolicamente que ela não é uma pessoa suja. Assim, através de uma minuciosa limpeza corporal, elas buscam afastar de si a “sujeira” que lhes foi socialmente instituída. Ariento (1989) observou que, pelo fato das

⁷⁷ *Angélica relata que os clientes fedem muito. Falando alto e gesticulando muito, ela diz que é preciso lembrar que a maioria dos homens saíram de casa às 8h da manhã e passaram o dia “colocando o pinto para fora, mijando e guardando o pinto” (enquanto ela fala, demonstra com a mão o movimento de abrir uma calça, colocar o pênis para fora e depois colocá-lo novamente para dentro das calças). Com uma expressão de quem não gosta da situação, relata que, por vezes, quando ele tira a cueca, ela sente vontade de ir embora, pois por mais limpo que ele esteja, depois de um dia inteiro qualquer pessoa estaria fedorenta. (31 de maio 1999)*

⁷⁸ Em uma visita à Vila Mimosa observei que as mulheres quando iam realizar o programa levavam junto uma camisinha e um pedaço de papel higiênico. Uma delas explica que o papel higiênico é dividido em três pedaços: um pedaço para tirar o preservativo, outro pedaço para passar nela (por causa do óleo do preservativo) e o terceiro pedaço é para o cliente, pois alguns deles também gostam de se limpar.

prostitutas carregarem o estigma de comportamentos desviantes, as mulheres buscam desconstruir essa análise através de uma boa aparência física. Moraes (1995) demonstrou que as mulheres estudadas mantêm um grande cuidado com seu corpo. Assim, são freqüentes as idas ao ginecologista, uma cuidadosa higiene pessoal após os programas, exames, desinfecções, entre outros. Para a autora, essa prática demonstra que elas têm “um comportamento mais responsável do que o das outras mulheres. Para elas, está em jogo a sua vida, sua segurança e seu profissionalismo” (Moraes, 1995, p. 187).

Em Porto Alegre, as *prostitutas* me diziam que cuidar da higiene do corpo também era uma forma de cuidar da sua saúde. Era comum conversarem demoradamente sobre remédios tomados, consultas e exames feitos. Existia um esforço contínuo delas para “provarem” e justificarem os cuidados com a higienização e a saúde de seus corpos. Aponto para o fato de que a ligação que a maioria das mulheres estudadas tinha com uma ONG, de cujos objetivos um era preocupar-se com sua saúde, faz entender melhor o comportamento dessas mulheres.

Em São Paulo, também notei que as garotas comentavam sobre os cuidados higiênicos,⁷⁹ entretanto pouco as ouvi, espontaneamente, falarem sobre assuntos ligados à saúde (exames médicos, consultas). Era preciso motivá-las a falar. Essa diferença aponta para a importância de pensar nas noções particulares que cada grupo tem em relação à saúde e à doença. No contexto pesquisado, apesar das garotas não realizarem visitas contínuas a médicos, ainda assim preocupavam-se com seus corpos através de cuidados tanto com sua “montagem” para estar na rua como com sua higienização. Certamente essas são formas diferenciadas de cuidar da saúde.

⁷⁹ Sant’Anna (1995), em um texto sobre o cuidado e o embelezamento do corpo feminino, apontou que a higiene corporal também serve para manter os cônjuges ligados. Ou seja, a higiene também pode ser

Foi interessante observar que, durante toda a pesquisa, nenhuma vez vi ou ouvi falar sobre algum trabalho referente a doenças sexualmente transmissíveis (DST)/Aids na prostituição. No passado, uma organização não governamental realizava distribuição gratuita de preservativos masculinos. No entanto, esse trabalho foi suspenso. Na maioria das vezes, elas compram seus preservativos ou ganham nos hotéis que freqüentam. No começo das minhas “visitas”, quando elas ainda não me conheciam, diversas vezes fui abordada com queixas sobre a falta de preservativos masculinos. Nenhuma das minhas informantes freqüenta, como em Porto Alegre, alguma organização que trabalhe com prostituição. Inclusive, em São Paulo, atualmente poucas entidades realizam trabalhos específicos com prostituição feminina.

Entre as pesquisadas, apenas duas não tinham seguro de saúde. Todas afirmaram terem feito teste de HIV,⁸⁰ sendo que algumas delas não tinham ido buscar o resultado. Elas contavam que o maior cuidado que mantinham em relação à não contaminação de DST/Aids, era o uso de preservativos masculinos nas relações sexuais com os *clientes*. Dessa forma achavam, inclusive, que não precisavam realizar exames constantemente, pois faziam *sexo seguro* com seus *clientes*. Quando eu perguntava a respeito de DST, as respostas me pareciam vagas, imprecisas. Cíntia foi uma das poucas que chamou atenção para outras doenças além da Aids, como, por exemplo, herpes. Mas a preocupação com a higiene também estava ligada à busca de deslocar de si para o *cliente* a responsabilidade

entendida como “sinônimo de beleza e sedução” (Sant’Anna, 1995, p. 132).

⁸⁰ Na década de 80, a Aids esteve relacionada aos chamados “grupos de risco”: os homens homossexuais, as prostitutas e os usuários de drogas injetáveis. Assim, durante anos, as prostitutas receberam um direcionamento particular das entidades envolvidas em campanhas de prevenção da epidemia, em que o uso de preservativos masculinos passou a ser o único recurso para atenuar a possibilidade dos contágios que ocorreriam com seus *clientes*. Com o avançar do tempo concluiu-se que o vírus poderia atingir qualquer pessoa independente de seu grupo, vinculado mais ao seu comportamento. Atualmente usa-se a expressão “comportamento de risco” (Medeiros 1997). Minha experiência no campo da prostituição aponta para o fato de que a prevenção de DST/Aids tem sido aceita pelas prostitutas por motivos que vão além da preocupação

pela transmissão de doenças. Era recorrente, ao falarmos sobre prevenção de doenças, estar enfocado que o maior risco⁸¹ de contaminação estava com o *cliente*. Mesmo sabendo que seus relacionamentos afetivos estáveis também continham a possibilidade da contaminação, essas relações tinham valores diferenciados para as garotas. No caso das *garotas de programa* e dos *clientes*, essa relação acontece no trabalho da prostituição, então é necessário prevenir-se contra doenças, pois eles são homens desconhecidos,⁸² não fazem parte de sua vida particular. Já com as parcerias afetivas a prevenção perde a importância, afinal são pessoas com as quais se trocam sentimentos de afeto, vida em comum, confiança, fidelidade...

Dessa forma, considerando tanto o universo pesquisado como o que diz a bibliografia sobre a prostituição discutida neste trabalho, observa-se que, para as informantes, o risco da contaminação existe em ambos os relacionamentos. No entanto, a possível contaminação pelas parcerias afetivas é considerada legítima.⁸³ Knauth (1996), em seu estudo sobre mulheres heterossexuais, casadas e soropositivas na cidade de Porto Alegre, argumentou que, mesmo essas mulheres estando contaminadas pelo vírus HIV, permanecem entendendo a Aids como uma doença do "outro". Tendo sido contaminadas

com a saúde. Ver maiores detalhes em Pasini 1999.

⁸¹ Martin (1995) mostrou que a questão do risco da contaminação não está ligada a questões de ignorância ou de irresponsabilidade. Para a autora "há uma lógica por trás disso que faz com que, apesar do conhecimento do risco que elas corriam, elas preferiam arriscar" (Martin, 1995, p. 107). Campos (1998) também alerta para a questão que o entrelaçamento da relação afetivo sexual e Aids ocasiona problemas nos relacionamentos conjugais.

⁸² Guimarães (1994; 1996) observou em seus estudos que o preservativo é utilizado no relacionamento do casal até a mulher ter um "conhecimento" sobre o homem. Assim que o casal adquirir maior intimidade abandonará o preservativo como forma de prevenção contra DST/Aids e também gravidez.

⁸³ Essa literatura específica se dirige aos homens, companheiros de mulheres. Nesse estudo, é sabido que algumas dessas garotas estabelecem relacionamentos afetivos lésbicos. No entanto, apesar dessas relações apresentarem suas particularidades, a lógica que ordena o relacionamento tanto em relação à higiene, à saúde e na distinção entre *clientes* e não clientes permanece a mesma. Tanto as garotas lésbicas como as heterossexuais acham que correm riscos da contaminação de DST/Aids também nas relações sexuais com suas parcerias afetivas. Mesmo assim, não se previnem em nenhum dos casos. Como foi colocado, as lésbicas que mantêm relacionamentos afetivos designam-se mulheres casadas e, procuram, assim como as mulheres heterossexuais, estabelecer essa relação embasada em valores principalmente de afeto e fidelidade.

pela relação sexual com o seu parceiro estável, elas compreendem que a forma da contaminação foi legítima.⁸⁴ Segundo a autora, suas informantes “vêm a contaminação do parceiro como parte da própria natureza masculina, isto é, faz parte da natureza dos homens manter relações com outras mulheres, usar drogas e até mesmo experimentar algumas práticas homossexuais, especialmente no período de iniciação sexual e adolescência masculina” (Knauth, 1999, p. 125). Nessa concepção estaria o suposto de que a infidelidade faz parte da identidade masculina. Assim, a contaminação torna-se uma consequência natural da vida.

Martin (1995), que estudou mulheres que contraíram o vírus HIV por meio da relação sexual na cidade de Santos, São Paulo, demonstrou o quanto a categoria afetividade obscurece o risco da contaminação: “há uma incompatibilidade entre Aids e amor, do ponto de vista cultural” (Martin, 1995, p. 111). Para a autora, a lógica operada pela maioria das mulheres está na classificação da realidade, em que é mais importante correr o risco da contaminação do que um repensar a respeito dos valores dos relacionamentos.

Para melhor entender essa situação, é importante analisar valores sobre a relação conjugal vivenciada pelo casal⁸⁵. Nota-se, por exemplo, que o ideal de uma relação para minhas informantes está calcada na fidelidade e no cuidado da sua prole. Essas garotas, como já foi visto, mantêm relações fiéis e monogâmicas com suas parcerias, sendo esse o único relacionamento no qual não usam preservativos. Uma informante heterossexual, ao falar sobre por que não usa preservativo masculino com o companheiro, comenta que este poderia pensar que ela tem outro homem na rua, que não os *clientes*. Em relação aos casais lésbicos, elas afirmam que não fazem programas com outras mulheres justamente para não

⁸⁴ Martin (1995) também observou que suas informantes entendiam como natural a infidelidade masculina.

⁸⁵ Campos (1998) alertou para o fato que o entrelaçamento da relação afetivo-sexual e a Aids pode ocasionar

traírem suas “esposas”. Elas também sentem a necessidade de provar às esposas que são fiéis e que usam preservativos com os *clientes*. Entre as informantes, tanto as relações entre os casais homossexuais como as relações entre os casais heterossexuais elegem como principal valor conjugal a fidelidade. Como já afirmei, existem algumas diferenças nas relações homossexuais, principalmente ligadas ao sexo, no entanto, a estrutura permanece a mesma. As lésbicas continuam a eleger esses valores como estruturantes das relações e, assim, estabelecem relações (maritais) próximas àquelas das mulheres heterossexuais.

Ao mesmo tempo, todas as garotas pesquisadas falavam da obrigatoriedade do uso de preservativos ao realizarem o programa e davam diversas indicações quanto ao seu uso com os *clientes*. Presenciei inúmeras discussões sobre a melhor marca, o melhor jeito de colocar e sobre a eficácia dos preservativos como método para evitar transmissão de DST/Aids. Elas falam de uma época anterior em que não usavam preservativos e que, hoje, preferem perder *clientes* a abrir mão do preservativo. Eu mesma presenciei cenas em que elas retornavam aos seus *pontos* após negociações mal sucedidas com os seus possíveis *clientes*, explicando que eles não queriam usar o preservativo.⁸⁶ Acredito que o mau humor depois de um programa não fechado pelo fato do *cliente* não querer usar preservativo, a busca intensa por preservativos gratuitos, as conversas referentes aos preservativos estourados são boas indicações da importância que as mulheres pesquisadas atribuem ao uso do preservativo masculino nas relações sexuais com os *clientes*.

É importante ressaltar que o uso do preservativo masculino com os *clientes* é obrigatório nas relações sexuais, mas em práticas como a *punheta* e a *chupeta* ou *boquete*

diversos problemas nos relacionamentos conjugais.

⁸⁶ É evidente que podem existir prostitutas que realizam programas sem o uso de preservativos. Neste caso, os motivos mencionados são o baixo movimento e o aumento de valor por um programa sem o uso do preservativo. Moraes (1995) afirma que as prostitutas sabem da importância do uso de preservativos, mas que algumas o realizam sem a proteção, principalmente por problemas financeiros.

ele poderá ser negociado. As garotas relatam que os *clientes* reclamam muito quando elas desejam usar preservativo também nessas práticas. Segundo as informantes, o argumento deles é que perdem o tesão. Apesar de muita discordância, algumas declaram que usam, e outras, que não usam. Constatei que é mais comum elas usarem preservativos na *chupeta* ou *boquete* do que na *punheta*. A lógica para dispensar a utilização de preservativos masculinos nessas práticas é a mesma: elas acham que nesse tipo de prática não existe perigo da transmissão de alguma doença. Também o fato que é uma atividade rápida, pouco trabalhosa, realizada em qualquer rua escura (de preferência perto do *ponto*) e que durará, em média, cinco minutos, custando em torno de 20 reais, faz com que as garotas achem esse negócio lucrativo e, dessa forma, dizem não fazer sentido discutir a utilização do preservativo.

Apesar do argumento de elas não se sentirem ameaçadas de contrair doenças, acredito que a questão merece mais análise. Uma conversa entre duas *garotas de programa*, Angélica lésbica e Carla heterossexual, sobre o assunto:

Angélica diz que alguns clientes no meio do programa falam “deixa só colocar um pouquinho, a pontinha” (do pênis sem preservativo na vagina da garota). Ela diz que é grossa e grita que vai embora, daí eles desistem. Carla diz que ela faz punheta sem preservativo. Angélica fala que ontem não me explicou direito o que queria dizer, mas, algumas vezes, quando o cliente não está gozando é preciso tirar “a camisinha e bater uma punheta sem o preservativo”. Ela continua “não que costume fazer isso, a princípio uso camisinha também nas punhetas, odeio aquele cheiro”. Pergunto se na hora de boquetes elas usam ou não usam preservativos. Angélica responde que sempre quer usar porque tem nojo, mesmo que o cliente não vá gozar diretamente em sua boca, ela ressalta que “sempre sai um líquido antes da ejaculação”. Carla diz que chupa sem preservativo, mas que também não gosta, “a gente pega cada fedorento”. (30 de maio 1999)

Nessa discussão, as lésbicas são as que mais problemas dizem ter em relação aos *clientes*, pois sentem muito nojo de realizarem essas práticas, principalmente sem o uso do preservativo masculino. Não que as heterossexuais não falem sobre isso, no entanto, esse argumento é mais comum nas falas das lésbicas. Assim, todas elas declaram sentir nojo em ter o gozo do homem em suas mãos ou em sua boca. Segundo elas, é constante a negociação sobre a utilização do preservativo nessas práticas. Entretanto, se, por exemplo, elas tiverem poucos preservativos consigo, não irão gastá-los nessas atividades. Mesmo que o discurso seja colocado a favor do uso indeterminado do preservativo (nessas práticas ainda mais reforçado pelo nojo que sentem por estarem próximas ao gozo masculino), a maioria delas não usa o preservativo nessas práticas. O argumento é que, como algumas garotas não utilizam o preservativo, as outras, para manterem seus *clientes*, também precisam dispensá-lo. Nesse discurso está contida, mais uma vez, a acusação de que são as outras garotas as realizadoras ou causadoras dos “erros” cometidos na prostituição.

As garotas que estudei demonstram certas atitudes específicas ao seu grupo de trabalho, particularmente em relação ao conhecimento do valor do preservativo. Nesse contexto, o preservativo masculino virou um símbolo central da saúde da mulher, esperança de proteção contra as diversas doenças que acompanham a atividade profissional (especificamente nas relações sexuais como foi visto), principalmente a Aids, que nos últimos anos teve maior destaque.⁸⁷ Ao mesmo, como será visto no decorrer do texto, a importância do preservativo masculino é reforçado, ainda, por outros entendimentos, os quais irão fortalecer a justificativa de seu uso na vida profissional.

⁸⁷ Dados do Ministério da Saúde (1996) mostram que em 1985 a relação de números de casos de homem/mulher era de 28:1. Em 1996 essa relação reduziu-se para 3:1 (Ministério da Saúde 96/97).

5.2.2. O CORPO COMUNICANDO DIFERENÇAS ENTRE RELAÇÕES AFETIVAS E RELAÇÕES COMERCIAIS

O uso ou não do preservativo masculino ainda é mais complexo. Apresentarei a história de Solange, em cujo depoimento estão contidas experiências vivenciadas e compartilhadas pelas *garotas de programa* que conheci na região da Rua Augusta. Essa história é interessante contar porque, ao falar sobre alguns aspectos de sua vida, Solange remete às relações afetivas, às profissionais, ao uso ou não do preservativo. Essas relações atravessam a história de Solange, sua pessoa e seu corpo, sua corporalidade.

Solange foi casada e teve dois filhos. Seu casamento durou oito anos e hoje ela está separada legalmente. Depois da separação teve um namorado que era casado. Solange me disse que nem com o marido nem com o namorado usou preservativos. O relacionamento posterior não teria sido importante e eles poucas vezes tiveram relações sexuais. Ela não estava apaixonada, mas gostava de passear com ele. Nessas poucas relações sexuais, ela não se lembra se usou ou não preservativos. O quarto relacionamento de Solange foi com um homem que ela denomina como “traste”. Solange conta que estavam muito apaixonados um pelo outro e que, passados alguns meses, ela engravidou. Ela quis abortar, ele não. Com esse impasse ele ficou mais ciumento e violento. Ela abortou usando Citotek. Logo depois eles se separaram.

Foi nessa época que Solange ficou desempregada, pois o parceiro fizera intrigas (que ela não me revelou) em seus dois empregos. Em uma fila, em busca de emprego, Solange teria conhecido uma mulher que indicou a ela a Rua Augusta. Em poucos dias, Solange começou a fazer programas.

Foi na rua, depois de um certo tempo na prostituição, que Solange conheceu seu último namorado. Ele era um *cliente*. Eles começaram a sair cotidianamente e ela tinha um comportamento diferenciado com ele, inclusive parou de cobrar pelo programa. Solange é quem chama atenção para o uso do preservativo, *sempre usei camisinha com ele. A gente ia indo, eu pedia, ele aceitava. Ele era muito mulherengo e eu era uma garota de programa* (18 de maio 1999).

O depoimento de Solange é instigante. No primeiro e no segundo relacionamento ela afirma que nem pensava em usar preservativos. No terceiro relacionamento diz ter mantido poucas relações sexuais, pois não era apaixonada por ele, nem lembra se usava preservativos. No quarto relacionamento, ela engravidou. Depois desse relacionamento, Solange “entrou” na prostituição. Seu último relacionamento afetivo foi com um homem que era seu *cliente*. Solange diz que com ele sempre usou preservativos.

Em todos os relacionamentos afetivos de Solange, o preservativo masculino não teve importância. Apenas no último relacionamento ele aparece com valor. É preciso contextualizar a relação. Ele era seu *cliente* e, segundo ela, era promíscuo. Ela, na época, já era uma *garota de programa*, e ele sabia disso. A princípio, pensei que eles tinham estabelecido outro tipo de relação, com a qual ainda não tinha me deparado no campo de pesquisa. No entanto, em outras conversas, Solange retomou o assunto quando afirmou saber que esse parceiro não sentia afeto por ela. Essa certeza vinha do fato dele aceitar usar preservativos nas relações sexuais. Para ela, o fato deles sempre usarem preservativos era uma “prova” de que, na verdade, nunca mantiveram uma relação afetiva. O relacionamento não durou mais do que dois meses. Esse homem desapareceu, tanto da vida profissional como da vida particular de Solange.

A história de Solange, assim como de outras garotas, demonstra que o argumento para não usar preservativos com os relacionamentos afetivos é que a relação se constitui por sentimentos, principalmente de afeto e de fidelidade. Também porque, como *garota de programa*, precisam provar, mais do que as mulheres que não estão na prostituição, o quanto são fiéis com suas parcerias afetivas. Assim, não usando preservativos, elas manifestam uma diferença de sentimentos, em que formam uma hierarquia dos seus afetos (entre os *clientes* e os não clientes) e, ainda, estabelecem uma prova da sua fidelidade.

É preciso lembrar o quanto o assunto “usar preservativos masculinos” tem feito parte dos diferentes meios de comunicação através de infindáveis campanhas tanto de organizações governamentais quanto de organizações não governamentais. Nessas campanhas, o preservativo masculino foi escolhido como o principal aliado contra DST/Aids.

No entanto, nesse contexto específico, como já foi observado, aponto para o fato de que o uso do preservativo masculino não representa apenas uma forma de se proteger da contaminação de doenças (apesar de ser entendido e usado também com esse fim). O valor do preservativo é reforçado porque ele se constituiu como um divisor simbólico entre as diferentes relações sociais – afetivas e comerciais. Mas, apesar de menos explicitada, essas garotas elaboraram, em conjunto com o preservativo, outras maneiras de diferenciar essas relações. As tais regras de uma *boa garota de programa* são as direcionadoras das práticas sexuais (e sociais) tanto com os *clientes* como com os não clientes. Em outras palavras, algumas carícias, principalmente encostar nos seios e beijar na boca e o sexo anal também constituem esse conjunto de elementos, os quais estão embasando práticas sociais e sexuais do cotidiano dessas mulheres.

Para as *garotas de programa* é preciso resguardar algumas partes do corpo, sem permitir o contato com os *clientes*. No universo pesquisado, a boca, os seios e o ânus dificilmente serão tocados pelos *clientes*. Como já foi colocado, esse tipo de postura é uma reserva que as garotas estabelecem, mais uma vez com o intuito de realizarem diferenças, através do corpo, entre as parcerias que estabelecem na prostituição e fora da prostituição.

Mas, apesar desse discurso (de práticas não realizáveis na relação *garota de programa e cliente*) ser comum nas falas das mulheres que estudei, é necessário dar conta da heterogeneidade que o próprio campo constrói. Algumas garotas contam que, dependendo do *cliente* e de como elas estão no dia, até poderão beijá-los na boca, deixá-los passar a mão em seus seios e, inclusive, gozar⁸⁸ em uma relação sexual com o cliente.

Constatei que as informantes que não têm um relacionamento fixo são aquelas que comentam sobre a possibilidade de “transgredirem”, em algum momento, as regras constituídas no *ponto*. Ou seja, costumam *boiar*,⁸⁹ ficar mais tempo com seus *clientes* ou cobrar menos pelo programa. Na ausência de uma relação fixa, tornam-se desnecessárias as práticas para separar a vida na prostituição e fora da prostituição. Ou seja, se a garota não precisa marcar uma diferença nessas relações, então não precisa também estabelecer essa diferença entre as práticas com os *clientes* e com os não clientes. A princípio, a questão parece contraditória, no entanto focaliza a lógica específica e a heterogeneidade do universo estudado.

Mas, segundo as *garotas de programa* lésbicas e heterossexuais, existe uma diferença entre estar com um *cliente* e estar com um não cliente.⁹⁰ Era recorrente em suas

⁸⁸ Como foi visto, o tema “gozar” é constante nas conversas das garotas. O principal argumento para não gozar com os *clientes* é que essa seria uma prova (regra) da sua profissionalidade.

⁸⁹ *Boiar*: termo êmico que significa realizar um programa e não cobrar. Na maioria das vezes quando acontece é porque as garotas acharam o homem atraente e pretendem manter mais contatos com ele.

⁹⁰ Era comum as garotas afirmarem que usavam uma “máscara” quando na prostituição, ou que ficavam

falas a importância da separação entre sua vida na prostituição e sua vida no âmbito da casa, da família, dos relacionamentos não comerciais. Uma das demonstrações dessa diferença ficava explícita quando elas reclamavam (ou se orgulhavam?) por ficarem *secas* durante as relações sexuais com os *clientes*.

A princípio parece mais fácil compreender essa questão ao pensar nas relações entre as lésbicas e os *clientes*, afinal, dizem, elas não gostam de homens. Angélica relata: *sinto dores na relação por não sentir prazer, não tenho nenhuma lubrificação, fui no médico para ver o que fazer, só que não tem jeito nenhum*. No entanto, a questão sobre gozar nas relações sexuais com os *clientes* não está expressando apenas questões de preferências sexuais, também estabelece critérios a respeito de uma “boa” profissional do sexo. Dessa forma, todas elas procuram provar que não gozam nessas relações. Um elemento importante para não gozar nas relações sexuais com os *clientes* é o fato delas manterem algum relacionamento afetivo, pois afirmam que, quando estão sozinhas, fica mais difícil controlar o corpo.

No entanto, diversas vezes ouvi uma garota acusar a *colega* de gozar durante as relações sexuais com os *clientes*. Poderia aventar-se a hipótese de que o gozo não é permitido nas relações comerciais exatamente para distinguir o *cliente* do não cliente e, também, para separar as relações afetivas das relações profissionais. Valeska, por exemplo, declara: *fico seca com os clientes, mas preciso agradá-los para eles retornarem*.

diferentes quando estavam no contexto da prostituição. Valentina falou sobre o assunto: *“Tenho duas personalidades. Mudo quando vejo um broto, um homem lindo, mas é só isso, só uma pessoa. Mas fora daqui (local da prostituição), eu olho um lindo e já tô querendo. Só de olhar fico acesa, eu mudo da água para o vento”. Ela diz que quando não está se prostituindo “sente um fogo, coisa de pele”. No entanto, quando está com um cliente não importa onde o homem coloca a mão, pois ela permanece fria. Ela fala “só vibro quando é um broto meu”. Com os clientes é “só por dinheiro, virou a costas, porra, eu nem lembro dele”*. Em outra noite, Valeska afirmou que não era namorada e diz: *“Eu sei dividir. Aqui é só programa. Eu vejo o cara, mas não vale nada. Nunca fiquei apaixonada por nenhum”*.

Entretanto, *ficar seca* durante uma relação sexual provoca muitos problemas, não apenas de ordem física, mas também por questões profissionais, pois os *clientes* não gostam de perceber que elas estão *secas*, uma prova de que a mulher não estaria excitada. Elas contam que, na maioria das vezes, usam produtos especiais ou a própria saliva, escondido dele, para ficarem mais molhadas. Outro elemento interessante é que a maioria dos *clientes* não gostou de saber que algumas dessas garotas eram lésbicas, pois esse poderia ser mais um motivo para que elas não gozassem nas relações sexuais com eles. Para o *cliente*, elas precisam mostrar que estão excitadas não apenas através da linguagem verbal, algumas vezes é preciso provar biologicamente (ficar molhada) que estão gostando da relação, pois em nossa sociedade gozar é uma das provas do prazer sexual. Algumas *garotas de programa* dizem que procuram pensar no que farão com o dinheiro que ganharão para ficarem excitadas e sentirem menos dor durante as relações. Lúcia, por exemplo, declara: *meu tesão aumenta conforme as notinhas que vou ganhar*.

Dentro ainda desse jogo, as garotas precisam, ao mesmo tempo, provar que ficam excitadas quando se relacionam sexualmente com os *clientes*, mas não devem gozar nessas relações. Tendo em vista que esse gozo significaria uma prova de sentimentos e, dessa forma, além de ser um indicativo de que ela não é uma profissional competente, colocaria em dúvida seus sentimentos para com suas parcerias afetivas. Assim a fidelidade não se definiria em função do contato físico, mas, sim, pelo gozo, o que, no contexto da rua, é entendido como um sinal evidente de envolvimento afetivo.

Elas também apontam a necessidade da comprovação de serem companheiras fiéis. Mas na prática essa comprovação se traduz, principalmente, no uso de preservativos masculinos com os *clientes* e no não uso do mesmo preservativo com as parcerias afetivas. Josiane, uma prostituta lésbica, por exemplo, diz que é fiel à sua mulher e que por isso, com

ela, não precisa se preocupar em usar preservativo masculino: *fora da rua, não uso porque só transo com minha mulher*. Nesse exemplo, parece estar estabelecido um acordo (que pode não ser mútuo). O importante é perceber que para Josiane a fidelidade é tanto uma prática sua como de sua companheira. No entanto, insisto, o não uso de preservativos nas relações sexuais com as parcerias afetivas não quer dizer que se acredita na fidelidade do(a) parceiro(a), mas, antes, que a relação é tão intensa que se aceita correr o risco. O relevante está no fato de que são as *garotas de programa*, heterossexuais e lésbicas, que reforçam constantemente sua fidelidade em relação às parcerias afetivas.

Apesar dessas distinções entre as relações com os *clientes* e os não clientes, era comum ouvir histórias sobre *clientes* que se tornaram não clientes. Solange, uma heterossexual, por exemplo, enquanto contava sobre um dos seus relacionamentos, explicou como é realizada essa passagem. Apesar das lésbicas ressaltarem que isso jamais aconteceria com elas, era comum nos discursos de suas “esposas” expressar um medo constante que essa passagem também acontecesse. Retornando à explicação de Solange, ela relata que, muitas vezes, o *cliente* é mais atencioso com elas do que os homens fora da atividade da prostituição, pois eles procuram saber se ela gozou, se a relação sexual foi boa para ela.⁹¹ De uma certa forma, esse *carinho* (de alguns, é claro) em algumas ocasiões pode vir a conquistá-las. Certamente os motivos que levam uma pessoa a apaixonar-se por outra ou os motivos que levam duas pessoas a ficarem juntas são os mais diversos possíveis e não é essa questão que importa nesta análise. Interessa compreender que também será o corpo da *garota de programa* que indicará essa passagem. Ou seja, através de práticas corporais a garota indicará que a passagem está sendo realizada: ela ficará mais tempo no programa,

⁹¹ Provavelmente nessa investigação do *cliente* estão colocadas questões sobre a sua sexualidade, o seu desejo e também a sua masculinidade.

começará a realizar práticas sexuais que não realiza com os *clientes* e, finalmente, deixará de cobrar pelo programa. Assim, rapidamente ele também deixará de frequentar o espaço da rua.

Dessa forma, para algumas garotas e, em alguns momentos, essa distinção adquire outros significados. Além de um momento prazeroso, a relação com o *cliente* também pode ser a busca de uma mudança no tipo da relação. A possibilidade (e investimento) desse deslocamento do *cliente* para um não cliente, aliás, não é raro na vida das garotas. Algumas mulheres, no entanto, são mal vistas por suas *colegas*, principalmente quando continuam atendendo o homem na rua como se fosse um não cliente. Afinal, proporcionariam prazeres a mais para o *cliente* pelo mesmo preço. Mas o problema não está na transformação de “categorias”, mas sim, na execução de práticas não admitidas nas “performance” de uma garota que realiza prostituição.

Essa questão me faz pensar no quanto essa acusação está investida de diferentes significados. Além da acusação de não ser uma boa *garota de programa* por gozar em uma relação sexual com o *cliente*, essa acusação também indica que essa garota não é uma “boa” mulher, pois não teve capacidade de relacionar-se afetivamente com uma pessoa fora da prostituição e, assim, utiliza-se da profissão para obter seus prazeres particulares.

Desse modo, as garotas vivem constantemente um “organizar” entre suas relações com os *clientes* e com os não clientes. É sinalas terem elaborado algumas regras para diferenciar corporalmente esses relacionamentos, aparecendo o preservativo masculino como o principal divisor simbólico. Mas elas ainda precisam provar através de outras práticas o limite dessas relações afetivas ou comerciais. Além de uma postura de evitação, em que algumas partes do corpo não são encostadas pelos *clientes*, elas também elegeram o fato de não gozarem e de permanecerem *secas* nessas relações sexuais. Mesmo que algumas

vezes algumas dessas regras sejam transgredidas, o motivo para a transgressão estará relacionado à desnecessidade dessa separação. No entanto, a lógica da questão permanece a mesma, a necessidade do corpo comunicar diferenças entre relações afetivas e relações comerciais.

5.2.3 O CORPO DELIMITANDO A VIDA PARTICULAR E A VIDA PROFISSIONAL

Quando as *garotas de programa* separam o tipo de prática sexual também estão separando o tipo de relação que estabelecem com os *clientes* e os não clientes. Em outras palavras, o preservativo masculino é utilizado (em conjunto com os elementos também analisados, mas esses com menos valor) como um divisor simbólico de suas vidas: a pessoal e a profissional, em que o não cliente seria o representante do primeiro, e o *cliente*, do segundo mundo. Esse divisor simbólico é pertinente na organização social e também para a compreensão da vida cotidiana dessas garotas, pois, para estabelecer essa diferença entre suas relações, a garota elabora, no cotidiano, regras para compor suas práticas corporais, as quais também se tornam regras de vivência tanto na prostituição como fora da prostituição.

Day (1994), depois de pesquisar trabalhadoras sexuais (“*sex workers*”), observou que havia diferentes opiniões a respeito do estupro, que apontavam para distinções entre as atividades sexuais: sexo associado ao trabalho e sexo associado aos relacionamentos particulares. Os elementos que marcam essa diferença, chamadas “barreiras físicas” entre a *garota de programa* e o *cliente*, são: o trabalho sexual sempre tem um preço, é restrito a um lugar de trabalho; usam-se preservativos, lubrificantes, espermicidas. Mas a principal diferença é que essas mulheres não fazem qualquer tipo de sexo com os *clientes*. Segundo

Day, (1994) “the body often has its ‘private’ and ‘public’ parts so that the mouth, for example, comes to be aligned with an upper and private part of the body that is kept out of the work process as far as possible” (Day, 1994, p. 174).

Mckeganey e Barnard (1996) que pesquisaram prostitutas e clientes em Glasgow (Escócia), também apontam que as mulheres buscam, apesar da dificuldade por ser o mesmo corpo, uma distinção entre a vida privada e seu trabalho na prostituição através do uso de preservativos nas relações sexuais com os clientes.

Pirani (1997), que trabalhou com a prostituição de travestis na cidade de Paris, mostra que naquele contexto as diferentes práticas levam à divisão entre a vida pública e a vida privada. Pirani constata:

Puisqu'ils ne font que certaines pratiques sexuelles avec les clients et d'autres avec leur(s) petit(s) ami(es), cette différence marque l'écart entre la sexualité publique et la sexualité privée donc, l'espace public et l'espace privé et la différenciation de pratiques et d'habitudes sexuelles entre les deux sortes de partenaires sexuels semble jouer un rôle important pour l'équilibre émotionnel des travestis. De cette manière ils parviennent à séparer les espaces sociaux, les relations privées de la vie publique. Cet aspect de la vie sexuelle des travestis est très bien résumée par Leila, travesti beur: ‘ce qui était à vendre c'était mon corps mais pas ma tête, tu vois?’ En effet, on peut penser qu'il existe certaines zones du corps prostitué qui sont à vendre et d'autres parties qui ne sont pas vendables (ou du moins très difficilement). (Pirani, 1997, p. 226)

Para a autora, são as práticas sexuais que separam os relacionamentos entre os *clientes* e os namorados. Naquele contexto, o beijo na boca como qualquer outra atitude corporal que possa demonstrar um sentimento mais íntimo é abstraído da relação da prostituição.

Balazs (1994), em um estudo sobre a prostituição na Noruega, aponta que as prostitutas usavam regras para proteger sua integridade física e psíquica. As principais

regras são: separar (*déconnecter*) o corpo dos sentimentos, proibir os *clientes* de acariciá-las e beijá-las, pensar no tempo como dinheiro e, por último, mudar seus nomes, suas vestimentas e sua maquiagem. Segundo a autora, essas proteções são necessárias porque “La prostitution affecte durablement la vie privée, change très profondément la relation au corps, à la sexualité et à toute la vie émotionnelle”. (Balazs, 1994, p. 24)

Bourdieu, com outra perspectiva, argumenta que o corpo pode ser dividido por oposições culturais. Nessa divisão, principalmente o corpo feminino teria um limite simbólico colocado na cintura que, tanto é um fechamento desse corpo como uma barreira entre a pessoa pública e a pessoa íntima (vagina). Para o autor a vagina seria um tabu, fetiche, segredo, no corpo feminino. Dessa forma, nas situações em que a vagina estaria enfocada como, por exemplo, em consultas ginecológicas ou na prostituição, ela poderia estar dissociada da pessoa a qual se reduziria em uma condição de “coisa”.

Para Bourdieu, justamente pela vagina ser sagrada é que a prostituição permanece sendo estigmatizada, pois nessa atividade a mulher “venderia” essa parte do seu corpo. Nesse argumento soma-se a mercantilização, outro elemento na objetificação do corpo feminino.

No meu universo de pesquisa, como demonstrado, as *garotas de programa* usam da corporalidade para dividir suas relações sociais entre os *clientes* e os não clientes. É importante considerar nessa análise que, algumas delas estabelecem relacionamentos afetivos, na maioria das vezes contínuos e sempre monogâmicos. Para manter essas relações é necessário, ainda mais por estarem na prostituição, conforme foi apresentado, provar constantemente fidelidade aos não clientes. Assim, as garotas, na sua vivência cotidiana, reelaboram suas práticas e, na medida do possível, distinguem suas ações com

seus sentimentos (essas separações, na vida cotidiana, podem não ser tão esquematizadas quanto nos seus discursos). Pensemos sobre essas relações.

Ambas as relações, com o *cliente* e com o não cliente, são “privadas”. No entanto, apenas as relações com os não clientes são íntimas. Através dos seus corpos, elas vivenciam essas marcas de distinções. As *garotas de programa* criaram *fronteiras de intimidade*, em que separam (jogam, organizam, distribuem) as posições (entendimentos) que esses relacionamentos ocupam em suas vidas. As fronteiras de intimidade possibilitam que elas organizam tanto o cotidiano na prostituição como o cotidiano fora da prostituição, pois elas servem para estabelecer distinções entre as relações.

É o corpo que faz o elo das relações. Será através dele e do que a garota faz com ele que essas diferenças serão vivenciadas e “comunicadas” socialmente. No comportamento dos corpos das garotas estão inscritas percepções de saúde, de doença, de sentimentos e, principalmente, da diferenciação que elas estabelecem entre os *clientes* e os não clientes. Através de atitudes corporais a garota está elaborando significados sociais, expressos e compartilhados na formulação de suas vidas cotidianas.

Várias vezes, as *garotas de programa* justificavam que essa diferença entre seus relacionamentos, vida na prostituição e na vida fora da prostituição acontecia porque o corpo que estava com o *cliente* não expressava afetos. Como foi visto, as garotas destacavam que quando estavam sem namorado ficava mais difícil controlar seu gozo durante as relações sexuais com os homens nas ruas de prostituição. O interessante é compreender que esse gozo, caso ocorresse, seria apenas uma sensação física. A tentativa era ressaltar que na relação com os *clientes* não havia sentimentos, ou, mais especificamente, afetos. Desta forma, revelam uma concepção do corpo como mercadoria. Essa diferença estaria embasada, fundamentalmente, entre um corpo com uma sexualidade

mercadoria e um corpo com uma sexualidade não mercadoria. Balazs (1994), por exemplo, observou, em sua pesquisa com prostitutas norueguesas, que para elas a prostituição só era possível de ser realizada justamente por entenderem seus corpos como um capital.

Aqui, valeria a pena lembrar o que diz Bourdieu (1997) sobre o espírito do cálculo ao explicar a constituição da economia nas sociedades européias escreveu. Para este autor o campo econômico marcou um espaço em que “os agentes sociais podem confessar a si próprios e confessar publicamente que eles têm interesses e desprender-se do desconhecimento coletivamente mantido, no qual podem não apenas fazer negócios, mas confessar que lá estão para fazê-los, isto é, para se comportar de maneira interessada, calcular, obter lucro, acumular, explorar” (Bourdieu, 1997, p. 174). Certamente que o entendimento do corpo (na prostituição) enquanto uma mercadoria facilita essa troca. Assim, tanto homens como mulheres poderão direcionar essa relação enquanto uma relação de negócios, em que se busca, a princípio, sexo e dinheiro.

Bourdieu também ajuda a refletir sobre essa troca quando refere-se ao modelo das relações econômicas, pois para entender essa problemática ele esclarece a diferença entre a lógica das trocas sexuais. Para este autor, as trocas sexuais podem ser entendidas de duas maneiras: as trocas sexuais domésticas sem preço - e a lógica das trocas sexuais mercantis - com preço e trocas monetárias.

As mulheres domésticas, que não têm utilidade material nem preço (tabu do cálculo e do crédito), são excluídas da circulação mercantil (exclusivamente) e objetos e sujeitos de sentimento; por oposição, as mulheres ditas venais (as prostitutas) têm um preço de mercado explícito, fundado na moeda e no cálculo, não sendo nem objetos nem sujeitos de sentimento, vendem seu corpo como objeto. (Bourdieu, 1997, p. 175)

Dessa forma, segundo o argumento de Bourdieu, os corpos das mulheres que realizam prostituição estariam colocados enquanto objetos no mercado sexual. Essas mulheres seriam, portanto, diferentes daquelas localizadas no espaço doméstico. A principal diferença é que as primeiras não se constituíam a partir de sentimentos e as segundas, ao contrário, teriam esse como seu principal elemento. Afinal, o oposto do que esta dissertação pretendeu demonstrar.

Além disso, se na prática da prostituição as garotas buscam objetificar partes de seus corpos, entendo que essa questão é muito mais complexa do que a leitura de Bourdieu. Como foi observado, as garotas pesquisadas não se entendem e não se colocam enquanto objetos. Apesar de estarem na rua e, a princípio dispostas a realizarem sexo em troca de dinheiro, mostram que também são mulheres dotadas de vontades e escolhas. Ao mesmo tempo, bem foi visto, que elas não deixam de situar os *clientes* também nessa lógica, ou seja, homens dispostos a realizarem sexo em troca de dinheiro. Assim, esse determinado contexto simbólico estariam marcados pela mesma lógica. Mais uma vez está colocado o jogo das relações de gênero e de poder características do universo⁹².

Além de revelarem uma divisão entre essas vivências, as garotas também demonstram que o corpo e o sexo não são unidades. Assim, ao mesmo tempo, agenciam a possibilidade de terem relações distintas, com um corpo-afeto e com um corpo-mercadoria. Nesse trânsito, o corpo torna-se um terreno de interpretação e de inscrição social. Um relato de Valeska para pensar na questão:

“É só saber separar, aqui é o meu trabalho. Eu respeito o meu namorado; quando namoro não tenho outro, por que trair o cara? Tem que ter confiança, o que não quero que ele faça para mim

⁹²Scott (1995) concebe o sistema de gênero e sexo como relações de poderes, em que os contextos simbólicos estariam envolvidos por conflitos e transformações sociais, culturais, políticas, econômicas.

eu não faço para ele”. Eu falo que nunca imaginei ouvir isso dela. Ela sorrindo discretamente diz “Eu sou até patética. Quando eu gosto, me entrego de corpo e alma”. (1º de junho 1999)

Era recorrente, de diferentes formas, elas afirmarem que com os *clientes* faziam sexo e com os(as) companheiros(as) faziam *amor*. O corpo que está na prostituição é um corpo que deve comunicar, através das práticas aqui colocadas, uma relação calcada no corpo mercadoria que constituem “performances” corporais de uma *garota de programa*. Mas nas relações afetivas esse mesmo corpo realizará práticas que expressarão afetos. Nesse contexto é permitido (e necessário) in-corporar práticas íntimas de relações privadas, as ações sobre esse corpo deverão comunicar sentimentos de afeto, de fidelidade e intimidade, valores que compõem suas relações afetivas. Uma conversa entre algumas garotas revela essa concepção: uma delas afirmava não se importar com o que acontecia na prostituição, pois ali só o seu corpo estava presente, *o coração* pertencia à companheira. Aqui, mais uma vez, alma e corpo fazem a distinção entre as relações comerciais e as relações afetivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Miguel V. de.** *Corpo Presente: Antropologia do corpo e da incorporação* In: ALMEIDA, Miguel V. de (org.). *Corpo Presente: Treze Reflexões Antropológicas sobre o Corpo*. Oeiras, Celta, 1996.
- ANDRADE, Leandro F.** *Uma relação diferente entre homens e mulheres na prostituição feminina*. In: ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra; MEDRADO, Benedito (org). *Homens e Masculinidades*. São Paulo, Ed. 34, 1998.
- APPADURAI, Arjun.** *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge University Press, 1986.
- ARIENTE, Marisa A.** *O Cotidiano da Prostituta em São Paulo: estigma e contradição*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Pontifícia Católica de São Paulo, 1989.
- BACELAR, Jeferson A.** *A Família da Prostituta*. São Paulo, Ática, 1982.
- BALAZS, Gabrielle.** *Backstreets: Le marché de la prostitution*. In: *Actes de La Recherche en Sciences Sociales*, nº 104, set. 1994.
- BANDEIRA, Lourdes.** *Relações de Gênero, Corpo e Sexualidade*. In: *Saúde Sexual e Reprodutiva no Brasil: dilemas e desafios*. São Paulo, Hucitec / Population Council, 1999.
- BARNES, J. A.** *Redes Sociais e Processo Político*. In: BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Métodos*. São Paulo, Global Universitária, 1987.
- BENEDETTI, Marcos R.** *Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.
- BONETTI, Alinne de L.** *Maridos e Clientes de Prostitutas: quem traz o verdadeiro perigo de Aids*. mimeogr., UFRGS, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina.* In: Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

_____. *Novas Reflexões sobre a Dominação Masculina.* In: LOPES, M. J. (org.) Gênero e Saúde, Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

_____. *Razões práticas – sobre a teoria da ação.* São Paulo, Papirus, 1997.

_____. *A Dominação Masculina Revisitada.* In: LINS, Daniel (org.), Papirus, 1998.

_____. *A Dominação Masculina.* Rio de Janeiro, BCD - Bertrand Brasil - União de Editoras S.A., 1999.

BORDO, Susan R. *O Corpo e a Reprodução da Feminilidade: Uma apropriação feminista de Foucault.* In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan (org.). Gênero, Corpo, Conhecimento. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1997.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble Feminism and the Subversion of Identity.* London, Routledge, 1990.

_____. *Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo.* In: Cadernos Pagu, nº 11, 1998.

CAMPOS, Regina. *Aids: trajetórias afetivos-sexuais das mulheres.* In: BRUSCHINI, Cristina; Hollanda, Heloísa B. (org.). Horizontes Plurais: Novos Estudos de Gênero no Brasil. São Paulo, Ed. 34, 1998.

COSTA, Clarice L. *O Leito de Procusto: gênero, linguagem e as teorias feministas.* In: Cadernos Pagu, nº 2, 1994.

CORRÊA, Mariza. *O Sexo da Dominação.* In: Novos Estudos, nº 54, julho 1999.

CSORDAS, Thomas. *Embodiment as a Paradigm for Anthropology.* In: Ethos, nº 18 (1), 5-47, 1988.

CUNHA, Manuela. *Corpo Recluído: controle e resistência numa prisão feminina.* In: ALMEIDA, Miguel V. de (org.). Corpo Presente: Treze Reflexões Antropológicas sobre o Corpo. Oieras, Celta, 1996.

- DAY, Sophie.** *What Counts as Rape?* In: HARVEY, P.; GOW, P. (org). Sex and Violence: issues in representation and experience. London, Routledge, 1994.
- ENGEL, Magali.** *Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840 - 1890).* São Paulo, Brasiliense, 1989.
- ESPINHEIRA, Gey.** *Divergência e Prostituição: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel.* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro Ltda, 1984.
- FINDLAY, Eileen.** *Decency and Democracy: The politics of Prostitution in Ponce, Puerto Rico, 1890-1900.* In: Feminist Studies. Vol. 23, nº 3, 1997.
- FONSECA, Claudia.** *Cavalo Amarrado também Pasta: honra e humor em um grupo popular brasileiro.* In Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 15, ano 16, fevereiro de 1991.
- _____. *A Dupla Carreira da Mulher Prostituta.* Revista Estudos Feministas, Rio de Janeiro, IFCS / UFRJ – PPCIS / UFRJ, vol. 4, nº 1, 1996.
- FONSECA, Guido.** *História da Prostituição em São Paulo.* São Paulo, Resenha Universitária, 1982.
- FREITAS, Renan S.** *Bordel, Bordéis: negociando identidades.* Petrópolis, Vozes, 1985.
- GASPAR, Maria D.** *Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e identidade social.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 3ª edição 1984.
- GEERTZ, Clifford.** *A Interpretação das Culturas.* Rio de Janeiro, Guanabara, 1989.
- GOFFMAN, Erving.** *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.* Rio de Janeiro, Guanabara Koogan SA. 1ª edição 1963, 4ª edição, 1988.
- GUIMARÃES, Carmem.** *Mais Merece: o estigma da infecção sexual pelo HIV / Aids em mulheres.* In: Estudos Feministas, vol. 4, nº 2, 1996.
- _____. *Mulheres, Sexualidade e Aids: um projeto de prevenção.* In: COSTA, Albertina (org.). Alternativas Escassas: saúde, sexualidade e produção na América Latina. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1994.
- HENDERSON, Anthony.** *Prostitution and the City.* In: Journal of Urban History. Vol. 23, nº 2, janeiro 1997.

HODGES, Graham. *Flaneurs, Prostitutes, and Historians: Sexual Commerce and Representation in the Nineteenth-Century Metropolis.* In: Journal of Urban History. Vol. 23, nº 4, maio 1997.

JARDIM, Denise. *Performances, Reprodução e Produção dos Corpos Masculinos.* In: LEAL, Ondina Fachel (org.). *Corpo e Significado: ensaios de Antropologia.* Porto Alegre, Ed. da Universidade, 1995.

JOANIDAS, Hiroito de M. *Boca do lixo.* São Paulo, Edições Populares, 1977.

KNAUTH, Daniela R. *Uma Doença dos Outros: a construção da identidade entre mulheres portadoras do vírus da Aids.* Porto Alegre, Cadernos do Nupacs, nº 1/1996.

_____. *Subjetividade feminina e soropositividade.* In: BARBOSA, Regina; PARKER, Richard (org.). *Sexualidades pelo Avesso: direitos, identidades e poder.* São Paulo, Ed. 34, 1999.

LAGENEST, H. D. *Lenocínio e Prostituição no Brasil.* Rio de Janeiro, Agir, 1960.

LEITE, Gabriela S. *Eu, Mulher da Vida.* Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1992.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental.* São Paulo, Abril, 1976.

MARTIN, Denise. *Aids e Mulheres: uma abordagem antropológica.* Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 1995.

MAZZARIOL, Regina. *Mal Necessário: ensaio sobre o confinamento da prostituição na cidade de Campinas.* Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 1976.

MAYER, Adrian. *A Importância dos "Quase-Grupos" nos Estudos das Sociedades Complexas.* In: BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Métodos.* São Paulo, Global Universitária, 1987.

MCKEGANAY, Neil; BARNARD, Marina. *Sex work on the streets: Prostitutes and their clients.* Open University Press, 1996.

MEDEIROS, Regina. *O Impacto da Aids entre Mulheres Profissionais do Sexo.* mimeogr. Belo Horizonte, 1997.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Boletim Epidemiológico*, IX (5): dezembro a fevereiro, 1996/1997.

- MORAES, Aparecida F.** *Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis, Vozes, 1995.
- PAIM, Heloísa S.** *Vivendo como Amante de um Homem Casado: entre a legitimidade e a ilegitimidade das uniões extraconjugais*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.
- PASINI, Elisiane.** *A Prostituição e a Legislação em 3 Países do Cone- Sul*. Comunicação ABA-SUL - GT Prostituição e Cidadania, novembro 1997.
- _____. *Com Marido ou com Cliente: uma discussão acerca dos significados do uso do preservativo na vida de prostitutas de rua*. Relatório Final. Pesquisa sobre Mulheres e Relações de Gênero. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, julho 1999.
- _____. *O Uso do Preservativo Masculino entre Prostitutas de Rua: "as fronteiras da intimidade"*. Coletânea VIII Concurso de Dotações de Pesquisa, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 2000. no prelo.
- PERLONGHER, Néstor.** *O Negócio do Michê*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- PIRANI, Denise.** *Quand les Lumières de la Ville s'Éteignent: minorités et clandestinités à Paris e cas des travestis*. Tese de Doutorado. Paris, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 1997.
- PIRES, Dom José M. P. et all.** *O Grito de Milhões de Escravas: a cumplicidade do silêncio*. Petrópolis, Vozes, 1983.
- RAGO, Margareth.** *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 - 1930)*. São Paulo, Paz e Terra, 1991.
- SANT'ANNA, Denise B.** *Cuidados de Si e Embelezamento Feminino: Fragmentos para uma história do corpo no Brasil*. In: SANT'ANNA, Denise B. (org.). *Políticas do Corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo, Estação Liberdade, 1995.
- SCHUCH, Patrice.** *Carícias, Olhares e Palavras: uma etnografia sobre o "ficar" entre jovens universitários de Porto Alegre, RS*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.
- SCOTT, Joan.** *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

SOARES, Luiz C. *A Necessidade do Bordel Higienizado: Tentativas de controle da prostituição carioca no século XIX.* In: VAINFAS, Ronaldo (org.). *História e Sexualidade no Brasil.* Rio de Janeiro, Graal, 1986.

_____. *Rameiras, Ilhoas, Polacas: a prostituição no Rio de Janeiro no século XIX.* São Paulo, Ática, 1992.

SOUSA, Francisca I. de. *O Cliente: o outro lado da prostituição.* Fortaleza, AnnaBlume / Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

STRATHERN, Marilyn. *The Gender of the Gift: problems with women and problems with society in Melanesia.* Londres, University of California Press, 1988.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE